



Onde está

e Amor?



Luh Cardoso



Onde Está o Amor?

Luh Cardoso

1ª edição

Está é uma obra de ficção. Todos os nomes, lugares e pessoas são frutos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a vida real será mera coincidência.

Copyright © 2019 Luh Cardoso
Todos os direitos reservados

Prólogo

Eu sempre me senti diferente, era como se eu fizesse parte de um quebra-cabeça que não se encaixava em nenhum outro.

Me apaixonar sempre foi um problema, talvez por causa da minha sinceridade que, na maioria das vezes, é confundida como grosseria. Sinceridade hoje em dia, é sinônimo de defeito. As pessoas não querem saber a verdade, preferem viver em um mundo de mentiras, onde todos são perfeitos e felizes.

Durante muito tempo me perguntei: Onde está o Amor? Nunca obtive resposta, como disse antes, ser diferente, assusta as pessoas. Se não gosta de sinceridade não me pergunte, se não consegue conviver comigo, não se aproxime. Apesar de todos pensarem que não tenho sentimentos, isso não é verdade. Eu amo e sofro como você, apenas com intensidade diferente e, antes que você faça um pré-julgamento de mim, procure me conhecer melhor.

Meu nome é Davi Oliveira, tenho TEA, Transtorno do Espectro Autista.

UM



Davi

Acordei ao som de uma melodia que conheço bem, eram as notas de uma de minhas músicas preferidas, *Always* da banda Bon Jovi. Ela estava sendo tocada no piano que ficava na sala, no andar de baixo e parecia estar sendo cantada por um anjo.

Nem todos os sons são bem aceitos por mim, pelo contrário, algumas músicas podem desencadear uma série de fatores que acabarão com meu dia, mas o som que vinha da sala era harmonioso e a voz feminina que chegava até meus ouvidos era extremamente agradável. Fiquei feliz ao ouvi-la.

Sai da cama e, ainda de pijama, caminhei lentamente até a escada. O som daquela voz entrava em meus ouvidos provocando-me arrepios de felicidade. Dei mais dois passos e então, a vi.

Uma moça de cabelos loiros e ondulados continuava cantando enquanto tocava. Ela estava de olhos fechados por isso não me viu. Parecia relaxada e feliz. Decidi me esconder, abaixando-me para poder vê-la e ouvi-la melhor. Fechei os olhos enquanto absorvia cada palavra.

— *I'll be there till the stars don't shine, till the heavens burst and the words don't rhyme, and I know when I die, you'll be on my mind and I'll love you always...*

Enquanto ela tocava eu imaginava cada palavra e seus acontecimentos.

“Eu estarei lá ainda que as estrelas não brilharem” (...)

Como as estrelas poderão deixar de brilhar algum dia? Isso é impossível, pensei.

“Até os céus explodirem e as palavras não rimarem” (...)

Engraçado, em meu mundo elas rimam quase sempre, mas essa coisa de céu explodir, não gosto. Não me parece romântico porque, se os céus explodirem, nós não vamos morrer? Qual o sentido de amar alguém se vai morrer? A letra diz:

“Eu sei que, quando eu morrer, você estará em minha mente para sempre e eu amo você”. (...)

Agora faz sentido, pensei.

Ela continuou tocando a parte da melodia no piano, eu adoro essas notas, eu mesmo as toco quando estou feliz.

Na segunda parte da música, fechei os olhos, imaginando como seria se eu estivesse tocando uma bateria, ali ao lado dela, fazendo movimentos para frente e para trás, batendo as baquetas, mas infelizmente esse som não faz bem aos meus ouvidos. É

como se estivessem dando marretadas em minha cabeça e isso não é agradável, afinal ninguém quer levar marretadas na cabeça, mas como a música estava muito boa de ser ouvida e não havia bateria tocando, somente o som do piano, eu continuei ali sentado, ouvindo e cantando baixinho junto com ela.

“If you told me to cry for you I could”

(Se você me dissesse para chorar por você, eu poderia)

“If you told me to die for you, I would...”

(Se você me dissesse para morrer por você, eu morreria)

Eu não gostei dessa frase, nunca a entendi na verdade, ainda bem que Bon Jovi nunca fez nenhuma dessas coisas porque perderíamos um grande cantor. Ele certamente deve pensar como eu, que chorar por alguém é bem ruim, mas morrer por alguém é muito pior, por isso não o fez até hoje. Homem sábio! Tem meu respeito, John Francis Bongiovi Jr.

Abri os olhos novamente e ela estava de olhos abertos também, repetindo o refrão e finalizando a música. Vislumbrei seu rosto e fiquei nervoso, eu queria me mover, mas não consegui. Tudo o que fiz, foi continuar olhando fixamente para ela e me movimentar para frente e para trás, lentamente. Isso sempre acontece quando fico nervoso.

Eu estava hipnotizado, nunca mais esqueceria aquela voz. Fiquei assim até ela finalizar a música e tocar a última nota no piano. Ela não me viu, então, sorrateiramente, engatinhando pelo chão, voltei ao meu quarto e fechei a porta com força. Não sei o motivo, mas meu coração estava acelerado, talvez por medo de ter sido descoberto. Acabei batendo a porta do quarto com força.

Dois



Eva

Abri meus olhos enquanto cantava porque senti que estava sendo observada, Gisele minha amiga e parceira de trabalho, garantiu que seu noivo Elói, havia saído ainda de madrugada e que estaríamos apenas nós duas em casa, por isso, quando vi o piano na sala não resisti e fui até ele.

Eu amo música! Minha mãe Giovana me disse que ouviu música durante toda a gravidez, porque ela é apaixonada por música dos anos oitenta. Meu nome era para ser Cindy por causa da Cindy Lauper, a queridinha dos anos oitenta e da minha mãe até hoje, mas devido à história de como meu pai, Antônio e minha mãe se conheceram e tudo o que eles passaram, acabei me chamando Eva, e como a criatividade da minha mãezinha não tem limites, me chamo Eva Cyndi. Eu sei! Que nome! Meus pais são únicos, mas eu os amo e penso que poderia ter sido pior, considerando a criatividade de minha mãe. Ela diz que já sofreu demais nessa vida para se preocupar com o que os outros vão pensar sobre isso. Ela ama o meu nome e eu a amo. Eu tenho os pais mais loucos e divertidos que alguém poderia ter e, segundo meu pai, Antônio, sou muito careta e está na hora de ter um namorado.

Agora, ele canta essa música pela casa o dia todo, quando estou por perto, segundo ele é para liberar a alma romântica que existe dentro de mim, por isso, minha música preferida não me sai da cabeça... Always.

Aproveitei que não havia ninguém em casa e corri para o piano assim que acordei. A Gisele trabalha comigo na Divisão de Apoio e Proteção às Vítimas de Maus Tratos. Formamos uma boa parceria e, juntas tentamos tornar o mundo das pessoas que sofrem algum tipo de agressão, um pouco melhor.

É desesperador saber que, em pleno século vinte e um, pessoas agredem outras pessoas por motivos torpes. Nosso trabalho é investigar, acompanhar e resolver os inúmeros casos que chegam à nossa mesa todos os dias.

Hoje estamos de folga, então a Gisele foi até a padaria buscar nosso café e eu resolvi soltar a voz.

A sensação de estar sendo observada não me abandonou. Talvez por causa do meu trabalho, mesmo relaxada, estou sempre perceptiva aos acontecimentos à minha volta. Podia jurar que havia mais alguém na casa, e como não gosto de ficar na dúvida, resolvi investigar.

Subi lentamente os degraus da escada e parei no primeiro quarto, onde eu havia dormido. Entrei e dei uma boa olhada em tudo, não havia ninguém. Fui até o quarto da

Gisele e do noivo, nada. Olhei para o último quarto no fim do corredor, a porta estava fechada e eu decidi ir até lá para me certificar de que tudo estava e ficaria bem. Mal dei dois passos, ouvi um barulho vindo da escada.

Encostei-me na parede para sair do campo de visão de quem quer que fosse. Minha arma estava no quarto. Burra! Abri a porta do banheiro e entrei procurando por algo que pudesse servir de arma. Onde trabalhamos há sempre uma pressão psicológica no ar, mas nunca nos aconteceu nada de grave porque sempre estamos em estado de alerta. Encontrei o rodo que a Gisele estava usando para limpar o banheiro e o peguei. É estúpido eu sei, mas não havia mais nada ali, com que eu pudesse me defender.

Ouvi passos se aproximando da porta do banheiro e segurei o cabo em punhos, esperando para atacar. A porta foi aberta com tanta força que acabou batendo na minha testa, enquanto eu caía no chão com a Gisele apontando uma arma para mim.

— Sua louca! Quer me matar de susto! — Ela falou abaixando a arma.

— Ai minha testa! — Passei a mão pelo caroço que se formou por causa da pancada. — Está querendo me matar, Gisele? — Perguntei brava.

— Não acredito que você pensou que ia me deter com um *Mopi*.

E dizendo isso, caiu na gargalhada, enquanto me ajudava a levantar. Não resisti e ri junto.

— O que você queria que eu fizesse? Não tem nada nesse banheiro para uma mulher se defender. Isso ficou feio. — Olhei meu rosto no espelho e toquei a testa. — Se isso não melhorar até amanhã, você vai ver só!

Gisele continuava rindo, enquanto olhava para mim e meu galo que crescia acima da sobrancelha. Um dia desses vamos acabar nos matando.

Três



O caroço na testa continuou feio no dia seguinte, então precisei ir até a clínica para verificar que não havia nada de errado comigo. Sei que estou bem, mas preciso provar isso no trabalho.

Abri a porta da clínica, a recepcionista não estava. Olhei em volta e, em um canto, estava um homem de cabelos pretos, usando uma calça jeans e camisa azul enrolada até os cotovelos. Ele parecia nervoso, entrelaçava os dedos e seus pés batiam freneticamente no chão. Devia estar muito preocupado com o resultado de um exame, ou nervoso por ter que fazer um.

Como eu continuei ali parada, ele virou a cabeça em minha direção. Não sei se foi impressão minha, mas ele pareceu assustado ao me ver. Seus olhos eram de um tom de verde que eu nunca tinha visto até hoje, mas não havia brilho em seu olhar, ele parecia assustado, muito assustado.

Eu falei um “Bom dia” e, ele se virou rapidamente, para o lado oposto sem responder.

Revirei os olhos, tão bonito e mal-educado, pensei.

Os homens bonitos às vezes me dão raiva porque eles estão sempre pensando que, todas as mulheres do mundo, querem cair em sua cama. Se bem, que esse homem, que deveria ter mais ou menos a minha idade, uns vinte e quatro anos, parecia realmente nervoso. Ele continuava batendo os pés freneticamente, no chão e agora parecia que iria arrancar os dedos das mãos, de tanto que os torcia.

A recepcionista abriu a porta do consultório da doutora Érica, me cumprimentou e, olhando para o homem, disse:

— Davi, a doutora vai atender você agora.

Ele levantou rapidamente e, como um furacão, passou por nós, entrou e fechou a porta, batendo com força, fazendo com que nós duas pulássemos de susto.

— Paciente ansioso. — Ela disse sorrindo, depois me levou para outra sala de exames.

Fiquei no consultório por quase quarenta minutos e, depois de ser atendida pela doutora Érica, sai em direção à área dos elevadores. Percebi que o homem nervoso do consultório estava ali parado, diante da porta do elevador. Era estranho porque ele havia saído já há algum tempo e, naquele corredor, não havia outro lugar que ele pudesse ter ido.

Caminhei lentamente até ele. Devido ao meu trabalho, aprendi a analisar o comportamento humano. Aquele homem parecia muito nervoso e, um homem nervoso,

poderia ser agressivo.

As portas do elevador se abriram e eu aguardei um instante, na esperança de que ele entrasse primeiro, o que não aconteceu. Ele continuou olhando para dentro do elevador como se estivesse hipnotizado. Em poucos passos, fui até ele e olhei em seus olhos, ele desviou o olhar, entrei e fiquei alerta para qualquer movimento suspeito que ele possa fazer. Como ele não entrou, eu perguntei:

— Desce?

Com duas passadas largas, ele adentrou e ficou em um dos cantos, longe de mim. Eu agradeci mentalmente. O pobre homem deve ter pânico de elevadores, pensei.

Ficar presa em uma caixa enquanto ela despenca lentamente de um prédio também não me deixa tranquila, mas são muitos degraus até o térreo e não teríamos como descer pelas escadas. Tentando amenizar o desconforto dele, disse, voltando-me para ele e sorrindo:

— Eu tenho medo de elevadores, sabe.

Por alguns segundos ele continuou em silêncio e não esboçou nenhuma reação ao meu comentário. Cheguei a pensar que tivesse algum problema de audição, mas então, quando eu já havia aceitado que ele simplesmente resolveu me ignorar, ouvi:

— Eu não tenho medo de elevadores, na verdade tenho medo das pessoas. Elevadores são máquinas e não podem me fazer mal, pessoas sim. — disse secamente, enquanto olhava para o painel luminoso dos números, acima da porta, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça.

Confesso que não esperava por essa resposta, e aquilo me deixou intrigada.

Meu trabalho é dar proteção às vítimas de abusos, seja ele qual for, pensei que aquele homem pudesse estar sofrendo algum tipo de abuso, por isso aquela resposta. Tentando obter mais informações, falei:

— De que tipo de pessoa você tem medo? Se você precisa de ajuda, eu posso ajudá-lo. Tem alguém ameaçando você?

Ele ficou alguns segundos em silêncio e depois respondeu, girando o corpo em minha direção, mas sem me olhar nos olhos.

— Penso que isso não é de sua conta. Não preciso falar sobre isso com você, que é uma estranha para mim. — Ele se voltou de frente para a porta do elevador novamente, me ignorando completamente.

Fiquei atônita com a resposta dele, não esperava por aquilo. Passei as mãos nos cabelos e sorri nervosamente, ainda sem acreditar no que ouvi.

— Seu pai não te deu educação, não?

Sei que eu não devia ter dito aquilo, mas eu estava tentando ajudar e ele se comportou de forma hostil.

— Na verdade fui educado por minha mãe, meu pai a abandonou quando soube que ela estava grávida, mas há alguns anos, me procurou para pedir perdão, por tudo o que

nos fez sofrer. Eu o desculpei e dias depois, ele sofreu um acidente de carro e morreu.

Ele falou tudo isso rapidamente, sem desviar os olhos do painel do elevador, sem expressar nenhuma emoção, como se estivesse me contando como foi seu dia entediante no trabalho.

Eu pisquei várias vezes para absorver melhor o que ele havia dito, na esperança de que ele olhasse para mim e sorrisse dizendo que estava brincando, mas isso não aconteceu.

— Eu sinto muito. — Foi só o que consegui dizer.

— Não sinta. Ninguém sentiu a morte dele lá em casa.

As portas do elevador se abriram e ele saiu rapidamente. Caminhou alguns metros, virou em minha direção e disse:

— A propósito, sua voz é encantadora.

Eu fiquei ali dentro do elevador parada, olhando para o vazio à minha frente. Aquela foi a conversa mais estranha que eu já tive em toda a minha vida. O homem que se mostrou hostil até agora a pouco, fez um elogio e saiu tão rapidamente quanto entrou, me deixando sem entender o que havia acontecido. Que belo jeito de começar a manhã.

Quatro



Quando cheguei ao departamento, a Gisele falava ao telefone e parecia preocupada. Guardei minha bolsa e liguei o computador para mais um dia de trabalho. Alguns colegas fizeram brincadeiras sobre eu ter apanhado da Gisele e, eu respondi que minha vingança já estava sendo programada. Ela desligou o celular e suspirou profundamente.

— Algum problema, Gi?

— Era minha mãe. Você sabe, família sempre é complicado.

— Se precisar de ajuda, estou aqui.

— Obrigada amiga.

Eu conheço a Gisele há um ano e somos boas amigas, mas ela não é de falar da família e eu respeito isso. O que eu sei é que ela mora com o noivo Elói há três anos, que a família dela é de São Paulo, mas nada, além disso. Ela já esteve em minha casa várias vezes, moramos a beira mar, no verão, ela fica conosco. Meus pais gostam muito dela, e nos tornamos boas amigas. Eu passo a maior parte da semana na casa dela, que é mais perto de onde trabalhamos.

Resolvi contar para ela o que aconteceu comigo hoje.

— Conheci um homem muito estranho hoje.

— Como assim, estranho? Não me diga que entrou naquele aplicativo de relacionamentos de novo?

— Eu fiz isso uma única vez e você faz questão de jogar na minha cara todos os dias da sua vida, não é mesmo? Não. Foi no elevador.

Ela deu uma gargalhada, me fazendo lembrar de como eu tinha ficado brava quando o homem do aplicativo me enviou uma foto nu.

— Ele era bonito?

— Você não ouviu o que eu disse? Ele era estranho. Estava nervoso e quando eu tentei ajudar, disse que seu nervosismo não era da minha conta e, quando eu o chamei de mal-educado, ele resumiu a história de sua família em segundos, dizendo que o pai havia morrido, como se isso fosse desculpa por ter sido mal-educado.

— Só porque ele é mal-educado não precisa ser feio. E conhecendo você, com certeza, encheu o coitado de perguntas, por isso ele reagiu dessa forma. — E aí? Era bonito ou não?

A Gisele estava realmente estranha hoje. Ela também parecia estar de mau humor.

— Era. Era muito bonito. Satisfeita? Que bicho te mordeu hoje? Aliás, parece que hoje não é o meu dia. Está todo mundo de mau humor à minha volta.

— Desculpa Eva. Eu não estou tendo uma boa manhã.

— Brigou com o Elói?

— Não. Está tudo bem entre nós. Meu irmão está chegando da Itália hoje e vai passar um tempo lá em casa e isso vai mudar a minha rotina.

— Mas, seu irmão não é mais velho que você? Ele já é um homem, sabe se virar sozinho.

— Nenhum homem sabe se virar sozinho, minha amiga. Muito menos o meu irmão.

— Bem, isso significa que nossas noites regadas a vinho e filmes românticos terminaram.

— Nem pensar! Não vou mudar minha rotina por causa dele. Eu o amo, mas às vezes ele me dá nos nervos.

— Ele vem a trabalho? — Perguntei curiosa.

— Sim. Por isso estou nervosa, não sei por quanto tempo ele vai ficar. Mal dou conta de cuidar da casa e do Elói e agora vai ser mais um para eu me preocupar.

— Ele trabalha na polícia? Por isso está preocupada?

— Não. Ele trabalha para uma editora fazendo traduções de obras literárias.

— Que máximo! Ele fala que idioma?

A Gisele deu um sorriso e revirou os olhos, parecendo que estava com ciúmes do irmão.

— Ele fala além de um perfeito Português, Inglês, Italiano, Francês, Alemão, Espanhol e Chinês.

— Minha nossa senhora bilíngue! Seu irmão deve ser um nojo de tão inteligente.

Dei uma gargalhada, agora entendendo o porquê de ela ter feito aquela cara, minutos antes.

— Entende agora porque estou aflita! Ele tem a mania de corrigir tudo o que eu falo. Aquele *Nerd*.

— Você tem inveja dele! — Dei outra risada, chamando a atenção dos colegas de trabalho. — Por isso está tão preocupada.

— Ele é uma pessoa muito especial. Apesar da inteligência acima da média, é um ser humano completamente desligado das coisas materiais. Não me entenda mal, eu o amo, mas tê-lo aqui é um trabalho a mais para mim. Quando você o conhecer, vai entender do que estou falando.

— Não se preocupe, se as coisas ficarem difíceis, você sabe que pode dormir lá em casa. Meus pais adoram quando você vai lá.

— Obrigada amiga, mas não posso deixar meu irmão sozinho em minha casa.

Não consegui entender a preocupação da Gisele. A menos que o irmão dela seja um delinquente e, pelo o que ela falou, ele é muito diferente da maioria dos homens que nós conhecemos. Alguém que fala seis idiomas deveria, no mínimo, ser digno de confiança.

Cinco



Era pouco mais de seis da tarde quando nós saímos do trabalho. Gisele me convidou para jantar com ela, pois estava nervosa com a presença do irmão e, como o Elói não tinha hora para chegar em casa, eu aceitei.

Eu disse que primeiro ia até minha casa, me tornar apresentável, já que seu irmão era praticamente um *Lord* Dinamarquês.

— Bobinha. — Ela respondeu quando me viu fazendo uma reverência. — Não demore. Faz muito tempo que não fico sozinha com meu irmão. Acho que me esqueci de como lidar com ele.

— Ele é só seu irmão *Nerd*, que veio fazer uma visita.

— Ele é bem mais do que isso, você vai ver.

Dizendo isso, ela se despediu e entrou no carro.

— Quanto mistério! — Falei entrando no meu.

Agora sim, fiquei muito curiosa sobre o irmão dela.

Cheguei em casa e fui recebida pelo meu cachorro preferido, o *Thor* ele é nosso xodozinho. Minha mãe estava no colo de meu pai. Ela apoiava a cabeça no peito dele, enquanto ele afagava seus cabelos. Segundo ele, o melhor cheiro do mundo é o perfume dos cabelos de minha mãe.

Essa era a cena que eu presenciava todas as noites quando voltava para casa. Apesar de anos de casamento, os dois vivem em eterna lua de mel e meu peito se enche de calor ao vê-los assim. Eles são a definição perfeita do que é o amor.

— Olha quem chegou! Minha segunda mulher preferida.

Disse meu pai, abrindo os braços para me receber. Fui até eles e demos um abraço triplo, e depois beijei cada um deles.

— Queria ser sua primeira preferida, pai! — Falei fingindo estar triste.

— Um dia você vai ser a preferida de alguém, meu amor. — Ele respondeu acariciando minha mão. — A propósito, vai cantar para nós hoje?

— Não, vou jantar com a Gisele. O irmão chato dela chegou de viagem e ela não quer ficar sozinha com ele.

— Minha filha tem um encontro? É isso que estou ouvindo, marido? — Minha mãe sorriu, empolgada.

— Mãe, qual foi a parte de jantar com o irmão CHATO da Gisele, que você não

entendeu? — Falei revirando os olhos. — Você fala da sua amiga, que sempre insistiu em te fazer namorar os caras errados e, agora, está fazendo o mesmo comigo!

— Mas a sua mãe pelo menos tentava, e ainda bem que nunca deu certo, seu destino era ficar comigo! — Disse o meu pai, beijando minha mãe.

— Ai, vocês dois não cansam de namorar, não? — Falei subindo as escadas. — Vou tomar um banho. Continuem aí, nesse grude eterno! — Eu disse, entrando no quarto e fechando a porta. Falo isso, mas morro de inveja do amor deles. Quem sabe um dia o meu apareça também.

Uma hora depois, desci as escadas e gritei:

— Estou saindo, não esperem por mim! Meu pai adentrou a sala, feito um furacão e me olhou dos pés a cabeça, perguntando:

— Onde está o resto do seu vestido, Eva?

— Pai, não começa! — Falei revirando os olhos.

— Giovana! — Ele chamou minha mãe. — Olha o jeito que a sua filha está saindo para jantar com o irmão chato da Gisele.

Minha mãe entrou na sala enxugando as mãos e me olhou sorridente, dizendo:

— Você está linda, filha! Ele vai ficar caidinho por você!

— Céus! — Revirei os olhos

— Giovana! — Meu pai retrucou bravo.

— O que foi Antônio? Você vive dizendo que a Eva é caretona, que ainda não tem um namorado e, quando ela finalmente tem um encontro, você fica com ciúmes?

— Isso não é um encontro! — resmunguei, desanimada.

— Mas com esse vestido, ele vai atacar ela antes da sobremesa, coração! — Meu pai disse indignado.

— Deus te ouça! — Respondeu minha mãe. — Ou você tem a tola ideia de que sua filha ainda é virgem? Ela tem vinte e quatro anos e não quatorze!

— Mãe! — Gritei envergonhada com o rumo daquela conversa.

— Amor! — Gritou meu pai, parecendo admirado com aquela revelação. — Eu não posso acreditar no que estou ouvindo! Minha filhinha enroscada com um cara que eu nem sei quem é! Eu quero o nome completo desse sujeito, Eva! Traga ele aqui para eu conhecê-lo ou eu mesmo vou buscar e...

— Antônio? — Chamou minha mãe, docemente para meu pai.

— Hum? — Ele resmungou, cruzando os braços, pois já sabia o que ela diria.

— Cala a boca. — Completou docemente, o abraçou e deu-lhe um beijo.

Eu aproveitei a situação para sumir dali. Não falei que meus pais são completamente loucos?

— Ele vai comer ela de sobremesa, Alex! — Meu pai resmungou, parecendo

criança birrenta.

— Amor, você fez a mesma coisa comigo e eu amei, então cala a boquinha e me beija.

— Mas ela é só uma menina!

— Agora, Antônio!

— Mandona!

Antônio abraçou Alexia e a beijou com carinho. Queria que sua filha encontrasse um amor como ele encontrou Giovana, mas não precisava ser tão rápido assim, pensou enquanto abraçava sua esposa.

Seis



Entrei no carro com uma baita dor de cabeça. Meu pai às vezes me enlouquece e, usa seus dons de investigador, para me atormentar sobre os caras que estou saindo.

Eu sei que ele usa tudo o que aprendeu enquanto era agente da CIA, depois em sua empresa de guarda costas e, todas aquelas coisas de seguir, colocar escuta, mas ultimamente ele anda muito paranoico. Imagina se eu vou me envolver com um irmão *Nerd* e chato da minha parceira de trabalho! Não tenho estrutura psicológica para isso!

Cheguei na casa da Gisele e estacionei o carro ao lado do dela na garagem. Ainda estava atordoada com a cena patética do meu pai. Quando será que ele vai me ver como mulher e não como criança?

Eu sempre entro direto quando chego, mas hoje o irmão dela está aqui, então resolvi bater na porta e esperar alguém atender. Se ele for muito chato, não sei se vou conseguir ficar para o jantar. Hoje não foi um bom dia para mim.

A porta se abriu e, um homem de mais ou menos vinte e cinco anos foi quem atendeu. Ele tinha os cabelos pretos, a boca desenhada como se o próprio criador a tivesse feito com um pincel. Tive a sensação de que já o conhecia. Sua barba estava irritantemente bem-feita, cada fio em seu devido lugar. Quando encontrei seus olhos, eles estavam fixos nos meus e eram de um verde que eu não sabia explicar se já tinha visto tal cor. Sua colônia adentrou minhas narinas e eu precisei respirar profundamente duas vezes para me lembrar de onde eu estava e quem era ele. A perfeição em forma de homem. Seria, se ele não tivesse estragado tudo dizendo:

— Quer entrar ou vai continuar aí me olhando com cara de bobona?

Pisquei várias vezes para assimilar aquelas palavras grosseiras, eu não pude acreditar no que os meus olhos estavam vendo. Agora o reconheci, ele era o homem de hoje cedo, que vi no consultório e depois no elevador. Era ele o irmão da Gisele?

— Davi, com quem você está falando?

Gisele apareceu na sala e, quando me viu deu um largo sorriso. Eu continuei ali, parada com cara de bobona e muito brava. Senti meu rosto em chamas.

— Estou falando com sua amiga cantora, que eu encontrei no consultório hoje cedo.

— Entre Eva, deixe eu te apresentar o meu irmão.

Ela me puxou pelo braço e parecia tão nervosa quanto eu, depois me guiou até o centro da sala de estar e nós três ficamos em pé, nos olhando. A única pessoa que parecia inabalável era seu irmão. Ele olhava para nós duas com um leve sorriso no rosto.

— Eva, esse é Davi, meu irmão.

— Oi. — Eu disse estendendo a mão para ele. Não consegui dizer mais nada, ainda estava em choque por saber que ele é o irmão da Gisele. Lindo e arrogante.

Ele olhou para minha mão estendida, enquanto as suas continuavam nos bolsos da calça. Por um momento pensei que ele estivesse nervoso, mas o que ele falou a seguir me fez entender que ele era um homem extremamente presunçoso.

— Eu já a conheço. — Davi virou as costas e caminhou até a janela, olhando para fora. — Ela é a mulher que lhe falei, a que fez perguntas sobre minha vida hoje cedo no elevador. — Ele continuou de costas para nós e ficou observando alguma coisa lá fora.

— Eu não fiz perguntas sobre sua vida. — Disse, ficando irritada com tamanha falta de educação dele. — Você parecia nervoso e, eu só quis ajudá-lo!

— Eu não preciso de sua ajuda. Consigo andar perfeitamente bem sozinho por aí. — Ele disse me olhando com um sorriso irônico no rosto.

— Você é muito arrogante não é mesmo? — Cami-nhei brava até ele e o encarei. Ele desviou o olhar. — Olhe para mim quando falo com você! Quem pensa que é para falar comigo dessa forma? Você foi um estúpido comigo hoje cedo e agora, eu mal entrei em sua casa, você continua se comportando como se fosse um ogro!

— Eu não sei do que você está falando! — Ele respondeu, sorrindo fazendo um gesto com as mãos, que me deixou ainda mais irritada. — Ela tem algum problema em se relacionar com os homens? Por que ela parece tão brava? — Agora ele olhava para a Gisele enquanto perguntava.

— Davi, por favor! Ela não conhece você. Nós já conversamos sobre isso. Você não pode falar assim com quem ainda não conhece você.

— Mas eu só falei o que aconteceu, Gisele. Não estou mentindo, você sabe que eu não minto! Ela estava no elevador e ficou fazendo perguntas sobre o meu pai. Ela queria saber que tipo de educação ele me deu e eu simplesmente respondi. Não foi isso o que aconteceu, Eva?

Sete



Eu olhava de Gisele para ele e, parecia que eles estavam brincando comigo.

Agora entendi o motivo pelo qual, Gisele ficou nervosa hoje cedo, quando soube que o irmão iria visitá-la, ele era um completo arrogante e imbecil.

— Responda Eva, não foi isso o que aconteceu? — Ele insistiu.

— Davi, já chega dessa conversa. Eu vou explicar tudo para você, Eva. Sente-se.

— Me desculpe Gi, você sabe que eu gosto muito de você, mas não vou conseguir ficar aqui nem mais um minuto. Seu irmão é intragável!

Caminhei em direção à saída, e Gisele veio atrás de mim, me pedindo que ficasse. Havia tanto desespero em sua voz e, eu me preocupei. Será que ele a agredia?

— Eu posso explicar tudo. Por favor, Eva. Você é minha única amiga nessa cidade. Por favor, não vá embora.

Olhei para ela e percebi que estava a ponto de chorar, então resolvi ficar.

— Tudo bem, eu fico. Desculpe-me, eu não quis ser grosseira.

Ela entrelaçou seu braço no meu e me guiou até o sofá. Me sentei, estava exausta com tudo o que aconteceu ali. Ela respirou fundo, e chamou seu irmão.

— Davi, você pode vir aqui sentar no sofá, por favor?

— Claro que sim. — Ele sorriu para ela caminhando em nossa direção e sentando ao meu lado, como se nada tivesse acontecido.

Fiquei entre os dois e, confesso que estava intrigada com o que eles tinham para me contar.

— Então, Eva. — Gisele deu um profundo suspiro. — Este é o meu irmão Davi. Vou explicar para você os motivos do comportamento dele. Depois, se você não quiser ficar, eu entenderei.

Fiquei preocupada e sentei ereta no sofá, nervosa para saber o que ela diria.

— Gisele, deixe-me explicar para Eva, afinal de contas, ela ficou brava por conta do que eu lhe falei.

Davi falou aquelas palavras de forma tão doce que, em nada se pareceu com o homem de agora a pouco. Isso me deixou ainda mais nervosa.

— Tudo bem, Davi, ninguém melhor do que você, para explicar o que acontece.

Ele se voltou para mim com uma expressão suave no rosto e começou:

— Eu me chamo Davi, tenho vinte e seis anos e tenho TEA, que significa Transtorno do Espectro Autista. Vou explicar para você em poucas palavras, para não a confundir. — Ele falava pausadamente. — O Autismo, em algumas pessoas, se manifesta de uma forma diferente da que você já deve ter ouvido falar. No meu caso, ele apresenta menor gravidade, então é chamado de *Asperger*. Costumamos nos chamar de *Aspies*. Minha inteligência e linguagem se apresentam relativamente normais, apesar de eu ter alguns problemas de descoordenação física e um linguajar de forma particular, como você pode perceber. Entenda Eva, eu não sou louco e nem tenho problemas psicológicos, eu apenas sou diferente dos outros homens que você está acostumada a lidar. Se você me fizer uma pergunta, eu vou dar a resposta que, para mim é coerente. Eu não uso metáforas, então, se você disser que eu pareço um ogro, eu vou imaginar que você está me vendo como um personagem de filme ou desenho. Não consigo perceber suas ironias ou o porquê de você estar brava comigo, se você não me disser literalmente o motivo, você entende o que estou falando?

Céus! Agora sim, fiquei me sentindo muito mal. É claro que eu sei o que é Autismo, e admiro muito cada uma das famílias que passam por isso, porque é uma luta constante para conquistar um espaço para as crianças em meio à sociedade, mas eu nunca conheci um adulto Autista. As coisas agora começaram a fazer sentido. Todas aquelas respostas diretas que ele me deu e suposta grosseria!

— Eva? — Gisele me chamou. — Você está bem?

— Sim, é que eu não esperava por isso. — Falei olhando para ela. — Pode me explicar um pouco mais? — Pedi, olhando para Davi.

— Posso sim. — Ele sorriu. — Como eu estava dizendo, eu sou uma pessoa como todas as outras, mas se você quiser que eu entenda o que está falando, precisa ser específica. Você não pode me dar muitas informações, deve me pedir uma coisa de cada vez. Vou explicar:

— Davi, pegue ali, na gaveta a colher de arroz para mim, rápido porque eu estou com pressa, preciso mexer o arroz. — Ele imitou uma voz feminina e, eu achei engraçado. — Isso causa uma pequena confusão em minha cabeça, são muitas informações chegando de uma só vez, mas se você disser: — Davi, pegue a colher que está na primeira gaveta para mim, vai ser bem melhor de eu entender e eu vou fazer isso rápido e corretamente.

Oito



— Entendi. — Falei olhando para ele e ele fugiu do contato visual. — Continue, por favor.

— Eu posso fazer tudo o que qualquer pessoa faz, porque tenho um grau leve. Fiz faculdade de administração e Letras, as minhas notas sempre foram as mais altas da turma devido ao meu Q.I elevado. Algumas pessoas pensam que, todos quem tem TEA são loucos ou transtornados psicologicamente e isso é um grande erro. Eu tenho alguns problemas com sons, alguns tipos de tecidos, etiquetas de roupas, seletividade alimentar e principalmente sensibilidade ao toque e à luz. Por isso não a cumprimentei quando você me estendeu a mão. Eu posso fazer isso, mas preciso estar preparado para fazê-lo. Preciso organizar os pensamentos em minha cabeça, antes de tocar em você. Caso contrário, esse toque para mim, pode se torna uma dor física. Você está conseguindo me entender?

— Sim, estou! — Eu sorri para ele, sentindo toda a minha frustração por pensar ter conhecido um homem tão arrogante, ir embora. Tudo fez sentido agora. — Desculpe-me por tê-lo tratado tão mal desde que nos conhecemos, eu não fazia ideia do que estava acontecendo. Você me deixou sem chão. Quer dizer, eu fiquei...

— Tudo bem, eu entendi. Estudei algumas gírias e metáforas e consigo entender o que você quer dizer com isso. Não se preocupe Eva. Você não tinha como saber. Hoje eu sei o que algumas metáforas e gírias significam, mas quando eu era criança se você me dissesse isso, eu iria imaginar que você estava flutuando porque seu chão sumiu. — Ele sorriu.

Foi a primeira vez que vi seu sorriso espontâneo e feliz. Olhei para a Gisele e ela estava com os olhos rasos d'água. Finalmente consegui entender o que acontece com ela, em relação ao irmão e às outras pessoas.

— Obrigada por ficar e ouvir o que ele tinha para contar. — ela tocou minha mão.

— Estou feliz por ter ficado. Eu queria matar você agora a pouco! — falei sem pensar, olhando para Davi, mas depois tentei me explicar. — Não foi o que eu quis dizer...

— Tudo bem Eva, eu entendi. Sei que você não queria me matar de verdade. Davi disse fazendo um gesto com as mãos e eu fiquei muito curiosa para saber mais sobre ele e sobre TEA.

— Bem, agora que está tudo esclarecido, vamos comer! Eu fiz uma lasanha e ela já deve estar pronta.

— Davi, você pega os copos que estão na bancada da cozinha e traz para a mesa, por favor?

— Claro que sim, minha irmã. — Ele se levantou e saiu em direção da cozinha.

— Gi, seu irmão é um ser humano incrível! — disse emocionada.

— Eu sei. Fiquei com tanto medo que você fosse embora, de perder você e sua amizade.

— Sua bobona! Vem cá, e me dá um abraço.

Nos abraçamos e tentamos não chorar ali. Hoje foi realmente diferente de tudo o que já me aconteceu, mas agora que eu sabia de tudo, consegui respirar aliviada e feliz por conhecer aquele homem tão especial.

Depois que Davi colocou os copos na mesa, Gisele foi buscar a lasanha e eu ocupei o meu lugar na cadeira lateral, enquanto Davi sentava na ponta da mesa. Gisele voltou com a lasanha e sentou à minha frente.

— Está com um cheiro bom! — Eu disse sentindo o aroma de queijo e molho.

— Está mesmo. — disse Davi. — Estou com muita fome! Posso servir vocês?

— Claro que sim. — Respondeu Gisele. — Eu sei que você teve uma má impressão de meu irmão hoje Eva, mas ele é um perfeito cavalheiro.

— Ela está me bajulando para ganhar um pedaço maior. Faz isso desde criança. — Ele disse cortando um pedaço de lasanha. — Mas temos visitas, e o primeiro pedaço vai para ela. Para a garota com voz de anjo. — Disse ele, colocando um generoso pedaço em meu prato.

Gisele franziu a testa, sorrindo e me olhando desconfiada.

— Por que você disse isso Davi? Gosta da voz da Eva?

— Não, falando ela parece um sargento do exército. — disse ele naturalmente. — Mas cantando, ela tem a voz mais doce que eu já ouvi. — Concluiu ele, colocando um pedaço de lasanha no prato de Gisele.

Nós nos olhamos e rimos daquele comentário.

— Sargentona! — Gisele me provocou e eu mostrei a língua para ela e, ela para mim.

— Vocês duas já passaram da idade de serem infantis, não acham? — Davi disse fazendo um sinal de reprovação com a cabeça e nós duas colocamos a língua para ele, rindo muito.

— Agora fiquei curiosa. Onde você ouviu Eva cantando?

— Ontem pela manhã. Eu estava dormindo e acordei com o som do piano. Fui sorrateiramente até as escadas e a vi. A garota com voz de anjo. — Ele disse sem me olhar e começando a comer.

Nove



Confesso que fiquei constrangida com aquele comentário que, para ele pareceu não ter significado algum, mas minhas bochechas ficaram vermelhas.

— Você a deixou envergonhada, meu irmão. — Gisele disse me provocando. — Mas, como eu não vi você chegar? Eu pensei que você havia chegado hoje.

— Não. Cheguei ontem, mas vocês estavam rindo, feito duas bobonas no sofá e, pela garrafa de vinho vazia que vi na mesa de centro, concluí que estavam bêbadas. Então, resolvi tomar um banho e dormir.

— Eva, nós somos as piores policiais do mundo. Não percebemos a presença dele na casa.

— Você não percebeu. Eu falei que havia mais alguém na casa e estava prestes a descobrir quando você chegou.

— E quando foi que você viu Eva cantando? Ainda não entendi essa parte.

— Tudo bem, eu explico. Sei que sua linha de raciocínio não consegue acompanhar a minha. — Davi falou com calma, fazendo a Gisele colocar a língua para ele. — Que coisa mais infantil de se fazer. — Ele retrucou parecendo incomodado e eu achei aquilo o máximo.

— Depois que você saiu para buscar nosso café, eu fui até o piano e cantei um pouquinho. — Confessei, fazendo uma careta.

— Eu estava no quarto e a ouvi cantando, caminhei sorrateiramente até a escada e a vi, de olhos fechados. Sua voz ecoava pela sala de forma agradável, então sentei nas escadas e cantei bem baixinho, junto com ela.

— Sério que você cantou? — Gisele sorriu olhando para ele.

— Não cantei sério, Gisele. Cantei feliz porque também gosto muito daquela música.

Eu adorei a resposta dele. Tenho que me lembrar de agora em diante que ele precisa de perguntas e respostas literais.

— E que música vocês cantaram? — ela perguntou curiosa e nós dois começamos a cantar o refrão da música juntos.

“I’ll be there, till the stars don’t shine

‘till the heavens burst and the words don’t rhyme

I know when I die you’ll be on my mind

And I love you always”.

Eu cantei toda empolgada, parecendo uma bobona, como diria o Davi e ele cantou perfeitamente bem. Fiquei surpresa por ele cantar tão bem.

— Agora você cantou como uma bobona. — Davi concluiu, me olhando e eu ri muito, pois foi exatamente o que pensei que ele diria.

Gisele quase se engasgou com o comentário dele e tossiu muito, fazendo com que eu comesse a rir sem conseguir parar. Davi riu junto por algum tempo e, depois voltou a comer.

— Vamos fazer um brinde! A melhor noite dessa semana. — Falei levantando a taça de vinho.

— A melhor noite do mês, sua bobona! Pegue sua taça Davi, vamos brindar.

— É nisso que dá, beber vinho demais! Agora são duas bobonas nessa casa. — Ele disse levantando a taça de suco e brindando com a gente.

E nós continuamos rindo, feito duas bobonas.

Dez



Cheguei em casa já passava da uma da manhã. Entrei sem fazer barulho e, ao passar pela sala, as luzes se acenderam. Meu pai estava acordado, me esperando? Sério?

— Pai, você me assustou!

— Você sabe que não consigo dormir enquanto você não chega. — Ele disse se aproximando e tocando minha mão. — Como foi sua noite?

— Pai... — Comecei repreendendo-o sabendo que, agora viria um interrogatório.

— O que foi? Eu só quero saber se você se divertiu. Se ele é um cara legal e...

— Ei, senhor Antônio, qual foi a parte onde, eu falei hoje mais cedo, que isso não foi um encontro, que você não entendeu? Eu fui jantar com a Gisele e com o irmão dela, que chegou de viagem da Itália, só isso. Foi um jantar muito agradável, se você quer saber.

— Ele não era o irmão chato? — Meu pai fez uma careta. — Como é o nome dele? Ele deu em cima de você?

— Céus! Pai, ele não deu em cima de mim, aliás, isso seria muito engraçado de tentar explicar. — Tentei pensar como Davi pensaria sobre essa frase. — Se quer saber, ele me acha uma bobona. Boa noite, pai. Eu estou cansada e trabalho amanhã cedo. — Terminei aquela conversa, subindo as escadas e deixando meu pai no vácuo.

— Como assim, é engraçado de explicar? E quem ele pensa que é para chamar minha filha de bobona? Volte aqui, Eva! Eu estou falando com você!

Percebendo que eu não voltaria, começou a subir as escadas, atrás de mim, resmungando:

— Igualzinha à mãe! Não perde essa mania de me deixar falando sozinho.

Enquanto eu tomava banho, pensei em tudo o que aconteceu naquele dia. Eu nunca conheci alguém com Autismo na fase adulta, pelo menos acho que não. Depois de conhecer Davi e perceber que ele realmente tinha um Q.I acima da média, fiquei muito curiosa para saber mais sobre TEA. Saí do chuveiro, coloquei meu pijama e fui pesquisar na internet tudo sobre Transtorno do Espectro Autista. Tudo o que Davi me explicou estava escrito ali.

Comecei a ler um pouco mais sobre como eu deveria me comportar com ele. Descobri que há casos em que, se você chegar abraçando a pessoa com TEA ela pode, sem querer empurrar você, parecendo aos olhos de quem vê, um comportamento agressivo, quando na verdade, é um mecanismo de defesa dessa pessoa. Como o próprio Davi me

explicou, ele precisa de uma preparação para que isso aconteça.

Em outros casos, o som muito alto ou estridente aos ouvidos dele, pode desencadear uma crise. Mas, algumas pessoas, como Davi, desenvolveram seus meios de interagir e viver em sociedade sem que nenhuma crise aconteça.

Fiquei fascinada com aquilo. Ele estudou e aprendeu controlar suas crises, para viver melhor, é incrível o modo como ele conseguiu tudo, praticamente sozinho! A cada parágrafo, eu ficava mais interessada em saber um pouco mais sobre a vida das pessoas com TEA. Adormeci com o celular na mão.

O celular tocou, anunciando mais um dia de trabalho. Desliguei o alarme e olhei para a tela, ainda estava na página que eu estava lendo sobre Espectro Autista. Coloquei-a nos favoritos, pois queria terminar de ler mais tarde.

Desci as escadas e encontrei meus pais na cozinha.

— Bom dia amore mio. — disse minha mãe.

— Bom dia Mãe. Bom dia pai. — Dei um beijo em cada um e peguei uma xícara de café preto. O café da minha mãe era o melhor do mundo.

— Seu pai disse que você o deixou falando sozinho ontem à noite.

— E ele contou o porquê? — Perguntei olhando para o meu pai e tomando mais um gole de café.

— Eu sei que sou chato às vezes. — ele começou se defendendo.

— Às vezes? — Minha mãe e eu falamos juntas. — Pai você me esperou até àquela hora só para saber se eu fiquei com alguém! — Concluí.

— Desculpa filha, você sabe que é força do hábito. Seguir sua mãe por muito tempo me deixou assim.

— Ah, não senhor! Não venha colocar a culpa em mim, senhor Antônio! — Minha mãe foi até ele, sentando em seu colo. — Quando vai admitir que nossa filha já está bem grandinha e sabe se cuidar?

— Okay. Vocês venceram! Me desculpe meu amor. Vou tentar não fazer mais isso.

— Vou tentar acreditar em você, pai. — Eu disse pegando minha bolsa e indo até eles, dando um beijo em cada um.

Estava quase chegando na porta quando ouvi meu pai dizer:

— Se quiser, pode convidar seu amigo para jantar aqui qualquer dia desses.

Revirei os olhos e sai, fechando a porta, ouvindo a risada dos dois.

— Você é terrível, amore mio! — Minha mãe disse.

Onze



Cheguei na unidade e Gisele já estava lá. Ela parecia feliz e eu fiquei aliviada, pois no dia anterior ela estava muito preocupada com o irmão.

— Bom dia Gi! — Falei sentando em minha cadeira e ligando o computador.

— Bom dia Eva! — Ela parecia incomodada com alguma coisa.

— O que houve? Tudo bem com o Davi? Você parece apreensiva.

Ela não me olhou, apenas colocou o cabelo atrás da orelha e, respondeu, fingindo ler um relatório que tinha e mãos:

— Está tudo bem com o Davi. Impressão sua. Está tudo ótimo, aliás, quero agradecer você por ontem, o Davi adorou conhecer você. — Dessa vez ela me olhou e sorriu, mas percebi que ela estava escondendo algo.

Resolvi esquecer, se fosse algo muito importante, certamente ela me diria.

Estávamos em busca de um suspeito de agressão a menor e precisávamos ir até a casa da vítima, juntamente com o Conselho Tutelar para recolher a criança. Ela ficaria sob os cuidados de um parente, que morava em outra cidade. O Agente Bernardo nos acompanharia, segundo ele, para dar suporte, mas Gisele teimava em dizer que ele estava interessado em mim e, eu sempre revirava os olhos quando ela me dizia isso.

— Por que todo mundo quer que eu namore? — Perguntei para ela, enquanto descíamos as escadas, em frente ao departamento. — Já falei que estou procurando pelo amor e, ele não se parece com o Bernardo. — Brinquei.

— Como não, seu nome diz tudo! — Gisele fez um gesto teatral e continuou: Bernardo, forte como um urso! Abraços de urso são fofinhos!

— De onde você tirou isso? — Perguntei, parando no meio da escada, para olhar para ela.

— Eu pesquisei no *Google*. — Ela disse sorrindo, enquanto parava ao lado de Bernardo, na calçada.

— O que você pesquisou no *Google*? — Ele perguntou curioso.

— Nada! — Falei rápido demais, depois tentei me redimir e completei: — O Horóscopo dela, você sabe que a Gisele adora isso.

— E o que dizia? Também gosto de ler, é muito divertido. — Você sabia que Libra tem ascendente em Câncer, Eva? — Ele começou, abrindo a porta do carro para que eu entrasse.

— Bernardo, eu não tenho noção do que isso significa. — Respondi me sentando ao lado dele, enquanto Gisele sentava no banco detrás.

— Significa que, quando você nasceu, o Bernardo, quer dizer, o signo de Câncer estava apontando no Horizonte! — Gisele apoiou as duas mãos nos bancos da frente, fazendo uma voz engraçada.

— Exatamente! — Bernardo respondeu sorrindo e olhando para mim.

— Continuo sem entender. — É claro que eu havia entendido a insinuação dele, mas eu não gostava dele para namorar, ele era meu colega de trabalho e nas minhas regras, eu nunca namoraria um colega.

— Eu desisto! — Gisele se jogou no banco traseiro e Bernardo ligou o carro.

— Mais tarde eu explico para você, se quiser. — Ele falou enigmático.

— Agora eu gostei! — Gisele incentivou e eu queira matá-la, por isso!

Ninguém sabe, mas eu já me apaixonei uma vez, há quatro anos. Foi quando entrei para o departamento, seu nome era Thiago e eu me apaixonei assim que o vi, e ele por mim. Pelo menos, foi o que eu pensei. Ele também era novato e nós éramos amigos inseparáveis. Foram seis meses de um relacionamento intenso e feliz, até o dia em que eu descobri que ele estava noivo de outra.

Ele me disse que teria que se ausentar da cidade para fazer um curso, segundo ele, ordens do departamento. Ele partiu na sexta feira, com previsão de retorno no domingo. Não aguentei ficar longe dele e, subornei uma colega de trabalho para que ela me desse o endereço de onde ele estaria. Eu queria fazer uma surpresa, mas acabei recebendo a pior das surpresas que se pode receber na vida.

Quando cheguei ao local indicado, soube que, ele realmente esteve lá para fazer o curso, por apenas três horas. Não precisou nem cinco minutos de conversa, para a organizadora do evento me contar onde ele estava e o que estava fazendo. Meu coração trincou naquele momento e, eu precisava ver com meus próprios olhos. Certamente ela estava enganada! Thiago não faria isso comigo.

Quando cheguei ao local indicado, meu último fio de esperança se desfez, pois descobri que não houve engano por parte da mulher que me indicou o local e sim, meu. Entrei lentamente no salão repleto de pessoas e tentei conter minhas emoções, naquela hora, confesso que foi muito difícil não me desfazer em lágrimas ao ver o homem que eu amava, nos braços de outra, dançando feliz. Como se tivesse sido ensaiado, no momento em que parei, no meio do salão, um senhor de cabelos brancos, usando um par de óculos de grau, chamou a atenção de todos, anunciando o noivado de Thiago e Helena.

Eu não consegui ver com clareza a cena que acontecia a minha frente, meus olhos estavam turvos por causa das lágrimas, e meu coração entendeu naquele momento o quanto o amor pode ser cruel. Aquele que eu amava estava noivo de outra e parecia o homem mais feliz do mundo. Eu o vi abraça-la e beijá-la, depois de colocar um anel em seu dedo.

Devo ter emitido algum som, não sei, pois de repente, todos na sala se voltaram para mim, inclusive Thiago. Nessa hora senti meu coração trincado, se partindo em mil

pedaços. Olhei em seus olhos e ele nos meus, e sabe o que foi pior? Vê-lo fingir que eu não estava ali, levantar a taça de champanhe e chamar a atenção de todos para o casal, novamente.

Foi então que surgiu a regra, nunca mais se envolver com alguém do trabalho.

— Toc, toc. Tem alguém aí? — Bernardo perguntou batendo de leve em minha cabeça.

— O que foi? — Respondi constrangida, sabendo que não tinha ouvido uma palavra do que ele disse.

— Você estava longe.

— Em transe! Nós estamos falando com você há pelo menos dez minutos e você não ouviu uma palavra! — Gisele falou, indignada.

Não entendi a reação dela, mas não me importei, ainda estava confusa pelo rumo dos meus pensamentos.

Mais tarde, entendi o porquê de ela ter ficado brava comigo. Segundo ela, Bernardo me convidou para jantar e eu simplesmente o ignorei. Melhor assim.

Doze



O dia foi cansativo e no final da tarde, eu só queria ir para casa e relaxar na banheira. Bernardo convidou a Gisele e eu para um *happy hour* e eu estava abrindo a boca para dizer não, quando ela me lançou um olhar mortal, acompanhado de um cutucão, então acabei aceitando.

— Com uma condição. Vou até em casa, tomo um banho e depois nos encontramos, ok.

Gisele me olhou, brava e eu fingi que não percebi. Bernardo assentiu e disse que também precisava de um banho.

— Vou ligar para o Elói e vamos todos jantar no *El Bistrô*. Adoro a comida de lá.
— Gisele falou e depois nos despedimos do Bernardo.

— Eu odeio quando você faz isso! — Falei assim que ficamos sozinhas.

— Faço o quê? — Ela perguntou fingindo não entender do que eu estava falando.

— Você sabe muito bem do que estou falando, Gisele!

— Eva, por favor! É só um jantar entre amigos.

Suspirei profundamente, não tinha a menor intenção de começar um namoro, muito menos com meu colega de trabalho.

— Okay, você venceu. Encontro você no *El Bistrô* em uma hora.

— Negativo! Conheço você. Se eu deixar você ir para casa, você vai inventar uma desculpa qualquer e não vai. Vamos para minha casa, que é mais perto.

Decidida a não discutir, fomos para a casa da Gisele. Chegando lá, encontramos Elói e Davi no sofá, conversando. Elói foi até Gisele e a recebeu de braços abertos, dando-lhe um longo beijo. Eu o cumprimentei e passei por ele para cumprimentar Davi. Por instinto, fui até ele, que estava em pé, com as mãos nos bolsos e, toquei em seu braço, me aproximei e o beijei na face.

— Como vai?

Ele deu um passo para trás, parecendo apavorado, mas não disse nada, então me dei conta de que não devia ter feito aquilo.

— Me desculpe, eu esqueci. — Falei me afastando, enquanto Davi continuava paralisado no meio da sala.

— Davi! — Gisele chamou e, como se tivesse saído de uma espécie de transe, ele

piscou várias vezes e, depois me olhando, respondeu

— E... Eu vou bem. Está tudo bem, é que você me pegou de surpresa. — Ele falou me olhando e, retirando uma das mãos do bolso, passou na testa, que estava suada.

— Desculpe Davi. Foi instintivo. Prometo que não faço mais. — Sorri, tentando amenizar a minha frustração por ter o assustado.

— Tudo bem, Eva. Sei que você não está acostumada a conviver comigo. Foi perfeitamente normal o que você fez, o problema sou eu.

— Não! Eu é que sou esquecida e estabana! Agi por impulso. Como foi seu dia? — Perguntei para aliviar a tensão que ficou na sala.

— Trabalhei bastante hoje. — Ele sentou no sofá e eu respirei aliviada. — Estou traduzindo um romance de época.

— Sério? — Me aproximei e sentei na outra extremidade do sofá. — Adoro romances de época, eu posso ver?

— Eva! — Gisele me chamou. — Não temos tempo para leituras, o Bernardo está esperando, lembra?

— Quem é Bernardo? — Elói perguntou.

— É o namorado da Eva.

— Gi, ele não é meu namorado! Você enlouqueceu?

Ela deu uma sonora risada e, me puxou pela mão, dizendo para Elói que em dez minutos estaríamos prontas.

— Vou fingir que acredito! — Ele falou, sentando no sofá e esticando as pernas. — Tenho certeza de que vou conseguir assistir todo o primeiro tempo do futebol enquanto vocês se arrumam. Dez minutos! — Ele fez uma expressão de quem não acreditou no que ouviu.

Treze



Cinquenta minutos depois, Gisele e eu descemos as escadas.

— Falei que era rapidinho. — Gisele desceu o último degrau ajeitando o cabelo.

— Vocês demoraram cinquenta e dois minutos! Se eu fosse ele, já teria ido embora. Já estamos no segundo balde de pipoca. — Davi disse, enquanto sentava ao lado de Elói no sofá.

— Amor! Você comeu pipoca? Nós vamos jantar! — Gisele disse.

— O cheiro está ótimo! Estou com fome! Posso? — Me aproximei de Davi e, apontei para o balde de pipoca que estava com um aroma delicioso de manteiga.

— Claro. Está quentinha. — Ele me ofereceu.

— Ai, eu não acredito que vocês vão chegar no *Bistrô* cheirando a pipoca! — Gisele disse fingindo estar brava. — Vamos logo, Bernardo está esperando por nós.

— Já estou ficando com ciúmes desse Bernardo. — Elói se levantou e abraçou Gisele. — Ele não é namorado da Eva? Por que é só você que fala nele?

— Ele não é meu namorado, Elói. Gisele tirou o dia para me atormentar. — Levantei, começando a ficar irritada. Sabia que, ela estava aprontando alguma coisa, e também sabia que eu não ia gostar nada.

— Okay, ele não é seu namorado, mas quer ser.

— Mas eu não quero! Ficou claro? — Falei séria para ela entender que aquilo não era uma brincadeira.

— Nossa! Parece que vai me fuzilar com esse olhar! Está bem, eu não vou mais brincar com isso. Desculpa.

— Obrigada. — Fingi estar brava ainda, mas depois dei um sorriso.

— Vamos, então.

Caminhamos em direção à porta e, percebi que Davi ficou nos observando, sem se mover.

— Vamos Davi. — Fiz um sinal com a mão.

Gisele me olhou, Elói olhou para ela e, eu olhei para os três. Parecia que eu havia falado algo errado.

— O que foi? — Perguntei sem entender.

Elói coçou a testa, Gisele fingiu ajeitar o vestido e eu ouvi a voz frustrada de Davi.

— Eles tem vergonha de sair comigo porque, da última vez, eu tive uma crise e não foi nada agradável.

— Não é verdade, Davi. Eu não tenho vergonha de você. — Gisele estava tensa.

— Tudo bem, minha irmã. Eu não culpo você. Divirtam-se! Vou assistir o final do jogo e depois, voltar ao trabalho.

Eu me senti péssima em ouvir as palavras dele, pois ele era um homem bonito, inteligente e eu não podia aceitar a ideia de ele não ir conosco por conta de um incidente que aconteceu. Ele havia me dito que conseguia controlar as crises, então deve ter sido um acidente, apenas.

Percebendo que eu não ia sair dali sem uma explicação, Gisele começou a falar:

— Nós fomos a um restaurante que tinha música ao vivo. Era calmo para ele, não havia som alto de música, apenas um cantor e um violão. Davi gosta de música, por isso fomos naquele restaurante. Só que, alguém estava de aniversário em uma das mesas e, pareciam ter consumido muito álcool, então um dos amigos do aniversariante se levantou e foi cantar no microfone. Ele se empolgou e acabou pegando uma corneta dessas de futebol, que eu não sei de onde ele tirou e, saiu pelo salão fazendo muito barulho e, antes de ser contido pela segurança do restaurante, ele foi até Davi e a assoprou muito próximo. Meu irmão estava tentando se controlar, mas depois de tanto barulho, ele acabou tendo uma crise. Entende agora porque ele não quer ir?

Eu entendi, e senti um pesar, como se estivesse vivido aquela situação. Mas, nós íamos em um *Bistrô* naquela noite, não haveria música e era muito tranquilo, por isso eu gostava de lá.

— Eu entendo, mas hoje é diferente. — Caminhei até Davi e, parei a sua frente. — Aonde vamos não tem música, Davi. É um lugar muito tranquilo e, praticamente sem ruídos altos. Eu ficaria muito feliz se você nos acompanhasse e, se alguma coisa o incomodar, prometo que o trago de volta.

— Eva, por favor. — Gisele começou.

— Você não pode se esconder do mundo só porque algo ruim aconteceu. Sabe quantas vezes eu caí no meio de um restaurante? Várias. E eu deixei de sair? Não!

— Você é bem descuidada, não é mesmo? — Davi falou com sua sinceridade singela. Quantas vezes você caiu?

— Eu diria que sou desastrada, mas gostei da sua definição. — Eu ri, sentindo a tensão se desfazer por alguns instantes. — Três vezes. Na primeira vez, meu salto quebrou e, eu caí deitada no chão, na segunda, me choquei com o garçom e caímos agarrados um no outro e na terceira vez, eu estava bêbada e caí sozinha.

Ouvi a risada de Elói e depois Davi sorriu. Por fim, Gisele caiu na gargalhada e disse:

— E o pior é que ela não está mentindo. Eu estava lá nas três vezes. — Ela ria

tanto, que precisou correr para o banheiro para não se urinar nas calças.

Dez minutos depois, estávamos no carro indo para o *El Bistrô* e eu estava muito feliz, pois Davi aceitou meu convite e nos acompanhou.

Percebi sua hesitação ao chegar à porta, mas Gisele o encorajou e nós entramos. Bernardo estava em uma mesa mais afastada, perto da parede e, minhas suspeitas se confirmaram, Gisele iria me abandonar naquele cantinho escuro, assim que pudesse, fiquei feliz por Davi estar ali. Bernardo abriu um sorriso quando me viu, mas se desfez no momento em que ele olhou para Davi, que estava atrás de mim.

Gisele fez as devidas apresentações e nos sentamos. Era evidente que Bernardo não estava gostado da presença de Davi, mesmo sabendo que ele era irmão da Gisele, mas eu não me importei e fingi não perceber a sua cara de poucos amigos.

Pedimos alguns *drinks* e começamos a conversar. Era uma mesa para seis pessoas; Gisele e Elói sentaram lado a lado, Davi sentou de frente para eles e eu a seu lado, na cabeceira da mesa, ficou Bernardo, próximo a mim. Eu estava feliz por estar ali com pessoas que eu gostava e não me importei com as caretas que Bernardo fazia quando eu conversava com Davi.

Em um momento de distração, ele pousou sua mão sobre a minha, por cima da mesa. Eu me senti desconfortável e a retirei. Aquilo não era um jogo para ver quem incomodava quem, pois Davi estava alheio às provocações de Bernardo e Bernardo não sabia nada sobre Davi.

— Ele gosta de você. — Davi colocou a mão em concha, perto do meu ouvido e sussurrou. Primeiro fiquei sem graça com aquela aproximação, mas depois, sorri.

— Vou responder para você, okay? — Avisei o que faria, pois assim ele não se assustaria. Ele assentiu.

Ainda sorrindo, coloquei a mão em concha e sussurrei em seu ouvido:

— Mas eu não gosto dele. Ele é muito chato.

Davi sorriu e, quando olhei para Gisele ela estava com expressão séria. Parecia brava. Mas Bernardo parecia mais irritado ainda e olhando para nós, disse:

— Por que não falam em voz alta, o que estão cochi-chando? Ou será que é algum segredo?

Nessa hora, eu senti um frio no estômago, pois sabia que Davi não mentiria, então eu estava muito encrencada, tentei abrir a boca para falar, mas Davi começou:

— Não é nenhum segredo, só não sei se você vai gostar de ouvir.

— Davi. — Gisele o chamou, prevendo confusão.

— O que foi? — Ele perguntou inocente.

— Bernardo está brincando, não é? — Ela deu um olhar fulminante para Bernardo, ele soltou um suspiro e depois respondeu:

— É claro. Vamos pedir?

Essa foi a minha vez de suspirar, mas de alívio. Seria muito constrangedor se Davi contasse o que falei sobre Bernardo.

O Jantar ocorreu de forma mais calma, depois. Bernardo perguntou em que Davi trabalhava e respondeu. Dando ênfase que falava cinco idiomas. Ele não disse isso para se mostrar ou diminuir ninguém, mas Bernardo não sabia que ele era *Aspie* então, rebateu:

— Eu perguntei em que você trabalhava, não pedi seu currículo. Aliás, acho sua profissão um tanto quanto... Feminina.

Olhei para ele incrédula. Se havia alguma possibilidade de eu gostar dele, se desfez naquele exato momento.

— Está insinuando que minha opção sexual não é a mesma que a sua, caro amigo? — Davi perguntou polidamente. — Quantos idiomas você fala, Bernardo? Pensa que a opção sexual de uma pessoa se baseia em ela ser bilíngue ou não? Se for isso, você é mesmo um tolo, não me admira que Eva não goste de você.

Gisele se engasgou com o vinho e tossiu várias vezes. Senti meu rosto arder e o olhar de Bernardo caiu sobre mim, como uma bomba.

— Foi o que disse a ele, Eva?

— Bernardo, ele estava brincando. — Tentei contornar a situação.

— Não estava, não. Eu disse que ele gostava de você e você me disse que não gostava dele. — Davi falou calmamente, enquanto dava uma garfada em sua carne.

Gisele tossiu ainda mais alto, chamando a atenção das pessoas em volta. Eu não soube o que responder, então me levantei e fui até ela e a arrastei para o banheiro sob os olhares de todos ali.

Quatorze



Empurrei Gisele para dentro, fechei a porta, me escorei nela e comecei a rir muito. Eu não conseguia parar, acho que foi de nervoso.

— Você acha isso engraçado? Eu quase morri engasgada com minha própria saliva. Entende agora, o porquê Davi não devia ter vindo? Ele não sabe se comportar.

Parei de rir e olhei para Gisele, que agora, refrescava o rosto com a água da torneira. Como ela podia dizer aquilo?

— A única pessoa que não soube se comportar, desde que chegou, foi o Bernardo. Ele foi rude com seu irmão, desde que chegamos.

— Você tem razão. Ela me olhou através do espelho. Mas ele só fez isso porque gosta de você e pensa que meu irmão pode ser uma ameaça para ele.

— Então ele é um babaca. Se ele gostasse realmente de mim, tentaria me conquistar e não humilhar seu irmão.

— Mas ele não sabe que Davi tem *TEA*!

— Isso não faz dele um inocente! Ele só está com seu orgulho de macho ferido porque Davi é melhor que ele.

— Quase morri quando Davi disse aquilo.

Gisele começou a rir e eu também. Em poucos segundos estávamos rindo abraçadas, chegando às lágrimas.

— Seu irmão sabe como alegrar um jantar. — Falei tentando parar de rir.

— Por que disse para o Davi que não gostava do Bernardo?

Gisele agora enxugava o rosto, já mais calma e séria.

— Porque é verdade. Eu disse a Davi que não gosto do Bernardo, como namorado, mas não tive tempo de explicar isso.

— Coitado do Bernardo!

— Coitada de mim! Vamos, antes que eu tenha outro ataque de risos.

Sáímos do banheiro e encontramos Bernardo e Davi conversando e rindo. Confesso que não entendi nada, pois há poucos segundos, Bernardo parecia querer matar Davi. Nos sentamos, trocando olhares, ainda sem entender nada.

— Fico feliz que tudo se resolveu por aqui. — Eu disse olhando para Bernardo.

— Me desculpe, eu não sabia. — Ele tocou minha mão por cima da mesa e, dessa

vez a segurou firme. — Quero pedir desculpas para você também, Gisele, Elói e Davi me explicaram tudo.

— Não é a mim que você precisa pedir desculpas, Bernardo. — Falei tentando soltar minha mão, mas ele a prendeu com mais firmeza.

— Você está certa, Eva. Por isso já me desculpei com Davi.

Olhei para Davi e ele assentiu. Parecia feliz e eu relaxei finalmente.

— Obrigada. — Gisele disse. — Foi um erro meu não ter lhe contado antes.

— Tudo bem Gisele. Eu estou envergonhado com a cena que fiz aqui.

Ele parecia sincero e, a partir desse momento, senti que ele não era uma má pessoa, apenas estava com ciúmes. Homens!

A partir desse momento o clima foi amigável e demos muitas risadas. Davi contou sobre suas viagens ao redor do mundo e como as pessoas reagiam ao saber que ele é *Aspie*. Eu fiquei ainda mais encantada com aquele homem com alma de criança. Queria saber mais e ficar ali ouvindo suas histórias até amanhecer. Ele era uma companhia muito agradável.

Voltamos para a casa da Gisele, onde estava meu carro e Bernardo nos acompanhou. Claro, que ela me empurrou para o carro dele e que foi ideia dela chamar Bernardo para um cafezinho e, eu queria bater nela. Eu estava cansada e com sono, não queria ficar de flerte com meu colega de trabalho na casa da minha amiga.

— Deixe de ser ranzinza e dê uma chance ao cara! — Ela cochichou enquanto me empurrava para o carro dele.

Ao contrário do que pensei, a conversa com Bernardo fluiu de forma agradável e, em nenhum momento ele tentou me beijar ou falou algo que eu não gostasse. Mesmo assim, ele era meu colega de trabalho e eu sabia muito bem que essa combinação não dava certo.

Entramos na casa da Gisele e fomos até a cozinha preparar um café.

— Eu vou matar você! Pare de me jogar *pra cima* do Bernardo!

— Você não acha que está na hora de, pelo menos tentar, conhecê-lo um pouco melhor?

— Eu já o conheço o suficiente para saber que não vai dar certo!

— Eu não estou dizendo para você se casar com ele! Estou falando de se divertir, namorar e, se depois você achar que não quer continuar, então cada um segue sua vida.

— Quanto ele pagou, para você me convencer a namorar, com ele? — Perguntei, querendo encerrar aquela conversa com uma brincadeira, pois não estava me sentindo confortável sendo pressionada.

— Dois mil reais! — Ela falou em tom de deboche. — Palhaça! Só quero ver você feliz.

Um barulho chamou nossa atenção e, quando olhamos para trás, lá estava Davi,

parado em silêncio.

— Você precisa de alguma coisa Davi? — Gisele perguntou, enquanto colocava água na chaleira térmica.

— Não. Só vim dizer boa noite. — Suas mãos estavam caídas ao longo do corpo e sua expressão estava estranha.

— Boa noite, meu querido. — Gisele disse com carinho.

— Boa noite Davi. — Disse, sentindo que ele queria dizer algo, mas não conseguia. — Está tudo bem?

— Não.

Dizendo isso, ele se virou e saiu da cozinha.

Levamos a bandeja de café até a sala e nossa conversa agora foi sobre trabalho. Era inevitável conversar sobre trabalho.

Combinamos de sair mais vezes juntos, quer dizer, Gisele mencionou que deveríamos fazer isso e é claro, que o sorriso do Bernardo se abriu completamente. Eu fiz cara de paisagem e depois sorri, para não quebrar o clima descontraído.

De repente, percebi um movimento na escada, minha boca se abriu, meus olhos não acreditaram no que estavam vendo e minha pulsação se acelerou.

Antes que eu pudesse pronunciar alguma coisa, Davi se aproximou a passos largos diante de nós, apenas de cueca boxe.

Foi impossível não olhar para o corpo dele, que era perfeito. Seus braços não eram de alguém que frequentava a academia, mas eram firmes e fortes, seu peito subia e descia e eu percebi que ele estava muito ansioso. Meus olhos percorreram seu abdome e mais abaixo da cintura, fazendo meu pulso acelerar ainda mais e eu engoli em seco. As pernas dele eram firmes e bem malhadas, ele tinha um elíptico no quarto, devia usá-lo todos os dias, pois seu corpo era de dar inveja aos homens ali na sala e em qualquer outro lugar.

— Davi! — Gisele começou e, antes que ela pudesse concluir a frase, ele rebateu.

— Eu dou cinco mil!

Ele falou e nós ficamos sem entender ao que ele se referia.

— Do que você está falando? Como pode aparecer aqui desse jeito? — Gisele o repreendeu. — Você está quase nu.

— Você usa menos que isso quando vai naquela praia em Florianópolis, então não se faça de pudica agora. Você aceita? — disse olhando para a irmã.

— Aceita o quê? Não entendi uma palavra do que você disse, Davi. — Gisele falou constrangida.

— Se você não está entendendo o seu próprio idioma, então está com um sério problema neurológico, Gisele.

Percebendo que minha amiga além de constrangida, estava ficando brava com o

irmão, resolvi ajudar, explicando para ele:

— Davi, por que você disse que dá cinco mil? É isso que sua irmã quer saber.

— Eu dou cinco mil e você desfaz o negócio que fez com esse cara aí. — Ele apontou para Bernardo.

Olhei para Gisele, em pânico e ela estava com os olhos arregalados e as faces coradas. Naquele momento, entendemos sobre o que ele estava falando. Ele ouviu nossa conversa na cozinha.

— De que negócio você está falando? Bernardo se levantou e encarou Davi. — Você está louco?

Eu me levantei e o repreendi.

— Não fale assim com ele! Você está sendo desagradável.

— Eu estou sendo desagradável? Esse cara aparece seminu no meio da sala, e eu é que sou desagradável?

— Acalmem-se! — Elói disse, se levantando também. — Davi, que negócio o Bernardo fez com a Gisele? O que foi que você ouviu?

— Ele não ouviu nada, Elói. Deve ter sonhado, não é Davi? — Gisele estava completamente envergonhada.

— Não, Gisele! Eu estava bem acordado quando ouvi você falar que recebeu dois mil reais desse cara para ele poder namorar Eva. Na verdade, não consegui dormir, pensando em como poderia resolver isso, por isso estou aqui. Vim desfazer o negócio que você fez com seu amigo Bernardo, você devia se envergonhar! Em pleno século vinte e um, fazer sua amiga de moeda de troca para um homem! Estou aqui para desfazer isso! Dou cinco mil e, se você tentar comprar minha amiga novamente, eu denuncio você!

Davi ameaçou Bernardo, chegando muito perto. Ele estava furioso. Seu rosto estava em chamas, pensei que ele fosse ter uma crise a qualquer momento e agredir Bernardo, ou pior, que Bernardo pudesse revidar. Toquei o braço de Davi e ele se esquivou, continuando a encarar Bernardo.

— Seu louco! Quem você pensa que é *pra* falar assim comigo?

Bernardo enfrentou Davi, dando-lhe um empurrão, eu me coloquei entre os dois e Elói segurou Bernardo, enquanto Gisele tentava explicar para Davi que, o que ele ouviu foi apenas uma brincadeira. Mas Davi não iria entender, ele estava muito nervoso. Fiquei assustada, pois isso não fazia bem para ele.

Naquele momento, percebi a importância de saber como lidar e como conversar perto de uma pessoa com Espectro Autista, mesmo que ele seja nível leve, como o de Davi.

Gisele e eu conseguimos levar Davi até o quarto e acalmá-lo. Nenhuma de nós tinha coragem de descer e encarar Bernardo. Davi tomou um remédio para ansiedade e Gisele pediu que ele tomasse um banho morno para se acalmar. Ele aceitou.

Apesar de ter sido uma brincadeira, Bernardo não sabia, mas o fato de ele ter

empurrado Davi não justificava isso, pois ele sabia da condição de Davi. Eu estava furiosa com ele, por ter chamado Davi de louco.

Davi saiu do banho no exato momento em que Elói entrou no quarto avisando que Bernardo foi embora.

Quinze



— Ele está bem? — Elói perguntou e Gisele fez que sim com a cabeça.

— Vou estar no quarto se vocês precisarem.

— Obrigada, meu amor.

Elói fechou a porta e eu pedi que Gisele o acompanhasse. Todos estavam cansados e Davi parecia mais calmo agora. Eu tentaria explicar para ele o que ele ouviu.

— Tem certeza? — Ela estava preocupada.

— Sim. Já está tarde, posso dormir aqui?

— Você sabe que não precisa pedir isso, minha amiga. — Ela veio até mim e nos abraçamos. — Se precisar me chama. Não sei se vou conseguir dormir. — Disse baixinho em meu ouvido e depois saiu, fechando a porta.

Davi estava deitado na cama. Olhando para o teto, as mãos estavam repousadas em seu abdome e se retorciam, nervosamente. A cama era *king size*, mesmo assim, perguntei para ele se podia me sentar nela. Ele fez um gesto positivo com a cabeça. Tirei os sapatos e me sentei aos pés da cama, de frente para ele, com as pernas dobradas em posição de meditação. Eu sabia que devia começar, mas as palavras não saiam da minha boca. Apesar da confusão, o gesto de Davi foi um ato de amor, de amizade. Depois de ouvir o que sua irmã me disse na cozinha, em seu pensamento, aquilo era real. Pessoas com Espectro Autista entendem tudo literalmente, se ele ouviu que Gisele recebeu dois mil, para que eu namorasse com Bernardo, pensou que fosse verdade, pois como ele mesmo me explicou quando nos conhecemos, ele entende algumas metáforas, mas obviamente, não todas.

— Eu entendi tudo errado, não é mesmo? — Ele perguntou, ainda olhando para o teto e retorcendo as mãos.

Me senti frustrada, pois tudo o que eu mais queria era abraçá-lo para poder aliviar um pouco a angústia que eu via em seus olhos, mas sabia que não podia simplesmente abraçá-lo sem uma preparação, ele era sensível ao toque. Decidi tentar ao menos, dar um pouco de conforto a ele.

— Davi, olhe para mim. — Pedi com carinho, mas ele não se moveu. — Por favor.

Lentamente, ele foi virando a cabeça, e seus olhos encontraram os meus. Senti todo o pesar e angústia dele e, uma vontade imensa de poder acariciar seu rosto, mas sabia que não era assim que as coisas funcionavam com ele. Em poucos segundos, ele desviou o olhar para as minhas mãos.

— Eu posso tocar em você? — Perguntei, tentando uma aproximação.

— Você quer fazer sexo comigo? — Ele perguntou, parecendo confuso e, mais uma vez, me surpreendendo com suas palavras. Em outra ocasião, eu teria rido, mas ele falava sério.

— Por que está me perguntando isso?

— Porque você pediu para tocar em mim e, as mulheres que estiveram em minha cama, nunca pediram, elas invadem meu espaço e arrancam minhas roupas, sem minha permissão.

— Não, eu não quero fazer sexo com você, quero apenas segurar sua mão.

— Por quê? — Ele me olhou nos olhos dessa vez.

— Porque é isso o que os amigos fazem. Trocam carinhos, segurando as mãos, quando o outro precisa. E eu estou preciso segurar sua mão, para que você saiba que, o que você fez por mim hoje, foi um ato de amor e amizade.

Ele desviou o olhar para as minhas mãos e eu estendi a mão direita até chegar próxima a dele. Eu sabia até onde podia avançar para não invadir seu espaço. Dei o primeiro passo e agora, eu esperava que ele desse o segundo, sem pressa, no tempo dele.

— Eu não sei se consigo. — Ele falou ainda olhando para as minhas mãos.

— Tudo bem se não conseguir. Podemos tentar outro dia, não se preocupe com isso. Podemos conversar sobre o que aconteceu?

— Eu fui um completo imbecil, foi isso o que aconteceu. — Ela falava com o olhar fixo em minha mão, que repousava ao lado da dele, no colchão.

— Não foi não. O que você fez foi me defender bravamente e, como sua amiga, eu fiquei muito feliz em saber que estaria disposto a fazer aquilo por mim, caso fosse verdade.

— Mas não era! E, apesar de ler e estudar todos os dias, sobre metáforas, gírias e linguagem corporal, eu nunca vou conseguir acompanhar suas palavras, seus gestos, porque são milhões! O que passa despercebido por vocês é muito complicado para mim, você entende? — Ele me olhou novamente, a respiração estava ofegante e eu não queria que ele tivesse outra crise.

— Entendo perfeitamente, Davi. Eu também estou lendo muito sobre TEA para poder entender você melhor. Eu preciso que você entenda que, nós também passamos pela mesma situação que você, Gisele, Elói e eu queremos que você saiba que, estamos nos empenhando ao máximo para entender você. Somos nós que temos que pedir desculpas, por tudo o que aconteceu hoje. Você sabe que a sua irmã e eu somos duas bobonas que só falamos besteiras e, nós não vimos que você estava lá.

— Isso é verdade. Às vezes vocês parecem que tem cinco anos de idade. Mas eu devia ter perguntado o que isso significava, antes de sair seminu pela sala falando bobagem. Você pode me explicar do que estavam falando?

— Posso. Mas antes quero fazer um acordo com você.

— Espero que não envolva muito dinheiro, porque não gosto de gastar muito.

Eu sorri diante da sinceridade dele.

— Mas você estava disposto a pagar cinco mil por mim. Isso é muito dinheiro. — sorri, para que ele pudesse entender que eu estava brincando, mas ele continuou sério.

— Por você eu não me importo de gastar.

Fiquei muda diante daquelas palavras. Às vezes era eu que não sabia interpretar o que Davi queria me dizer e isso me deixava nervosa.

Senti o leve toque de seus dedos nos meus, enquanto ele me olhava, me perdi em seus lindos olhos verdes. O que mais me emocionou foi saber que ele estava falando a verdade. Não era uma metáfora. Ele desviou o olhar para nossas mãos e eu preendi a respiração.

Davi continuou e eu não movi um músculo sequer do meu corpo, pelo menos não voluntariamente, pois meu coração batia acelerado. Hipnotizada com a proximidade daquele gesto, que para ele, eu sabia ser muito difícil de ser feito, fechei os olhos quando senti o toque de sua mão, preenchendo a minha e entrelaçando nossos dedos. Foi a melhor sensação que eu tive na vida, e não estou falando metaforicamente. Abri os olhos e os dele estavam fechados. Ele tentava controlar a respiração e eu já não conseguia controlar a minha. Olhei para nossos dedos entrelaçados e acariciei a mão dele com meu polegar.

— Sua mão está fria. — Ele disse, abrindo os olhos.

— Eu estou nervosa. — disse, sendo sincera.

— Por que?

— Eu não sei. — Dessa vez eu menti.

— Também estou nervoso. Mas estou gostando desse contato.

— Quando não se sentir mais confortável, me avise.

— Okay, mas acho que isso não vai acontecer.

Minhas pernas estavam dormentes, por ficar sentada naquela posição, então Davi me ofereceu um de seus travesseiros e disse para eu me deitar a seu lado, e foi o que eu fiz. Lentamente, separei nossas mãos e, me posicionei ao lado dele, com as mãos esticadas ao longo do corpo e, dessa vez, Davi foi rápido. Ele procurou minha mão com a sua, e entrelaçou nossos dedos, como se fosse uma criança com medo de se perder da mãe.

Aquilo era tudo novo para mim e Davi não sabia, mas eu estava aprendendo mais com ele, do que ele comigo.

Enquanto ficamos de mãos dadas, tentei explicar para ele, da forma mais literal possível, o que a Gisele e eu estávamos conversando.

— Entende agora que foi uma brincadeira entre duas amigas bobonas? — Falei virando o rosto em sua direção, e ele também me olhou.

— Agora entendi. Vocês duas são... duas bobonas, mesmo.

— Por acaso você está tentando ser engraçado? — Perguntei para ter certeza.

— Sim. Funcionou? — Ele perguntou esperançoso, me olhando.

Em resposta, eu comecei a rir e ele riu junto. Foi a primeira vez que ouvi sua risada, espontânea, sem parecer forçada para agradar as pessoas em volta.

— Voltando ao acordo... — disse mais tranquila.

— Aquele que não envolve milhões, eu espero.

— Exatamente! — Eu estava adorando as tentativas dele de falar metaforicamente. — Quero que, a partir de hoje, sempre que você tiver dúvida do que estamos falando, não se sinta intimidado a perguntar. Quero que saiba, que eu estarei sempre disposta a explicar todas as suas dúvidas. E, sempre que você precisar, pode me chamar. Entendeu? Sempre!

— Entendi. Obrigado.

Ele apertou ainda mais a minha mão e, com o polegar, repetiu o gesto que eu fiz na mão dele agora a pouco, acariciando minha mão.

— Posso pedir uma coisa? — Ele perguntou sério.

— Sabe que pode. — falei acariciando a mão dele também, enquanto olhávamos para o teto, como se tivesse algo muito interessante lá para ser visto.

— Você me ajuda a entender melhor a linguagem corporal das pessoas?

— Ajudo sim. Acho que vai ser bom para você e para nós também.

— Não diga “*acho*”, diga, “*penso*”. Quem acha não tem certeza e, não se pode viver de “*achismo*”.

— Sim, senhor! — Falei contendo o riso por ele estar me corrigindo.

— Está sendo irônica? — Ele me olhou rapidamente.

— Estou. — Meu riso agora foi largo e ele também sorriu.

— Até que não é tão ruim ser irônico, às vezes. Você fica muito bonita sendo irônica. Eva, você me ajuda em relação ao toque? Ainda me assusto quando alguém vem me abraçar, ou bate em meu braço.

Ele mudou de assunto muito rápido e foi difícil acompanhar sua linha de raciocínio, depois daquele elogio.

— Claro que sim. Você pode pedir o que quiser para mim. Somos amigos, e é isso o que os amigos fazem, se ajudam.

— Posso mesmo pedir o que eu quiser? — ele manteve o olhar em mim.

— Sim. — respondi sem medo porque eu sabia que podia confiar nele.

— Pode ficar aqui comigo, até eu dormir?

Sorri, olhando para aquele belo homem deitado ao meu lado e, pela primeira vez na vida, senti que podia confiar em alguém do sexo oposto, sem esperar nada em troca, sem mentiras, nem traições. Davi era um ser puro de alma e eu faria o que ele me pedisse, sem pestanejar.

— Claro que sim, meu amigo. — Acariciei sua mão e ele suspirou, parecendo

aliviado.

— Obrigado, Eva.

Davi estava de olhos fechados e continuava acariciando minha mão. Olhei para o teto de gesso branco com pequenas luzes espalhadas e senti uma paz, que há muito tempo não sentia. Estar ao lado de um homem tão bonito quanto Davi em uma cama e me sentir segura e amada como sua amiga, é uma sensação diferente e boa que, senti lágrimas em meus olhos.

Já era madrugada e Davi continuava acariciando minha mão. Meus olhos foram ficando pesados, eu sabia que não podia dormir ali, mas os acontecimentos daquela noite pesaram sobre o meu corpo e eu adormeci.

Dezesseis



Acordei assustada com alguma coisa me cutucando. Abri os olhos lentamente e pisquei várias vezes, pois o sol entrava pela janela. Sentei na cama e, antes que eu pudesse entender onde estava, fui pega pelo braço e arrastada até o corredor. Alguém segurava meu braço com força e isso foi o bastante para eu acordar totalmente.

— O que você pensa que está fazendo, Eva?

Gisele falou brava, mas em baixo tom. Seus olhos eram puro ódio e eu não entendi o motivo.

— Do que você está falando, Gi? — Cocei os olhos e abri a boca bocejando, dando bom dia para ela.

— Você ficou aqui para acalmar meu irmão e não para dormir com ele! — Ela apertou meu braço, falando entredentes e sussurrando.

— Você bebeu? Ou melhor, até que você está certa, pois foi exatamente isso o que nós fizemos, dormimos! — respondi indignada com a linha de pensamento da minha amiga.

— Antes ou depois de terem transado? — Ela apertou ainda mais o meu braço, me livre dela, dando um puxão e esfregando o local onde ela apertou.

— Você está se ouvindo, Gisele? Ouviu a sandice que acabou de dizer! Olhe para mim, eu estou com as mesmas roupas de ontem! — Abri a porta do quarto lentamente e apontei para Davi que dormia, profundamente. — Seu irmão está de pijama! Ele está dormindo sobre o edredom! — Fechei novamente a porta e arrastei Gisele até as escadas. — Conversamos tanto ontem a noite, que acabamos adormecendo. Estávamos exaustos, depois das coisas que aconteceram, mas consegui explicar para Davi o que ele ouviu e tudo ficou bem. Como pode pensar que eu transaria com seu irmão?! Não quero dormir nem com o Bernardo, que não é nada seu e muito menos com seu irmão, na sua casa! — Falei um pouco alto demais dessa vez e Elói apareceu no corredor, abrindo a boca de sono.

— Está tudo bem aí?

— Está sim, meu amor, desculpe. Pode voltar a dormir, ainda é cedo.

Dando as costas para Gisele, entrei no quarto onde eu costumava dormir, entrei no banheiro e fechei a porta. Depois de fazer minha higiene, voltei ao quarto e comecei a pegar minhas coisas que estavam em cima da cômoda e colocar dentro da bolsa.

— O que você está fazendo? — Ela perguntou, me assustando, pois não a vi sentada na cama.

— Pegando minhas coisas para ir embora. Se você pensa que sou esse tipo de amiga, não tenho mais nada a fazer na sua casa.

— Me desculpa Eva! Eu surtei quando entrei aqui e você não estava.

— Acha mesmo que eu dormiria com seu irmão, sem estar apaixonada? Gi, você me conhece, sabe que eu sou careta, como diz meu pai.

— Eu sei amiga. Vem cá e me dá um abraço. — Ela esticou as duas mãos, me chamando para cama. — Depois do que fizemos ontem, eu não estou raciocinando direito.

— É verdade Gi! Nós estamos sempre fazendo esse tipo de coisa!

— O Elói achou tudo o máximo! Rimos muito aqui, depois que o Bernardo foi embora.

Ela começou a rir e não parou mais.

— Como assim, riram? Eu fiquei em pânico e você também.

— Eu sei que fiquei. Mas depois passou. — Ela se deitou na cama rindo, com as mãos sobre o abdome. — Eu dou cinco mil! — Ela imitou a voz do Davi e continuou rindo até saírem lágrimas de seus olhos.

— Tá vendo só, e você dizendo que eu não valho nada! — Não consegui ficar séria e rindo muito. — Eu amo o seu irmão. — falei em meio às risadas.

— Ama? — Gisele parou de rir e sentou na cama, me olhando séria. — Ama como?

— Como amigo, sua bobona! — respondi dando um tapa em seu braço.

— Ai, que alívio! — Ela disse colocando a mão no coração.

— Por quê? Você sabe que um dia ele vai se casar, ter filhos e uma mulher que o ame de verdade, não sabe?

— Sei. Mas ela não precisa ser você! — Ela disse me empurrando na cama e saindo correndo do quarto, descendo as escadas.

— Como assim, não precisa ser eu? Volta aqui Gisele! O que eu tenho de errado? — Corri atrás dela até a cozinha.

— Você não tem nada de errado, aliás, tem tudo! Você mesmo vive dizendo que nunca se apaixonou. Que não sabe amar, então não pode namorar meu irmão, não quero que ele sofra porque, quando um *Aspie* ama, é de verdade. — Ela abriu a geladeira, pegou uma jarra de suco de laranja e serviu dois copos.

— Sendo assim, não se preocupe. Não estou apaixonada por seu irmão e, já que pensa isso, quero deixar claro que, a partir de hoje, Davi e eu vamos passar muito tempo juntos. Nada de tirar conclusões precipitadas, entendeu? Nós fizemos uma espécie de acordo entre amigos.

— Que acordo? O que você está inventando agora? — Ela perguntou, me olhando desconfiada.

— Vou ajudar Davi a entender melhor a linguagem corporal das pessoas. Ou

melhor, nós vamos! Sempre que ele tiver uma dúvida sobre o que nós estamos falando, ele vai me dizer, para não haver outro mal-entendido como o de ontem.

— Gostei dessa ideia! — Gisele falou, sentando ao meu lado na bancada e tomando um gole de suco. — Desde que ele não use seu corpo para essa tal linguagem corporal. — Falou maliciosa.

— Vai começar de novo? — Falei fingindo estar brava. — Presta atenção, é muito importante. — Tenho algumas ideias em mente. Vou levar o Davi a lugares que ele não está acostumado a ir, desde que ele aceite, é claro. Ele vai me dizer onde quer ir e, de preferência, vamos em dias de menos movimentos, como no shopping, por exemplo.

— Não sei Eva. Shopping é complicado. Muitas coisas acontecendo ao mesmo tempo.

— Foi só um exemplo, Gi. Se o Davi nunca sair, nunca tentar, ela vai viver trancado dentro de casa, sem amigos, sem se divertir, sem namorada. Eu prometo que não vou colocar a segurança dele em risco. Ao longo da semana, nós vamos conversando e analisando onde podemos ir.

— Ai, Eva, será? Não sei se isso vai dar certo. Foi sobre isso que conversaram ontem a noite?

— Entre outras coisas, sim. Então não se surpreenda, se algumas coisas diferentes acontecerem na sua frente. É apenas uma amiga, ajudando um amigo.

— Como assim, coisas diferentes? — Gisele me perguntou, fazendo uma careta.

— Confie em mim. Eu jamais faria alguma coisa para magoar seu irmão.

Mal terminei a frase e Davi entrou na cozinha. Ele estava de cabelos molhados, usava uma bermuda de moletom e camiseta branca. Engoli em seco.

— Bom dia! Dormiu bem? — Gisele perguntou carinhosamente, olhando para ele.

— Sim, tive um sono muito tranquilo esta noite. Há tempos que não dormia assim.

Gisele olhou para mim e para ele, buscando algum vestígio de suas suspeitas, mas como não havíamos feito nada de errado, ela desistiu.

— Quer suco? — Perguntei para ele, depois que ele sentou de frente para nós, na bancada.

— Por favor. — Ele pegou o copo que estava em sua frente e aproximou da jarra que eu segurava.

— Então, Davi. — Gisele começou. — Como foi sua conversa com a Eva ontem à noite? Ela explicou para você sobre o que estávamos falando?

— Bom dia! — Elói entrou na cozinha e deu um beijo em Gisele, sentando ao lado dela.

— Bom dia! — respondi e alcancei a jarra de suco para ele.

— Tudo bem por aqui? Você dormiu bem, Davi? — Ele perguntou, enquanto se servia de suco.

— Depois da conversa sincera que tive com Eva, dormi sim.

— E sobre o que vocês conversaram? — Ele perguntou curioso.

— Ela me explicou sobre as metáforas usadas por minha irmã e ela, e nós combinamos que vamos fazer uma lista de mais metáforas usadas por elas, para que não aconteça mais mal-entendido como o de ontem.

— Isso é bom, mas vai faltar papel para escrever todas as bobagens que essas duas falam. — Elói falou rindo e Gisele deu um leve tapa em seu braço.

— Ele está falando metaforicamente não é mesmo? — Davi perguntou olhando para mim.

— Sim, está. — respondi sorrindo.

— Parabéns! Conseguiu identificar a ironia na voz do Elói! — Gisele disse feliz, batendo palmas. — Estou orgulhosa de você.

— Obrigado. Tem mais uma coisa. — Ele disse, estendendo a mão no meio da bancada e meu coração começou a acelerar.

— E o que é? — Gisele perguntou animada.

— Não sei se vou conseguir, com plateia. — Ele disse me olhando.

— Não se preocupe se não conseguir. — Eu disse o encorajando, mas com medo da reação de Gisele.

Ele se ajeitou no banco e passou a mão pela testa, que estava com pequenas gotas de suor. Secou a mão no calção e apertou o punho, visivelmente nervoso. Ninguém ousou se mover, a cozinha estava em completo silêncio e eu estava à beira de um ataque de pânico.

Lentamente, como na noite anterior, ele estendeu o braço e tocou meus dedos com as pontas dos seus, depois envolveu minha mão com a sua, entrelaçando nossos dedos lentamente e, para minha surpresa, fez o mesmo com a outra mão.

Eu parei de respirar, enquanto ele segurava minhas mãos entre as suas e as acariciava com os polegares, com os olhos fixos em nossas mãos entrelaçadas. Virei a cabeça lentamente para minha amiga, que estava a meu lado, temendo sua reação. Não queria que ela imaginasse coisas erradas a meu respeito. Suspirei aliviada, quando vi lágrimas em seus olhos, então pude sorrir junto com ela, em meio às lágrimas.

Aquele gesto que, para algumas pessoas passa despercebido e é tão cotidiano, para algumas pessoas com *Asperger*, é muito difícil de ser feito, principalmente com um estranho. Nós sabemos a importância que tem para ele, por isso nos emocionamos.

— O que você está sentindo, Davi? — Gisele perguntou.

— Uma sensação muito boa. — Ele respondeu sem deixar de olhar para nossas mãos. — Apesar das mãos de Eva, estarem frias.

— É de nervoso, como ontem. — respondi sinceramente.

— Eu sei. — Ele disse, me olhando pela primeira vez.

— E o que mais vocês fizeram ontem? — Elói perguntou, malicioso e Gisele o chutou por baixo da bancada.

— Não fizemos mais nada. Eva não quis fazer sexo comigo, então apenas conversamos.

Elói cuspiu o suco que estava tomando, fazendo um barulho e Davi se assustou, soltando minhas mãos. Eu respirei frustrada, agora teria que dar muitas explicações sobre o que ele havia dito.

— Eu vou explicar. — Comecei.

— Não Eva, eu vou explicar. Pude perceber a ironia na voz do meu cunhado.

— Desculpe Davi. — Elói disse, enxugando a bancada, onde havia cuspid o suco.

— Estávamos conversando e Eva perguntou se podia tocar em mim. Eu pensei que ela queria fazer sexo comigo, então perguntei e ela disse que não.

— E onde ela queria tocar em você? — Elói insistiu e ganhou um olhar furioso da Gisele.

— Em minha mão. Vocês sabem como tenho dificuldade com toque, mas, aos poucos, eu relaxei e ficamos conversando, até que consegui tocar na mão de Eva. — Ele me olhou e deu um leve sorriso. Dessa vez, fui eu quem desviou o olhar.

— Eu acho... — Olhei para Davi e me lembrei do que ele havia me dito sobre *achismo*. — Eu penso...

— Muito bem, Eva! — Ele disse sério, como um professor orgulhoso de sua aluna.

Gisele me olhou e riu. Davi fazia isso com ela sempre, ele a corrigia quando não falava da maneira correta.

— Eu penso que, se Davi treinar o toque, um abraço...

— Um beijo. — Elói falou me interrompendo e Gisele e eu falamos ao mesmo tempo:

— Cala a boca Elói!

— O que foi? Ele precisa treinar, não é mesmo? Ele não consegue segurar a mão de uma pessoa e cumprimentar com um beijo.

— É verdade. — Davi concordou, inocentemente.

— Está vendo! Obrigado, Davi. Essas duas estão sempre pensando o pior de mim.

— Conheço você, meu amor e sei muito bem no que você estava pensando.

— No que ele estava pensando? — Davi perguntou sério.

— É, AMOR! — Elói falou com ironia. — No que eu estava pensando?

— Como eu ia dizendo, se Davi treinar o toque, o abraço e o beijo. — Continuei, interrompendo Elói. — Ele não vai mais se sentir desconfortável entre as pessoas. Vamos

fazer uma lista de lugares que podemos ir também, para estudar a linguagem corporal, não é mesmo Davi?

— Sim. Estou disposto a acabar com algumas fobias e quero tentar situações diferentes.

— Estou muito feliz que você queira fazer isso. É preciso muita coragem para sair da sua zona de conforto. Estou orgulhosa de você! — Gisele tocou as mãos do irmão, por cima da bancada.

— Que estranho. — Davi fez uma expressão de quem estava confuso.

— O que é estranho, meu querido? — Gisele perguntou.

— Não senti nada.

— Como assim, não sentiu nada?

— Quando toquei nas mãos de Eva, senti todo o calor de suas mãos se espalhando por meu corpo, apesar de estarem um pouco frias, mas tocando as suas, não sinto nada.

— Eu sabia! — Disse Elói sorrindo.

— Sabia o quê? — Davi perguntou inocente.

— Isso é normal, Davi. Gisele é sua irmã e você está acostumado a tocar nela. — Falei antes que Elói começasse a insinuar coisas novamente. — Nós somos amigos, nossa relação é diferente.

— Concordo. — Ele aceitou minha explicação e eu suspirei aliviada.

— Preciso ir para casa. — Levantei querendo encerrar aquele assunto. Eu estava ficando constrangida e as coisas que Elói insinuou não tinham fundamento. Davi e eu somos amigos e nada mais que isso. — Minha mãe já ligou várias vezes para saber se eu estou bem. — Davi, você tem meu número de celular. Nos falamos por *WhatsApp*. Tchau Gi, tchau Elói! — Saí da cozinha o mais rápido que pude.

Dezessete



Depois que cheguei em casa, o dia custou a passar. Ajudei minha mãe na cozinha, com o almoço e aproveitei para avisar que, no próximo fim de semana, eu traria alguns amigos para casa.

— Um namorado? — Meu pai perguntou enciumado.

— Não, pai. É a Gisele e o Elói, que vocês já conhecem. O irmão dela, Davi, também vem. Lembram que falei dele?

— Claro que sim, seu pai ficou morrendo de ciúmes dele naquele dia.

— Traidora! — Meu pai disse, fuzilando minha mãe com o olhar e depois, sorrindo, perguntou: — Ele é um bom rapaz?

— Pai! Pela última vez, ele é meu amigo. Não temos nenhum tipo de relação a não ser de amizade, entendeu?

— Jura filha? — Ele perguntou, me olhando nos olhos, pois, como ex- membro da Cia, sabia que as pupilas se dilatam quando estamos mentindo.

— Juro. Nossa relação é baseada apenas em amizade.

— Amigo ou namorado, ele será muito bem-vindo! — Minha mãe disse, enquanto servia meu pai.

— Filha, você sabe que não existe amizade entre homens e mulheres, já lhe expliquei isso. Você pode não gostar dele, mas ele pode estar gostando de você e talvez você não saiba.

— Ou fingi que não sabe. — Minha mãe concluiu.

— Vocês não cansam, não? — Falei ficando irritada, pois estava farta de insinuações por hoje. — O dia em que eu estiver namorando, vocês serão os primeiros, a saber, mas por ora, NÃO estou interessada em ninguém e NINGUÉM está interessado em mim, entenderam senhores? — Conclui, como um sargento do exército.

— Sim, senhora! — Minha mãe falou com voz grossa, batendo continência.

— Essa é minha menina! — Meu pai disse feliz, começando a comer.

— Mas... — Comecei.

— Eu sabia! — Meu pai bateu o punho na mesa, levemente, fingido estar bravo e minha mãe deu uma gargalhada.

— Pai, não me interrompa. É importante o que tenho para falar.

— Você está grávida? — Meu pai perguntou sério e minha única reação foi revirar os olhos. Por que eu era a única mulher no mundo que não tinha uma família normal?

— Marido! — Minha mãe bateu no braço dele. — Deixe Eva falar!

— Vou fingir que não ouvi o que você disse pai. Agora ouçam com atenção. O irmão da Gisele tem TEA.

— Isso é contagioso? — Minha mãe perguntou, levando a mão ao peito, preocupada.

— Não mãe, não é contagioso. TEA significa Transtorno do Espectro Autista.

— Trabalhei com um Autista no início da minha carreira. Um menino muito educado e prestativo.

— Sério pai? Por que nunca me contou?

— Não tive a oportunidade. — Ele falou e continuou comendo.

— Existem várias formas do Espectro Autista se manifestar, e no Davi ele é da forma leve, mas nem por isso não devemos dar importância, pois apesar de ele ter um QI altíssimo, falar cinco idiomas e trabalhar como editor e revisor, ele sofre com alguns problemas relacionados à interação.

— Ele fala cinco idiomas! — Minha mãe disse animada. — Vou querer conversar com ele em todos!

Às vezes esqueço que minha mãe foi uma das maiores empresárias no ramo do café e sabe falar fluentemente, vários idiomas.

— Ele vai adorar conversar com você, mãe. Mas é exatamente aí que temos que ficar atentos. Davi entende o que falamos se dissermos literalmente o que estamos pensando. Essa é uma das características da pessoa com *Asperger*. Apesar de ser muito inteligente e estudar muito, ele não consegue acompanhar todas as novas gírias e metáforas, então se você disser para ele chutar o balde, ele vai lhe perguntar onde está o balde, entenderam?

— Sim, eu já li sobre isso. Agora que você falou, estou lembrando. Por isso muitas crianças sofrem *bullying* enquanto estão na escola, na maioria das vezes são taxadas de loucas, por causa de um diagnóstico tardio. Coitadinho, será que ele sofreu muito quando era pequeno?

— Não sei mãe. Estamos nos conhecendo melhor agora. Eu estou disposta a ajudá-lo nessas pequenas coisas que ainda dificultam a vida dele. Davi tem certa restrição a sons muito altos, algumas cores, tipos de alimentos e aglomerações, por isso eles vem passar o fim de semana conosco. Como nossa praia é praticamente deserta, vamos tentar um passeio para que ele possa se divertir um pouco, pelo o que percebi, ele só vive para o trabalho.

— Vou adorar conhecê-lo. — Minha mãe disse animada.

— Ele será muito bem vindo em nossa casa. — Meu pai completou.

— Vocês são os melhores pais do mundo!

— Mentirosa! Sargentona! — Minha mãe disse mostrando a língua.

— Desculpe mãe. É que às vezes, vocês se comportam feito crianças. E por falar nisso, só para concluir, peço que pensem bem nas palavras para usar com ele. Como eu disse, as frases precisam ser literais.

— O menino que trabalhava conosco, sofria *Bullying* de alguns membros da corporação, exatamente por isso que você falou, filha. Por ele não entender o que eles diziam. E alguns faziam de propósito.

— Que horror! E você não fazia nada, marido?

— Claro que sim, meu amor, mas nem sempre eu estava por perto, pois ele trabalhava no escritório e eu, nas ruas.

— Na verdade, estou aprendendo com Davi, que somos nós que falamos errado e não ele. Ele me corrigiu ontem, quando eu disse a palavra “acho”. Ele falou que, não se vive de “achismo” e que o correto é, “eu penso” e não, “eu acho”. — Sorri ao me lembrar de quando ele me elogiou hoje pela manhã.

— Ele está corretíssimo! Estou muito ansioso para conhecer esse rapaz. Acho... — Meu pai parou a frase e a corrigiu: — Penso que vou gostar muito de conhecê-lo.

Foi inevitável sorrir e, de repente estávamos conversando sobre como todo o ser humano é incrível, diante das adversidades da vida. Davi não sabia, mas ele estava mudando muito mais a minha vida, do que eu a dele.

Dezoito



A semana foi agitada no trabalho, Depois da conversa com Bernardo no domingo, senti que ele estava mantendo distância e agradei por isso. Eu não tinha a menor intenção de me relacionar com ele, apesar de Gisele insistir que ele era um cara legal.

Gisele e eu estávamos voltando de uma audiência de custódia, quando eu falei:

— Avisei meus pais que vocês vão passar o fim de semana conosco.

— Por quê? — Ela perguntou sorrindo. — Não me lembro de ter combinado isso.

— Lembra o que eu disse sobre fazer Davi interagir mais com as pessoas?

— Sim.

— Então, quero levá-lo a praia. Ele já foi alguma vez?

— Foi sim, e quer saber, foi terrível! Muitas pessoas aglomeradas, barulho, Davi entrou em pânico e teve a pior crise que eu já vi. Não vai dar certo.

— Quando foi isso?

— A primeira vez quando ele tinha quatro anos e a segunda tentativa foi quando era adolescente, não lembro que idade ele tinha.

— Depois disso ele nunca mais foi à praia?

— Depois disso ele nunca mais foi a lugar algum. Ele trabalha em um escritório, onde as pessoas sabem que ele é *Aspie*. E só viaja de avião porque, assim que entra em um, toma um sedativo para dormir. Ele faz isso sempre pela mesma companhia, que sabe de sua condição.

Respirei fundo e pensei se isso era o certo a fazer. Penso que ainda não entendi bem a situação em si e o que Davi passa todos os dias para se adaptar a nós, Neurotípicos, como eles nos chamam.

— Eu sei que isso pode dar muito errado, mas também pode dar muito certo. Ele não é mais um adolescente e aprendeu a se controlar ou a sair de situações para não ter mais crises, mas ainda tenho medo, entende? Por ele.

— Entendo. Mas ele é um homem bonito, jovial, inteligente e muito educado. Não acho justo ele viver só para o trabalho.

— Olha quem está falando? Não quer ir às festas comigo e o Elói, mora com os pais em uma praia linda e quase nunca vai tomar sol, é bonita, inteligente e não quer namorar o Bernardo!

— Lá vem você de novo, falando do Bernardo! Se eu já não gostava dele antes,

depois do que ele fez com seu irmão, passei a gostar menos ainda!

— Meu irmão apareceu na sala, quase nu, o _____ acusando de querer comprar você por dois mil reais! — Ela gargalhou. — Você queria que ele fizesse o quê?

— Você está falando sério? Ele é um policial! Sua primeira reação era pensar que seu irmão é um *Aspie*, e muitas coisas devem ser relevadas. Ele empurrou seu irmão!

— Você está certa. Como policial ele deveria saber se controlar. Mas isso não significa que ele é uma má pessoa, ele estava com ciúmes de você!

— Não diga bobagens! Se, ele fez isso com seu irmão, o que acha que vai fazer comigo, quando nós brigarmos? Bater em mim?

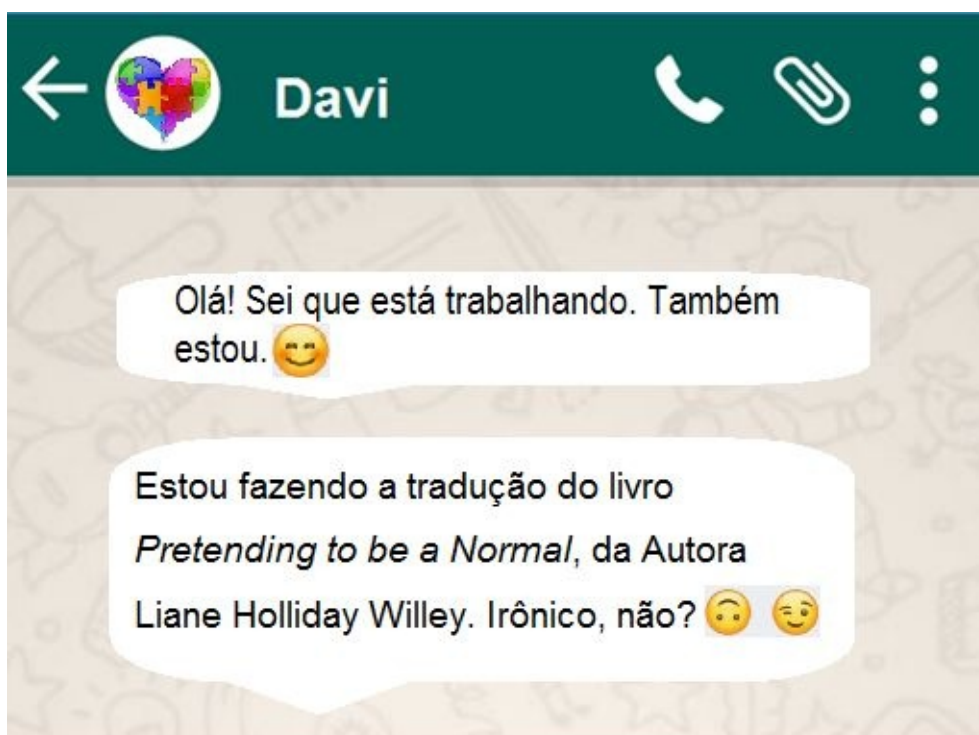
— Não tinha visto por esse ângulo. Okay. Já aconteceu, vamos esquecer isso e passar um fim de semana divertido. Você, Bernardo, Elói, Davi e eu.

— Não! — Falei estacionando o carro em frente ao departamento. — Eu não vou convidar o Bernardo.

— Por favor! Se dê uma chance, só uma! Depois, se você decidir que não gostou desse fim de semana, não insisto mais. — Ela falou, descendo do carro e subindo as escadas. — Mas você convida. A casa é sua.

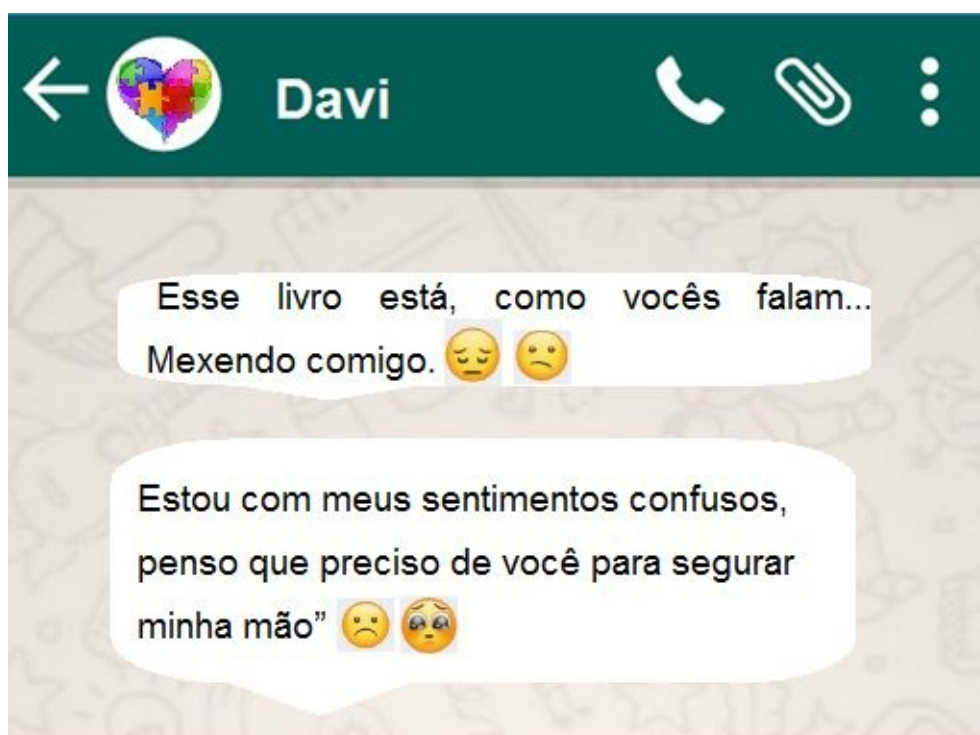
— Vou pensar Gisele! Vou pensar!

O fim de tarde chegou e só agora tive tempo de olhar no celular. Havia várias mensagens de Davi, abri o aplicativo para ler, preocupada.



A foto dele é o símbolo do Autismo e eu achei lindo! Foi inevitável sorrir. A tradução do livro em que ele trabalhava, era: “Fingindo ser normal”. Um livro que falava sobre *Asperger* e Autismo. Eu li sobre esse livro no dia em que estava procurando saber mais sobre o assunto. Sorri mais uma vez, quando li e fiquei emocionada com a iniciativa dele de enviar *emojis* sorridentes.

Gostei da iniciativa dele de falar com metáforas, mas fiquei preocupada ao ler suas próximas mensagens, principalmente pelos *emojis* tristes.



Quando fui responder, o chefe do departamento nos chamou para uma reunião, e eu precisei desligar o celular. Responderia assim que pudesse.

A reunião foi mais longa do que eu imaginava. Estávamos todos cansados e, agora a conversa era sobre a festa de fim de ano do departamento. Eu não queria saber de festa, tudo o que eu queria era ir para casa, tomar um banho e descansar. Também precisava responder as mensagens de Davi. Olhei para a Gisele e ela estava feliz, discutindo sobre o local da festa desse ano. Eu não podia levantar e sair, afinal, ainda era uma reunião de trabalho.

Ouvimos um barulho do lado de fora, um som de cadeiras sendo empurradas e dois homens discutindo. De repente Davi abre a porta e entra, seguido de um policial que gritava com ele, dizendo que não era permitido entrar lá. Olhamos em direção da porta e, por instinto, alguns homens se levantaram e apontaram suas armas para Davi. Antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa, ele procurou alguma coisa pela sala e pousou seus olhos em mim, dizendo:

— Será que podemos ir para o meu quarto repetir o que fizemos no sábado à noite? Estou precisando de você!

Olhei para ele, estava ofegante. Senti que havia algo de muito errado, pois ele transpirava e suas palavras eram de alguém implorando por ajuda.

O policial que estava na porta deu um sorriso debochado, virou as costas e saiu. Os que estavam na sala, abaixaram as armas, rindo e balançando a cabeça em sinal de

reprovação. Gisele estava com o rosto em chamas, Bernardo com os punhos cerrados e o maxilar tenso. Aos poucos, as pessoas foram saindo da sala, falando piadinhas do tipo: “É isso aí garota.” “Não deixe esse homem esperando, não”.

Davi continuava parado no mesmo lugar, ansioso. Meu chefe cruzou os braços, mostrando que não sairia dali e pediu para que o último a sair, fechasse a porta.

Quando ficamos a sós, Gisele, Davi, Diogo, e eu, comecei a falar olhando para meu chefe:

— Me desculpe, eu posso explicar.

— Pode responder minha pergunta, primeiro, por favor? — Davi me interrompeu e eu senti seu desespero. Algo havia acontecido para ele ter ido até ali, pedir para que eu segurasse sua mão, pois era disso o que ele estava falando.

Fui até ele e pedi que sentasse no sofá, que ficava ao lado da porta. Ignorando meu chefe, me sentei a seu lado e segurei suas mãos. Elas estavam frias e úmidas e ele fechou os olhos, respirando profundamente dizendo:

— Obrigado!

— Estou esperando, uma explicação para essa cena patética que estou vendo, Senhorita Eva. — disse meu chefe e, antes que eu pudesse responder, Gisele o levou para outro canto da sala, começando a explicar tudo.

— Davi. O que houve? Como você chegou até aqui?

— Caminhando. — Ele abriu os olhos e, quando encontraram os meus, ele parecia mais calmo.

— Caminhando? São quarenta minutos de caminhada da sua casa até aqui.

— Quarenta e oito minutos e trinta e dois segundos, na verdade. Estou com sede, pode me dar água, por favor?

Fui até o bebedouro e, enquanto enchia o copo, olhei com o canto dos olhos para meu chefe, pela expressão em seu rosto, percebi que ele entendeu a situação.

Entreguei o copo para Davi e ele tomou tudo de uma vez, depois tomou minhas mãos nas suas e as ficou segurando com força, sem me olhar.

— Fiquem o tempo que for preciso. — Diogo falou saindo da sala.

O ouvimos explicando a situação para os que ainda estavam no departamento, Gisele sentou ao nosso lado no sofá, nervosa.

— Acha que vão nos demitir por isso?

— Claro que não, você não explicou tudo para ele?

— Sim, mas esse é nosso local de trabalho. Isso não deve mais acontecer, Davi. Você não podia ter vindo aqui e entrado desse jeito em nossa sala. — ela disse calmamente.

— Me desculpe Gisele. Eu estava muito ansioso. Precisava conversar com Eva, mas ela não retornou minhas mensagens.

— Me desculpe, eu estava na reunião, por isso não respondi. Agora vamos, podemos conversar no caminho para casa. — Falei, me levantando, ainda de mãos dadas com ele.

Atravessamos a sala e todos continuavam ali parados, apesar de o expediente já ter terminado. Alguns nos olhavam com pesar e, outros com sorriso de deboche. Enquanto atravessávamos a sala, pude sentir o que Davi passa todos os dias, sempre que precisa sair de casa. Foi uma sensação muito ruim. Apertei mais ainda minha mão na dele e, assim saímos do prédio. Naquele momento era eu quem precisava daquele contato.

Dezenove



Depois do que aconteceu no trabalho, Bernardo não falou mais comigo. Ele saiu antes de ouvir a explicação do nosso chefe e, sinceramente eu achei melhor. Já percebi que ele é o tipo de homem que não consegue controlar os sentimentos de raiva e eu, decididamente não preciso de um namorado ciumento e violento

O mês passou muito rápido, agora Davi e eu, conversávamos em meu horário de almoço para evitar problemas com o chefe. Saíamos duas vezes na semana e a cada passeio, eu aprendi ainda mais a respeitá-lo e admirá-lo. Fomos a diversos lugares para que Davi pudesse se divertir um pouco mais. Ele me explicou sobre as crises de ansiedade e pânico que podiam acontecer e como eu devia ajudá-lo, caso estivesse com ele, ou como deveria ajudar outra pessoa na mesma situação. Ele estava me ensinando muitas coisas e eu estava feliz em aprender um pouco mais sobre TEA. Conversávamos pelo aplicativo e, antes de me despedir, ele enviou outra mensagem.



Ele usou as iniciais do TEA para escrever aquelas frases fofas, que me fizeram sorrir e agradecer por sua amizade. Através do *emojis* eu sabia como ele estava se sentindo, e fiquei feliz em saber que ele estava bem. Ele não demonstrava suas emoções quando estávamos lado a lado, e saber que através das mensagens, ele se sentia seguro para fazer isso, o incentivei ainda mais. Enviei um *emoji* desejando bom trabalho para ele e muitos *emojis* de beijinhos.

Era sexta feira, Gisele e Elói iam ao cinema assistir ao lançamento de um filme.

Passei na casa dela para pegar minhas roupas que precisavam ser lavadas. Elói me convidou para ir com eles. Falei que, se eles não se importassem, eu faria companhia a Davi.

Eu gostava de conversar com ele depois de um dia de trabalho atribulado. Gisele às vezes fazia cara de poucos amigos, mas eu deixei bem claro que, meu relacionamento com o irmão dela, era baseado na mais sincera amizade.

Depois de uma semana cheia, tudo o que eu queria era uma boa conversa com Davi. Ele era sempre sincero, sua condição de *Aspie* não o permitia mentir, então eu sabia que todos os seus conselhos eram baseados literalmente no que ele sentia e pensava. *Passei tanto tempo procurando o amor e não percebi que ele podia ser encontrado também em forma de amizade.*

Gisele insistiu mais uma vez, antes de sair. Às vezes eu tinha a impressão de que ela não queria que eu ficasse a sós com Davi. Eu sabia que shopping e cinema não era o lugar preferido dele, por conta de haver muito barulho, pessoas se movimentando de um lado para outro, rindo e fazendo todo o tipo de ruído que incomodava meu amigo.

— Vamos ficar aqui conversando, não é mesmo Davi?

— Exatamente! — Ele respondeu, olhando para mim, depois desviando o olhar.

Não era sempre que ele conseguia sustentar o olhar, mas nós combinamos de aumentar as atividades que podiam ser feitas por ele. Assim que Gisele e Elói saíram, nós fomos para o jardim e sentamos no gramado. Estava uma noite muito agradável e a conversa fluía sobre o que eu estive lendo ao longo da semana sobre *Asperger* e Autismo e sobre o livro que ele estava traduzindo.

— Quero me desculpar novamente por ter entrado daquela forma na sala do seu chefe.

— Você já se desculpou e ele entendeu a situação. Não tem que pedir desculpas por isso. Na verdade, a culpa foi minha, nós combinamos de nos comunicar por telefone e eu não cumpri o que prometi.

— Você estava trabalhando, eu devia saber que você não respondeu por que não pode, naquele momento. Prometo que não vou fazer de novo.

— O que você sentiu? — perguntei querendo entender mais o que aconteceu.

— Eu estava traduzindo o livro e, de repente, me senti sozinho, fiquei tenso e soube que ia ter um ataque de pânico. Aprendi a me controlar quando isso acontece, mas naquele dia, não consegui. Me lembrei de como fico calmo quando você segura a minha mão, então não pensei em mais nada. Desci as escadas e sai caminhando. O resto, você já sabe.

Não pude deixar de me emocionar com o que ele disse. A sinceridade dele é uma das coisas que eu mais admiro. Ele não esconde os sentimentos e isso também me deixa feliz e tranquila, pois sei que ele nunca vai me magoar. Saber que eu trago algum conforto para ele, quando está comigo, me deixou com lágrimas nos olhos.

Como eu queria que ele pudesse ir a todos os lugares que quisesse,

conhecesse outras pessoas e fosse feliz. Eu estava disposta a ajudá-lo no que ele precisasse para ter uma qualidade de vida mais digna e feliz.

— Fico muito feliz em saber que se sente bem a meu lado. Eu também gosto muito de estar com você, Davi. — Olhei para ele e ele me olhou por alguns segundos, parecendo feliz.

— Você é minha única amiga, Eva. Sei que posso confiar em você.

— Você está disposto a tentar fazer o que combinamos? — Perguntei receosa. Eu não queria desencadear uma crise nele.

— Estou. Sei que são coisas bobas para você, mas para mim, é muito difícil, apesar de que, eu já me adaptei há várias situações que, quando pequeno, eu não entendia ou conseguia fazer.

— Como o quê, por exemplo? — Perguntei, dobrando as pernas e me sentando de frente para ele.

— As metáforas. Algumas eu entendo, pois ouvi desde pequeno, mas as gírias atuais e algumas palavras que ouço em certas músicas, eu fico sem entender.

— Como qual, por exemplo?

— Eu estava no carro com Gisele outro dia e, ela pediu para eu ligar o rádio, estava tocando uma música e ela disse que esse cara da música era eu. Então, prestei atenção na letra e não entendi nada.

— E como era você lembra?

Eu pensei que ele fosse recitar, como em um poema, mas ao invés disso, para a minha surpresa, ele cantou:

— *Sentimento seu nenhum, te amo e você nem tchum...*

A voz dele era perfeitamente harmoniosa e afinada. Para quem disse que não conhecia a música, ele cantou muito bem. Fiquei olhando para ele e pensando na garota de sorte que seria sua namorada.

— Eva? — Ele me chamou e passou a mão na frente dos meus olhos.

— Oi. — Falei piscando várias vezes, depois sorrindo.

— Oi. — Ele me respondeu com voz doce, na inocência que lhe cabe e eu sorri novamente, sentindo meu peito se aquecer.

— Oi. — Falei, começando uma brincadeira.

— Eu já te disse “Oi” Eva. Você parece uma bobona, fazendo isso.

— Adoro sua sinceridade. — Sorri.

— O que aconteceu? Você bebeu vinho demais, hoje?

— Não, só estou feliz por estar aqui com você. — Olhei para ele, mas ele desviou o olhar.

— Então retribua essa felicidade, me dizendo o que é significa esse “*Tchum*” da

música. Não tive tempo de pesquisar.

— Significa que ela ama o cara e ele não está nem aí *pra* ela. — Ele fez um gesto com as mãos e eu percebi que só piorei as coisas, então fui literal, como sempre deveria ser: — Ele não se importa com ela, ele a ignora, não lhe dá atenção e a despreza, entendeu agora?

— Mas eu não ignoro minha irmã. Você acha que eu a ignoro? — perguntou ele, parecendo confuso.

— Claro que não. Ela estava brincando.

— Não, ela estava dirigindo. — Ele respondeu foi inevitável sorrir, porque com ele, tudo era literal e isso, o que para algumas pessoas, pode parecer egocêntrico da parte dele, para mim, era muito divertido.

— O que acabei de falar também foi uma metáfora. Significa que ela estava apenas tentando fazer você sorrir.

— Por que as pessoas complicam tanto para dizer o que sentem? — Ele perguntou, de repente, me olhando nos olhos, por alguns segundos e eu sustentei aquele olhar profundo e cheio de dúvidas.

Eu poderia ficar olhando para ele a noite inteira e não me cansaria. Então, ele desviou, olhando para o lado.

— Você não respondeu a minha pergunta, Eva. Por que as pessoas não dizem o que realmente sentem?

— Eu não sei meu amigo. — Penso que temos medo de nos decepcionar, então criamos um mundo que só existe em nossa imaginação. — Peguei minha garrafa de água e tomei um gole, enquanto me perguntava também, o motivo do ser humano ser tão complicado.

— O que é *rola*? — Ele perguntou sério, enquanto arrancava um pedacinho de grama.

Eu cuspi a água que estava na boca. Aquela pergunta me pegou de surpresa. Comecei a tossir e meu rosto ficou em chamas. Eu sabia que não devia rir, mas estava difícil me controlar, depois daquela pergunta, que para ele, era inocente.

— Você está bem? Precisa tomar mais cuidado ao beber direto na garrafa.

Eu não queria que ele ficasse ofendido, mas foi impossível não rir. Para amenizar minhas risadas, levei as mãos ao rosto e tentei sufocar o som estranho que saía de minha boca.

— Eva? Você está chorando? — Ouvi a voz preocupada de Davi. — Me desculpe, eu não sabia que essa era uma palavra triste para você.

Vinte



Dessa vez foi impossível controlar meu riso com som de porco no final. Eu me deitei no gramado e, realmente, meus olhos estavam lacrimejando, mas de tanto rir. Coloquei as mãos na barriga, eu estava descontrolada e não conseguia parar, meu abdome estava doendo e tentei me recompor.

— Você está rindo de mim? — Ele perguntou ofendido. — Não tenho culpa se essa palavra não tem no dicionário e não é do tempo em que eu era criança. Pare de rir, Eva! Pensa que sou seu palhaço particular?

Imediatamente meu riso cessou, então me sentei, enxugando os olhos. Davi estava com os punhos fechados e seu maxilar estava tenso. Seu corpo balançava levemente para frente e para trás, e só consegui pensar que fui longe demais, rindo daquela forma.

— Me desculpe Davi. Eu não estava rindo de você. — Tentei tocar suas mãos, mas ele se esquivou.

— O que a fez rir tanto, então? — perguntou bravo.

— Onde ouviu essa palavra? — perguntei, tentando não cair na gargalhada novamente. — Eu não quero saber em qual frase, só quero saber onde ouviu essa palavra. — Tive medo de não conseguir me controlar, se ele a dissesse em uma frase inteira.

— Na mesma rádio em que ouvi a outra. Quando a música do *Tchum* terminou, outra começou, mas Gisele trocou rapidamente, fazendo uma careta, mas consegui ouvir esse frase da letra que dizia:

— Não! — Dessa vez toquei as duas mãos dele. — Não precisa cantar. Eu explico para você.

Davi ficou tenso, então olhei para ele, queria que ele soubesse, que estava tudo bem. Ele olhava para nossas mãos entrelaçadas, parecendo hipnotizado. Só então me lembrei, que o toque repentino o assustava, retirei as mãos rapidamente.

— Me desculpe! Sei que você não gosta que o toquem.

Ele não respondeu, apenas ficou olhando para as próprias mãos, sua respiração estava um pouco acelerada.

— Machuquei você? — Perguntei preocupada que ele pudesse ter uma crise, pois em certas situações, a dor era física, ao ser tocado de forma brusca.

— Não. — Ele respondeu sussurrando e, eu percebi sua respiração voltando ao normal, aos poucos. — Pode responder a minha pergunta, por favor? Se essa palavra não a

faz chorar e sim rir, quero ter certeza de que não foi de mim que você estava rindo. É uma palavra engraçada?

— Não. É uma palavra obscena. — Eu era adulta e ele também. Eu não podia deixar que ele sáísse por aí perguntando para qualquer pessoa, como sua amiga, eu precisava responder. Não queria que ele servisse de chacota para os outros.

— Se é uma palavra obscena, por que você riu tanto?

— Porque eu não estava esperando ouvi-la. — disse, para que ele entendesse que não fiz por mal.

— E o que significa? Por todos os anjos Eva, pare de se esquivar e me responda, de uma vez. — Ele voltou a ficar nervoso. — Por que você me trata como se eu fosse uma criança? Às vezes, você me aborrece com tantos rodeios que faz para responder as coisas e...

— Pênis! — Falei mais alto do que pretendia e levei a mãos aos lábios.

— Pênis? — Ele repetiu parecendo confuso. — A palavra da música falava sobre o órgão sexual masculino?

— Sim. Entende agora porque eu ri. Foi de nervoso, não esperava por essa pergunta.

— Me desculpe! — Ele me olhou rapidamente, depois desviou o olhar para o gramado tão verde quanto seus olhos. — Eu me comportei de forma inadequada. Agora entendo sua reação. — ele começou a balançar o corpo para frente e para trás, novamente. Você ficou nervosa, pois um estranho lhe fez uma pergunta imbecil.

— Não! — Eu fiz menção de tocar nele, mas fechei meus punhos a tempo e afastei meus braços. — Você é meu amigo, não um estranho e não poderia saber o significado. Isso, definitivamente é uma gíria dos anos atuais. Eu só fiquei com vergonha e, quando eu estou nervosa e intimidada, eu rio. Eu é que peço desculpas por ter rido, mas não foi de você, eu juro!

Ele parou de balançar o corpo e, dessa vez, me olhou intensamente, sustentando o olhar. Seus olhos tinham um brilho enigmático e eu precisei abrir a boca para recuperar o fôlego, enquanto ele mantinha o olhar fixo em mim. Davi era um homem muito bonito, tinha ombros largos, braços bem definidos, sua boca certamente foi desenhada pelo criador, mas eram em seus olhos que eu me perdia. Apesar de ele sustentar o olhar poucas vezes, cada vez que o fazia, eu sentia uma paz e ao mesmo tempo, um turbilhão de emoções. Algo dentro de mim estremeceu e, pela primeira vez, em anos, eu fiquei calada, apenas contemplando aquele homem tão sensível e especial.

— Não precisa jurar. Acredito em você, Eva. — disse ele, deitando de costas no gramado e colocando as mãos cruzadas sob a nuca, ficou em silêncio contemplando as estrelas. Eu me deitei lentamente e também fiquei em silêncio então, ao que pareceu uma eternidade, pela primeira vez, ouvi o riso solto dele e foi inevitável não rir também.

— Agora é você que está rindo. É de mim? — perguntei, virando o rosto em sua direção.

— Não. Ainda bem que não me deixou dizer a frase inteira. Agora que sei o que significa, estou rindo de nervoso. — Ele me olhou por dois segundos e depois voltou a sorrir.

— Safadinho! — Falei e ri com ele. Como era bom ouvir o som de sua risada, não pensei que ele pudesse demonstrar sua alegria, pois li em várias vezes, que pessoas com TEA não expressavam sentimentos. — Davi, se eu fizer uma pergunta para você, promete que não vai se sentir ofendido, pois não é essa minha intenção. — Virei meu rosto em sua direção e ele também me olhou, franzindo a testa.

— Quando estava lendo sobre TEA, o que os artigos diziam era que, um Autista, não expressa seus sentimentos, mas agora mesmo, você se expressou de forma clara. Por que as pessoas falam isso?

— Entendo sua dúvida, Eva. — ele continuou me olhando. — O fato de pensarem isso, é que nós, vivemos e sentimos tudo de forma muito intensa, muitas coisas se passam em nossa mente, enquanto estamos conversando com alguém e, na maioria das vezes, nos perdemos em pensamentos, e as pessoas interpretam isso, como se não tivéssemos emoção, quando na verdade estamos assimilando o que vocês estão falando. O fato de eu não sorrir sempre, não significa que estou triste, ou não sinto. Eu sinto tudo, só não demonstro da mesma forma que você, pois não me sinto seguro. Mas eu tenho meus sentimentos de alegria, amor, sensibilidade, paixão, estão todos aqui, apenas os sinto de forma diferente.

— Entendi. Desculpe a minha ignorância. Penso que entendi errado quando li. Obrigada por me explicar. Gostei muito de ver você sorrindo, deveria fazer isso mais vezes.

— Você me deixou seguro o suficiente para fazer isso. Sou eu que agradeço. — ele disse sorrindo e, dessa vez, eu desviei o olhar.

— Prefiro a outra frase. — disse, mudando de assunto. — É dessa que quero me lembrar. Pode repetir?

— Se eu repetir você promete que me faz um favor? — ele perguntou, olhando para o céu.

— Claro que sim. — Falei olhando para o céu estrelado também.

— *Sentimento seu nenhum, te amo e você nem tchum, sentimento seu nenhum, te amo e você nem tchum...* — Ele repetiu e, eu não pude deixar de sorrir. A voz dele era muito bonita e me trazia paz.

Fiquei esperando ele pedir o tal favor, mas não perguntei do que se tratava, com Davi, aprendi a ter paciência e esperar o tempo dele, pois às vezes, ele se perdia em pensamentos, dentro do seu mundinho particular e, como sua amiga, eu respeitava isso e apenas aguardava o momento certo de me aproximar novamente.

Vinte um

Minhas mãos estavam dormentes e eu as estiquei ao lado do corpo. Vi que Davi fez o mesmo e, por um longo tempo, ficamos em silêncio contemplando aquele céu estrelado. Era muito bom estar do lado de alguém e se sentir segura. Era assim que eu me

sentia com ele.

— Eva. — Ele me chamou, ainda olhando para o céu.

— Pode falar Davi. — Falei olhando para o rosto dele, que estava a poucos centímetros do meu.

— Será que poderíamos treinar um cumprimento ou abraço? Ainda fico desconfortável quando preciso fazer isso.

Esbocei um leve sorriso, mas ele se manteve inabalável, olhando para o céu e, naquele instante, entendi que ele precisava de alguém para ter aquele tipo de contato e seguir adiante em mais uma etapa de novas sensações.

Eu sabia o quanto era difícil para ele, o toque, um gesto de carinho, um sorriso, às vezes as pessoas confundem esse medo com grosseria, mas não sabem que, dentro da cabeça de um *Aspie*, ele trava uma batalha para conseguir realizar esses gestos, sem ter uma crise.

Cada dia com ele era um novo aprendizado para mim e uma descoberta de novas sensações também. Entendi que ele não iria me olhar nos olhos e percebi sua respiração e seu maxilar tenso. Lentamente, encostei o dorso de minha mão, na mão dele, sem pressa e, dessa vez, fui eu quem precisou controlar a respiração. Engoli em seco e, com movimentos suaves, deslizei meus dedos entre os dele e ele apertou com força, enquanto dava um profundo suspiro.

— Podemos treinar o que você quiser Davi. Vamos levantar?

Estávamos um ao lado do outro, sentados, ainda de mãos dadas. Meu coração batia acelerado e, por alguns segundos, os pelos dos meus braços se eriçaram e minha boca ficou seca. Naquele momento, fiquei com medo de estar me deixando levar pelo carisma de Davi e estar confundindo as coisas. A realidade era que, eu nunca me senti bem com um homem, como me sinto com Davi. A sinceridade dele me faz gostar dele, cada dia mais. Como amigo, é claro.

— O que quer treinar primeiro? — perguntei soltando a mão dele e me levantando.

— O cumprimento. Normalmente lido com homens em meu trabalho, já me acostumei com o aperto de mãos masculino, mas as mulheres são diferentes, ainda entro em pânico quando uma vem em minha direção para me cumprimentar.

— Entendo. Porque na maioria das vezes temos o costume de nos cumprimentar com dois ou três beijos no rosto.

— Exatamente! — ele respondeu.

— Okay. Vamos fingir que sou de uma editora e vou me aproximar de você, para cumprimentá-lo. — disse tomando distância e caminhando em sua direção, firmemente, olhando em seus olhos.

— Espera, espera! — Ele ergueu as duas mãos em sinal de defesa e, deu dois passos para trás. Por que vocês vem em nossa direção, como se fossem começar uma guerra?

Não consegui me conter e dei um leve sorriso, diante daquele comentário.

— Isso se chama empoderamento feminino, meu amigo. — Uma mulher determinada, não tem medo de suas atitudes. O mercado de trabalho ainda é dominado por homens e precisamos estar preparadas para todo tipo de situação. Não somos o sexo frágil, como sempre nos estereotiparam.

— Uau! Você tinha que se ver falando, Eva. Me fez ficar com tanto medo de você que quase borrei minhas calças. — ele disse sincero.

Dessa vez, não consegui me conter e ri muito, Davi pareceu assustado no início, mas depois também começou a rir.

— Não precisa ter medo, meu amigo. Queremos apenas ser respeitadas, assim como você.

— Você é muito bonita quando fica empoderada. — ele falou, colocando as mãos nos bolsos das calças e me olhando com admiração.

Eu nunca sei o que fazer quando sou elogiada, então joguei um beijo no ar para ele e me afastei, dizendo: — Você que é um perfeito cavalheiro. Agora, prepare-se, pois vamos tentar novamente.

— Tenha compaixão desse pobre homem. — ele disse, levando as mãos ao peito e, eu adorei saber que ele estava se divertindo com tudo isso.

— Vou fazer diferente, Davi. Anunciarei o que vou fazer para que você não se assuste. Estou caminhando até você, nós vamos nos cumprimentar com um aperto de mão e dois beijos, no rosto.

Caminhei lentamente e, parei assim que fiquei próximo a ele. Ele me olhou por alguns segundos e depois, desviou o olhar.

— Davi, tente manter seu olhar fixo no meu, caso não consiga, olhe para minha testa, isso sempre funciona.

— Prefiro olhar para seus olhos. — ele disse sincero, me deixando constrangida.

— Tudo bem, então olhe para meus olhos. Vamos fazer uma espécie de teatro. Vou começar.

— Bom dia Davi! Eu sou Ivana é um prazer conhecer você! — Segurei a mão dele em um cumprimento e, antes que pudesse continuar ele me interrompeu, inocentemente.

— O correto é boa noite, pois já passa das seis e seu nome não é Eva?

— Esbocei um leve sorriso, ainda segurando sua mão e falei:

— Você está certo, Davi. Mas lembre-se que eu disse que era como se fosse um teatro, por isso, inventei um personagem.

— É verdade, me desculpe! — ele pareceu desapontado.

— Não se preocupe, vamos continuar de onde paramos. Estou segurando sua mão, agora vou colocar a mão esquerda em seu ombro e você vai colocar sua mão em meu cotovelo, enquanto beija meu rosto. Isso você faz quando a pessoa em questão é uma desconhecida, agora, se ela for sua amiga, você pode colocar sua mão na cintura dela.

— Parece complicado. São muitas informações. — ele disse confuso.

— Fazendo é mais fácil do que explicando, vamos tentar?

— Sim.

— Muito prazer, meu nome é Ivana. — Coloquei minha mão no ombro dele e ele não se moveu. — Davi, coloque sua mão em minha cintura, pedi e ele o fez.

— Assim? — falou me tocando de leve.

— Exatamente, agora vamos trocar um cumprimento, como você costuma ver as pessoas fazendo, com dois beijos no rosto. — Encostei de leve os meu rosto no dele e sua primeira reação foi se afastar. — Tudo bem, vamos tentar de novo.

Mais uma vez, encostei nossos rostos e senti a respiração tensa dele.

— Não se mova, sinta meu rosto no seu. — disse baixinho para não assustá-lo.

— Estou sentindo. — ele disse tenso e apertou ainda mais, minha mão.

— Agora vou beijar seu rosto. — disse, depositando um beijo leve em sua face.

A barba dele roçou minha pele, quando voltei a encostar meu rosto no dele para que ele fizesse o mesmo.

— Pode me beijar, Davi.

Ele virou lentamente a boca em direção ao meu rosto e me beijou lentamente. Fechei meus olhos para controlar a emoção que estava sentindo. Era uma emoção tão pura e verdadeira, que tive vontade de chorar. Lentamente afastei meu rosto do dele e o olhei sorrindo.

— Você conseguiu!

— Eu consegui! — ele disse com orgulho. — Podemos fazer de novo?

— Quantas vezes você quiser. — disse me afastando. — Lá vou eu! — sorri caminhando em sua direção.

Vinte e um



— Olá, Davi, sou Ivana, é um prazer conhecê-lo.

Dessa vez, para minha surpresa, ele foi logo tomando a iniciativa, apertou um pouco mais minha cintura e me deu dois beijos no rosto.

— Estou orgulhosa de você! — disse feliz.

Davi me pegou de surpresa e me abraçou fortemente pela cintura, sussurrando um obrigado emocionado e eu não consegui responder, apenas o abracei com força, feliz por ter conhecido um homem como ele.

Ficamos abraçados em silêncio por um longo tempo. Há momentos em que as palavras são desnecessárias, e esse é um deles. Todos os dias, ao lado de Davi é um grande aprendizado e uma emoção diferente. De repente, ele se afastou apenas o suficiente, para me olhar e sorrir, depois olhou para o céu.

Não sei dizer por quanto tempo ficamos olhando para as estrelas, abraçados. Davi apontava algumas e me explicava seus nomes e eu estava adorando aquilo. Olhei para ele, enquanto falava, apontando as constelações e me perdi em seu belo rosto.

A barba estava por fazer, seus olhos brilhavam enquanto falava sobre as estrelas, seu nariz era perfeito e eu senti vontade de esfregar o meu no dele. Olhei para sua boca bem desenhada, aliás, essa foi uma das primeiras coisas que percebi quando o vi, sua boca era digna do título de melhor obra do criador. Ele continuava falando, alheio ao que estava provocando em mim e, naquele momento, eu só conseguia pensar em como seria ser beijada por ele.

— Você não está prestando atenção a uma palavra do que estou dizendo. — Ele aproximou seu rosto, de repente e me olhou, sério.

Eu engoli em seco e minhas mãos começaram a suar.

— Por que está nervosa Eva? — Ele perguntou ainda me olhando e eu achei aquilo estranho, pois nunca o vi sustentar o olhar por tanto tempo.

— Não estou nervosa. — Sorri para disfarçar.

— Está sim, sua mão está suada e sua pupila dilatada. Sem falar na sua voz, que está trêmula.

Me senti como se estivesse sendo interrogada por meu pai. Mas ele estava completamente certo, eu estava muito nervosa por ter sido pega olhando daquela forma para ele e, mais ainda, por ele continuar me olhando.

— Como está conseguindo me olhar por tanto tempo? — perguntei tentando

inverter a situação.

— Eu nunca disse que não consigo encarar as pessoas. — Ele confessou.

Com seu corpo tão próximo, eu me senti totalmente desconfortável. Era impressão minha, ou Davi estava flertando comigo?

— Mas você nunca me olhou por tanto tempo assim. — disse nervosa.

— Olhei sim, você é que não percebeu. — Ele falou com voz suave e eu percebi, naquele momento, que havia me metido em uma bela de uma encrenca.

— Você está flertando comigo? — perguntei sem pensar.

— Estou. — ele sorriu e meu coração agora, batia tão acelerado, que eu pensei que Davi também ouvia.

— Por que está fazendo isso? — Fiz uma pergunta idiota, eu sei, mas eu não conseguia raciocinar com ele tão próximo, falando aquelas coisas, sendo tão sincero.

— Porque você é bonita, inteligente e eu me sinto muito bem ao seu lado. E, a menos que você diga não, vou beijar você agora. — Ele falou, se aproximando lentamente.

Eu travei diante dessa possibilidade e apertei ainda mais a mão que ele segurava. Eu não sabia que ele podia beijar, quer dizer, ele é um homem como todos os outros, certamente tem os mesmos sentimentos, mas com a aversão dele ao toque, pensei que beijar não fosse uma tarefa fácil. E enquanto eu pensava, Davi aproximou seu rosto do meu, senti seu hálito quente e a respiração um pouco acelerada, me olhou fixamente e sussurrou próximo a minha boca:

— Estou esperando sua resposta.

Não consegui falar, então fiz o que tive vontade. Passei minha mão por seus cabelos e a repousei em sua nuca, diminuindo o espaço que restava entre nossas bocas.

Quando Davi tocou meus lábios, senti cada célula do meu corpo reagir. Uma emoção tão grande tomou conta de mim, e eu precisei me controlar para não chorar. Sua língua quente e com sabor de menta encontrou a minha e se enroscou nela tão lentamente que, não consegui conter um gemido rouco. Os movimentos dele eram lentos, precisos e a forma como ele beijava meus lábios era completamente diferente de tudo o que já experimentei. Aos poucos, ele foi beijando minha boca, de forma lenta e torturante, depois, beijou meu rosto e eu fechei meus olhos para sentir melhor tanto carinho, então ele repousou um beijo em cada pálpebra e eu sorri.

— Cada vez que você sorri, eu tenho vontade de beijar você. — Ele sussurrou, encostando sua testa na minha e segurando meu rosto em suas mãos.

Eu estava completamente entregue naquele momento, ouvir suas palavras sinceras foi um conforto para meu coração, mas eu precisava lembrar onde estávamos e quem era ele, o irmão da minha melhor amiga! Se Gisele e o Elói chegassem ali, naquele momento, seria muito difícil explicar que aquilo era só um beijo entre amigos. Prometi para ela que, era isso o que nós éramos, mas não contava em me sentir atraída por Davi.

Diante do meu silêncio, ele se afastou lentamente e voltou a se deitar de costas, no

gramado e, eu agradei mentalmente. A cada segundo estava mais difícil me controlar com ele tão perto. Me deitei a seu lado, olhando para o céu. Meu coração ainda batia acelerado e eu estava tentando encontrar uma desculpa para o que havia acontecido, quando Davi falou, me surpreendendo mais uma vez com sua sinceridade:

— Eu fiquei excitado. Você também ficou?

Aquela pergunta me surpreendeu, mas eu não podia mentir, não para ele.

— Sim. — disse, tentando controlar o que estava sentindo. — É normal, somos adultos, mas isso não significa que vamos dormir juntos.

— Não falei que eu quero dormir com você. — ele me olhou e eu corei.

Como fui burra, ao entender tudo errado, ele apenas me beijou e eu já estava pensando em sexo, e mais uma vez ele me surpreendeu:

— Quero ficar acordado com você! A noite toda! Você quer? — Ele me olhou e sustentou o olhar. — Quer fazer sexo comigo, Eva?

Seria cômico, se não fosse trágico! Meu único amigo homem, irmão da minha melhor amiga, confessando que, quer ficar acordado, a noite toda comigo, como se estivesse me convidando para assistir a um filme.

Eu não podia simplesmente me levantar e ir embora, precisava ficar e explicar os motivos de não poder ficar acordada com ele, mesmo querendo exatamente isso naquele momento.

— Não podemos Davi. Somos amigos.

— Já fiz sexo com outras amigas. — Ele me disse calmamente.

— Nossa amizade é diferente. Sua irmã não vai gostar de saber que nos beijamos e muito menos se fizermos sexo.

— Não devo explicações da minha vida para minha irmã, Eva. — ele pareceu desapontado.

— Não é só isso. — Aquilo estava muito difícil de explicar sem que ele se sentisse magoado. — Não sei se você vai entender o que eu vou dizer Davi. Eu não faço sexo casual. Preciso estar emocionalmente envolvida para que isso aconteça.

— Você ficou bem emocionada quando a beijei. — ele insistiu.

— Nos precipitamos. — Comecei tentando encontrar as palavras certas, para evitar uma discussão. — Acabamos confundindo nossos sentimentos por estarmos a algum tempo convivendo juntos.

— Se eu entendi bem, você quis dizer que precisa estar namorando para fazer sexo comigo. — Ele concluiu de forma simples.

Sem ter mais palavras para explicar, resolvi assentir:

— Exatamente!

Ele se levantou e, começou a andar de um lado para outro, com os braços cruzados e batendo a mão no queixo, levemente. Parecia estar fazendo cálculos e eu fiquei sem

saber se devia ir embora, ou ficar e esperar.

Alguns segundos se passaram, eu já estava de pé, impaciente, esperando por sei lá o quê. Então, de repente, ele parou bem a minha frente, segurou minhas mãos entre as suas e perguntou:

— Quer namorar comigo, Eva?

Aquilo foi tão inesperado, que senti vontade de chorar. Provavelmente esse seria o único pedido que eu receberia de alguém tão sincero como Davi.

— Você está perguntando isso porque eu falei que só faço sexo se estiver namorando?

Ele fez uma careta, soltou minhas mãos e disse:

— Sim. Me desculpe.

Foi impossível não sorrir. Se qualquer outro homem me dissesse isso, provavelmente eu o esbofetearia, mas o homem diante de mim era diferente, especial e eu estou gostando dele, mais do que posso admitir. Aquele era Davi, que não mentia, ou não conseguia mentir sem que se pudesse notar em sua expressão.

— Aprecio sua sinceridade, Davi. Mas não podemos namorar só porque você quer ficar acordado comigo. — Falei sorrindo.

— Já disse que, quando você sorri desse jeito, sinto vontade de beijá-la, então se não quer que eu a beije, não faça isso, Eva. — Ele disse calmamente e, depois completou: — Por favor.

— Está bem, Davi. Agora vamos entrar, sua irmã deve estar chegando. — Tudo bem para você se eu for embora?

— Sem problemas, estou cansado. Amanhã vamos para a sua casa? — ele perguntou enquanto caminhávamos pelo jardim.

— Sim, você está seguro em relação a isso?

— Não muito, mas quero fazer isso. Você disse que é uma praia quase deserta, então penso que, posso conseguir me enturmar com seus pais.

— Fico muito feliz em ouvir isso. — Sorri e, percebendo que o olhar dele pousou em meus lábios, fechei a boca novamente.

Seria muito difícil me controlar e, pelo olhar dele, estava sendo difícil para ele também, afinal de contas, ele era um homem e eu uma mulher.

Tentei ir embora várias vezes, mas Davi me prendia com seus carinhos e beijos e, a cada minuto ficava mais difícil ficar longe dele.

Eu precisava pensar muito, antes de ter um relacionamento com ele, de forma alguma queria magoá-lo e muito menos, sair magoada.

— Tem certeza que não quer ficar? — ele perguntou, acariciando meu rosto e beijando minha testa.

— Tenho. Preciso realmente ir. Boa noite Davi. — beijei seus lábios e me afastei.

Antes de sair, disse a Davi para não comentar com a irmã sobre nosso beijo, pois ela não iria achar certo o que fizemos. Ele assentiu e disse que ela não precisava saber de tudo o que ele fazia. Suspirei aliviada, tenho certeza de que a Gisele não gostaria de saber que nos beijamos.

Vinte e dois



Finalmente o sábado chegou. O sol brilhava lá fora e eu levantei animada e ansiosa. Meus pais iam conhecer Davi e, isso para mim era muito importante, pois queria que ele se sentisse à vontade para ir até a minha casa sempre que quisesse.

— Bom dia! — Minha mãe disse assim que entrei na cozinha.

— Bom dia mãe! Bom dia pai!

Dei um beijo em cada um e me sentei na bancada, tomando um gole de café que foi servido por minha mãe.

— Estou ansiosa, e vocês? — perguntei.

— Eu também! — Minha mãe respondeu. — Quase não dormi essa noite. Quero que tudo saia perfeito.

— Vocês estão falando como se fossemos dar uma festa. — Meu pai disse, enquanto caminhava para fora da cozinha. — Estou ouvindo barulho de um carro, parece que são eles.

Em poucos segundos pude ouvir a voz de Gisele, sorridente e a seguir a voz de Elói. Fui até a sala e eles estavam se cumprimentando. Expliquei para meu pai que ele não precisava estender a mão para Davi, mas para minha surpresa, no momento em que fiquei ao lado dos dois, Davi havia estendido a mão para meu pai, dizendo:

— Eu sou Davi. É um prazer conhecer o senhor!

Meu pai olhou para mim e eu assenti com a cabeça, então ele estendeu devagar, a mão para Davi e o cumprimentou com um aperto breve.

— Eu sou Antônio, pai da Eva. É um prazer conhecer você, Davi. Seja bem-vindo a nossa casa.

— Obrigada, senhor Antônio! — Davi disse polidamente e eu fiquei muito orgulhosa dele, por ter se esforçado para cumprimentar meu pai daquela forma.

— Nada de senhor, meu jovem, me chame de Antônio.

Minha mãe veio até a sala, alegre e depois de cumprimentar Gisele e Elói, voltou seus olhos para Davi. Ela sorriu para ele e se aproximou devagar.

— Olá! Eu sou a mãe de Eva, Giovana. Seja bem-vindo, Davi.

Davi segurou a mão de minha mãe e depois, para espanto de todos, levou-a aos lábios, como um perfeito cavalheiro.

— Obrigada, senhora Giovana. Estou muito feliz em conhecê-la.

— Mas que cavalheiro! Por isso Eva gosta tanto de você!

— Ela gosta? — Davi perguntou, soltando a mão de minha mãe e me olhando.

— Claro que sim! Ela fala de você o tempo todo!

Minha mãe e sua mania de querer me fazer casar! Antes que ele falasse bobagem, me aproximei de Davi.

— Minha vez. — Estendi a mão para Davi, sorrindo para que ele me cumprimentasse da mesma forma que cumprimentou minha mãe, mas ao invés disso, para minha surpresa e de todos, ele me puxou de encontro a seus braços e me deu um abraço tão bom quanto o de ontem a noite.

— Senti sua falta! — Ele sussurrou em meu ouvido e eu o abracei, emocionada. — Como você conseguiu fazer todas essas coisas?

— Tive uma ótima professora. E treinei mais um pouco com minha irmã ontem, depois que ela chegou. Obrigada por tudo o que fez comigo ontem, incluindo o beijo.

Ouvimos o pigarrear do meu pai, já que estávamos abraçados e cochichando.

Me afastei de Davi e sorri, dizendo:

— Estou muito feliz que você está aqui, Davi.

— Eu também estou feliz de estar aqui, Eva.

Aqueles olhos agora não fugiam mais de mim e isso era intimidador e excitante. Quando ele me olhava, muitas sensações aconteciam ao mesmo tempo e, eu acho que estou em uma bela de uma encrenca.

Fomos para a varanda, estava um dia lindo e minha mãe tinha preparado tudo para um delicioso café.

Davi sentou ao meu lado, em frente a meus pais, Gisele e Elói sentaram de frente um para o outro, Elói ao lado de meu pai e Gisele ao lado de Davi.

Eu estava feliz, mas ao mesmo tempo com medo que meu pai começasse a fazer perguntas para Davi e, ele na sinceridade que lhe cabe, revelasse que nos beijamos ontem a noite.

— Eva falou que você fala cinco idiomas. — Minha mãe começou, se dirigindo a Davi.

— Sim, senhora Giovana. Na Verdade são seis, além do nosso.

— Por favor, nada de senhora, me chame de Giovana. E quais são os idiomas?

— Alemão, Espanhol, Inglês, Italiano, Francês e Chinês.

— Chinês? — Minha mãe perguntou admirada. — Falo um pouco de cada um dos que você citou, menos chinês. Você fala um pouco de chinês, não é mesmo, marido?

— Sim. Mas não sou fluente. — Meu pai responde e, olhando para Davi, perguntou:

— *Nǐ hé wǒ nǚ'ér shuìguòle ma?* (Você já dormiu com minha filha?)

— *Shì de, wǒ wěnlē tā, dàn wǒmen méiyǒu zuò'ài.* (Sim, e também a beijei, mas não fizemos sexo)

— *Gēn tā shuìle dàn shénme dōu méi zuò?* (Dormiu com ela e não fizeram nada?)

— *Wǒ zūnzhòng nǐ de nǚ'ér. Wǒmen zhǐshì shuìzhele wòzhe bǐcǐ de shǒu.* (Respeito sua filha. Apenas dormimos segurando a mão um do outro)

— Será que vocês podem dizer o que estão falando? — Perguntei nervosa, pois conhecia aquele olhar do meu pai. Ele estava interrogando Davi.

— Seu pai queria saber se já dormimos junto. Eu disse que sim, mas não fizemos sexo. — Davi respondeu tranquilamente.

Todos se olharam, mas ninguém disse uma palavra. Eu ainda não me acostumei com a sinceridade de Davi.

— Gostei dele. — Meu pai disse me olhando e depois voltou a comer um pedaço de bolo.

Olhei para Davi e ele parecia tranquilo, mas eu precisava saber o que meu pai perguntou para ele. Depois de alguns minutos de conversa, eu já não aguentava a ansiedade.

— Vamos nos trocar para ir à praia? — Perguntei me levantando, estava curiosa para saber o que meu pai conversou com Davi.

— Vamos! Está um dia lindo e eu quero pegar uma cor. — Gisele disse, se levantando também.

Subimos até meu quarto e, quando ficamos a sós, não resisti e perguntei, para iniciar uma conversa e tentar descobrir o que Davi havia contado para ela.

— Como foi que Davi cumprimentou a todos daquela forma?

— Ontem, depois que chegamos, ele me disse que queria treinar abraços e beijos. — Ela falou sorrindo. — Aliás, ele não me disse o motivo de você ter ido embora antes de nós chegarmos.

— E... Ele me disse que estava cansado e com sono. Por isso fui embora.

— Estranho. Ele estava bem agitado quando chegamos. Treinamos abraços até tarde. Eu estava com saudade desse Davi mais ativo, divertido e penso que isso se deve a você.

— A mim? — perguntei, desviando o olhar.

— Sim, ele se sente seguro com você, por isso está se esforçando tanto para dar o seu melhor. Até falou em namorar.

Meu rosto ardeu em chamas e eu me enfiei no *closet*, para que ela não percebesse meu constrangimento.

— Na... Namorar? Com quem? — perguntei pegando um biquíni e uma saída de praia.

— Não sei, acho que ele está empolgado com tudo ultimamente. Ele até fez uma conta em um aplicativo de namoro, não é o máximo? — Ela falou empolgada, enquanto entrava no banheiro e fechava a porta.

Não sei dizer o que senti quando ouvi Gisele dizer aquilo. Nos beijamos ontem e foi muito bom, muito intenso e, hoje ela me diz que ele está buscando uma namorada em um aplicativo? Não sei dizer por quanto tempo fiquei parada no meio do *closet* tentando controlar minhas emoções.

— Como estou? — Gisele saiu do banheiro usando um lindo biquíni azul e eu ainda não tinha colocado o meu. — Ei, ainda está de roupa! Você está bem? Ficou pálida, de repente.

— Acho que é cólica. — Menti.

— Não acredito! Que azar.

— Vou me trocar. — Falei entrando no banheiro e fugindo do olhar de Gisele.

Meu biquíni também era azul, mas com uma modelagem diferente. Coloquei uma saída de praia, que mais parecia um vestido curto. Depois do que Gisele falou, perdi a vontade de nadar. Descemos e todos já estavam prontos, nos esperando, na sala.

— Até que enfim! — Elói disse impaciente.

— Como estamos? — Gisele perguntou, dando uma vultinha e sorrindo.

— Por que demoraram tanto, se estão praticamente nuas? — Davi perguntou e minha mãe riu.

— É verdade, Davi. Demoram tanto para colocar duas peças! — Meu pai falou rindo também. — Vamos, meninos. Preparei um lugar especial para vocês.

Vinte e três



Meus pais haviam preparado um cantinho aconchegante com cadeiras reclináveis, esteiras, um toldo enorme para quem não quisesse pegar sol, um *cooler* com bebidas e uma mesa com frutas e petiscos. Estava tudo muito bonito.

— Uau! — Elói disse olhando para a mesa. — Parece que estamos em um *Resort*. Quanto luxo!

— Minha esposa é *expert* em organização. — Meu pai abraçou minha mãe, orgulhoso.

— Mãe! Está lindo demais! Obrigada!

— Posso comer? — Gisele perguntou, pegando um enorme morango.

— Claro, minha querida. Foi para isso que eu os trouxe até aqui. Para que comam e se divirtam. Agora, meu marido e eu vamos fazer nosso passeio matinal pela praia. Divirtam-se, crianças!

— Obrigada. — Falamos todos, e depois voltamos nossa atenção para a mesa.

— Vocês acabaram de tomar café. — Davi disse, se aproximando.

Ele usava uma camiseta regata branca e uma bermuda azul. Seus cabelos estavam em desalinho por conta do vento e seus olhos verdes pareciam duas joias cintilantes quando o sol batia neles.

— Você está bem? — Perguntei me aproximando.

— Sim. É muito bonito aqui. O vento incomoda um pouco, mas eu vim preparado. — Ele retirou um pequeno protetor de ouvido de uma das orelhas e me mostrou. — Alguns barulhos excessivos me incomodam e como vamos passar o dia aqui, resolvi me precaver. — Colocou novamente o protetor.

— Você consegue ouvir o que eu falo? — Falei mais alto do que precisava.

— Não precisa gritar Eva. — ele levou as mãos aos ouvidos. — Ouço muito bem e o protetor é para me defender do barulho do vento, mas ainda bem que o coloquei, senão estaria surdo agora. — Ele disse dando um leve sorriso.

Não resisti e ri muito com aquele comentário. Percebi que ele estava brincando e adorei vê-lo feliz.

— Desculpe, não foi minha intenção. Você já entrou no mar alguma vez? — perguntei.

— Sim, quando era adolescente e foi desagradável e desastroso. Tive uma crise.

— E se sente seguro para entrar hoje? Se não quiser, eu vou entender. Vamos dar um passo de cada vez. Você não precisa fazer nada para agradar a ninguém, quero que isso fique bem claro.

— Se você estiver ao meu lado, talvez eu consiga. — Ele me olhou e sorriu.

— Quer tentar agora? Podemos molhar os pés. — Sorri de volta.

— Quero sim. Eu já fiz isso antes, mas era muito pequeno para entender todas aquelas emoções acontecendo ao mesmo tempo.

— Gi, você quer molhar os pés? — Perguntei me virando para ela.

— Agora não, Elói e eu vamos deitar aqui e relaxar. — Ela disse se deitando na cadeira e colocando os óculos.

— Vamos? — Perguntei receosa.

— Vamos. — Davi me olhou e começamos a andar em direção ao mar.

— Um passo de cada vez. — Ouvi ele dizer, ansioso. — Pode segurar minha mão?

— Claro que sim. — Entrelacei meus dedos nos dele e, para minha surpresa, ele levou minha mão aos lábios e a beijou. — Obrigado. — Depois, muito rapidamente, disse: Sua mão está com cheiro de morango.

Eu sempre me surpreendo com a forma rápida que ele tem em mudar de assunto, mas aprendi que com um *Aspie*, como Davi, é assim que acontece.

Sorri e ele me olhou da mesma forma que me olhou antes de me beijar, ontem a noite, no gramado.

— Eva, Eva... Já avisei para não sorrir assim perto de mim.

— Estou feliz demais para não sorrir, Davi. — Confessei.

— Então vou passar o dia beijando você.

Ele se prostrou em minha frente e, eu pensei que fosse me beijar, coloquei minha mão livre em seu peito e senti as batidas fortes de seu coração.

— Davi, não podemos nos beijar aqui, sua irmã não vai gostar se isso acontecer, assim, de repente.

— Então vamos nos esconder. — Ele disse pegando uma mecha do meu cabelo e colocando atrás da orelha. — Sua boca é tentadora demais, você está com hálito de morango e eu adoro morango. Aprendi a gostar de fruta cítrica, apesar de sentir intensamente seus sabores. No início foi difícil, mas como eu gostava muito do aroma, me empenhei em comer muitos, e hoje é uma das frutas que mais gosto. Por isso quero beijar você.

Sem saber o que dizer, eu o abracei. Meus sentimentos por ele aumentavam a cada dia que passávamos juntos. Até mesmo para saborear um morango, ele precisou de muito esforço e eu o admiro a cada dia, a cada coisa que descubro sobre ele. Davi era um homem especial, mas eu precisava saber se ele sentia algo por mim, ou ele estava confundindo as

coisas porque eu era a única amiga próxima a ele.

— Você não pode me dizer essas coisas, Davi.

— Por que não? — Ele me abraçou ainda mais forte. — Gosto tanto de estar com você, Eva. Sua presença me acalma. Sempre foi difícil fazer as coisas mais simples e, com você, eu sinto que posso, porque você me faz sentir seguro.

— Também gosto de estar com você, mas não quero que confunda nossa amizade com outro sentimento. Penso que precisamos conversar sobre isso depois.

— Sempre que a abraço, me sinto seguro em estar com você, é verdadeiro. Quando sorrio, é porque estou verdadeiramente feliz em sua companhia, Eva. Meus pensamentos são como o mar, ora calmos, ora revoltos mas com você a meu lado, eu sinto paz.

— Está tudo bem aí? — Gisele perguntou, em voz alta para que ouvíssemos.

— Sim. — Gritei de volta, fazendo um sinal com o polegar e, me afastei de Davi. Todas aquelas revelações estavam mexendo comigo, com meus sentimentos por ele.

— Está pronto para colocar os pés na água? — Perguntei entrelaçando nossos dedos e puxando Davi para a parte úmida da areia.

— Você e a sua mania de mudar de assunto, não é mesmo? — Ele disse caminhando lentamente e olhando para a areia. — Hoje vou perdoar você, porque quero me divertir em sua companhia.

— Aprendi com certo amigo. — Apontei o dedo para ele. — Então vamos lá, um passo de cada vez. — disse caminhando lentamente com ele.

— Mas eu sou um *Aspie*. — ele se defendeu. — E você é uma oportunista! — dizendo isso, me olhou e sorriu, para que eu soubesse que ele estava brincando.

Davi pousou seus pés na areia úmida, que estava um pouco fria, mas não recuou.

— Isso é bom. — ele disse me olhando. — Acho que é porque você está comigo.

— Fico feliz de estar aqui. — Acariciei a mão dele. — Mais um passo?

— É para isso que estou aqui. — Ele disse confiante e, juntos demos mais dois passos e aguardamos uma onda vir e molhar nossos pés.

A primeira reação dele foi dar dois passos para trás. A água não estava fria, mas ele se assustou quando nossos pés começaram a afundar na areia.

— Tem tatuíras aqui! Não sou muito fã delas. — falou olhando para o chão.

— Tudo bem, podemos ficar na parte seca.

— Não. Quero tentar novamente. — Ele disse apertando minha mão e voltando ao mesmo lugar.

— Tem certeza? — Perguntei, preocupada. Não queria que ele tivesse uma crise. Queria que esse dia fosse especial para ele.

— Tenho. — Ele disse, ficando imóvel, aguardando a próxima onda.

— Feche os olhos, Davi. — Pedi. — Sinta a onda e a espuma tocar em seus pés.

Ele fez o que eu pedi e eu fiquei observando. Quando a próxima onda veio, rasteira e espumosa, cobrindo nossos pés, ele não se moveu. Estava de olhos fechados, com o rosto voltado para cima.

— Está tudo bem? — Perguntei ansiosa.

— Sim. Dessa vez foi melhor. — Esses bichinhos fazem cócegas nos pés. — Um *Aspie* percebe a beleza das coisas que os outros desdenham. Quem vem à praia todos os dias, não percebe as sensações que perde, por estar acostumado com isso.

Olhei para ele e vi que estava feliz. As rugas de preocupação em sua testa desapareceram. Ele era o homem mais gentil, inteligente, educado, bonito e corajoso que eu conheci e seria muito fácil se apaixonar por ele.

De repente, Davi abriu apenas um olho e disse:

— Pelo seu olhar, penso que está querendo me bolinar.

Não resisti e dei uma sonora gargalhada para disfarçar meu nervosismo por ter sido pega em flagrante.

— Você sempre faz isso quando está nervosa. Às vezes, eu me assusto com sua risada, mas estou começando a me acostumar. Eu pensei que só eu ficasse nervoso perto de você, mas percebi que também a deixo nervosa.

— Se eu disser que você está certo, você finge que não viu? — Perguntei sorrindo.

— Estou sempre certo. — Ele me puxou pela cintura, fazendo com que eu ficasse ao seu lado e voltou a fechar os olhos, com um sorriso nos lábios, voltando seu rosto para o sol.

A princípio fiquei tensa, mas quando a próxima onda tocou nossos pés, eu relaxei. Aquela sensação era nova para mim. Às vezes, quando temos algo todos os dias a nossa disposição, não damos o devido valor. Eu cresci naquela praia e, para mim ela era apenas um lugar para relaxar, depois de uma semana difícil. Agora, ali, abraçada a Davi, sentindo as ondas baterem em meus pés, e o sol tocando em nossa pele, foi uma sensação única. É como se fosse o meu primeiro contato com o mar. Senti casa gota de água tocando meus pés, e a sensação da espuma em volta de meus tornozelos, foi como um abraço. Quando meus pés afundaram na areia fofa e molhada e as tatuíras começaram a se mover abaixo deles, senti o quão grande é a natureza e como somos alheios a isso. O simples fato de poder sentir o vento soprando em meu rosto, e o sol tocando minha pele, é uma dádiva e eu estou muito feliz por sentir tudo isso ao lado de Davi.

— Parece que estamos recebendo uma massagem nos pés. — Ele disse. — Isso é muito bom. Eu poderia ficar aqui o dia todo, a seu lado, sentindo as ondas, o sol e o vento.

— Essa é a primeira vez que tenho essa sensação. Nunca dei a devida importância para quão grande é esse momento. Esse simples gesto de por os pés na areia e deixar as ondas me tocar. Obrigada por me fazer sentir isso de uma forma que nunca senti antes. — disse emocionada.

Davi voltou-se para mim e, me olhou fixamente. Vi que ele percebeu minha emoção e sua testa se enrugou de preocupação.

— Não quero ver você triste, Eva.

— Não estou triste, Davi. Pelo contrário, estou muito feliz, por isso me emocionei. Estou aprendendo muito com você, sabia?

— Engraçado, eu ia dizer a mesma coisa. — Ele tocou meu rosto e me fez um carinho.

Vinte e quatro



Depois de algum tempo, abraçados, olhando o mar, ouvimos Gisele e Elói se aproximando. Passamos momentos agradáveis conversando e caminhando pela areia, com as ondas tocando nossos pés.

Davi não se sentiu seguro para entrar no mar e eu também não entrei. Voltamos para onde estavam as espreguiçadeiras e Gisele e Elói foram nadar.

— Estou com sede. — disse pegando uma garrafa de água. — Você quer?

— Sim, por favor. — Davi ficou ao meu lado e, enquanto eu pegava uma garrafa para ele, ele pegou um morango.

— Como é sentir tudo intensamente? — Perguntei curiosa.

— No caso do morango é bom. Sinto o gosto doce tocando minha língua e, de repente, acontece uma explosão dentro da boca e de minha mente, como uma bomba vermelha que explode em vários tons, e traz o gosto cítrico, que arde as laterais da boca e me faz sentir arrepios, depois o sabor doce toma conta da minha língua novamente e essa sensação é muito boa. É por isso que, na maioria das vezes, quando um *Aspie* está comendo e você fala com ele, ele não responde. Porque ele não está apenas absorvendo o sabor e sim, todas as sensações, emoções, cheiros, e texturas de um alimento. É por esse motivo, que alguns de nós, tem restrições a certos alimentos também. O som de alguns alimentos dentro da boca, em contato com a língua, causam desconforto e podemos até mesmo, senti dor.

— Que incrível tudo isso! Eu não consigo imaginar como é sentir isso toda a vez que se alimenta.

— Entende o porquê das crianças terem suas crises? Quando os pais não sabem sobre a condição de seu filho, isso pode ser considerado um comportamento de birra, mas a verdade é que, a criança está sofrendo ao comer aquele alimento.

— Mas você come pipoca. Como consegue se ela faz muito barulho dentro da boca?

— Pipoca é outro alimento que eu gosto muito do aroma, por isso, aos poucos, aprendi a comer sem que me afetasse tanto. Mas são técnicas que eu criei para poder comer o que eu gosto. Antes, era impossível.

— Estou aprendendo muito com você, Davi. Eu queria poder gritar ao mundo tudo isso o que você me falou, para que todos pudessem entender o quanto é difícil ser um *Aspie*, seja ele leve ou grave. — Toquei seu rosto, emocionada. Penso que nunca deixarei

de me surpreender com Davi.

Sem dizer uma palavra, ele segurou minha mão e me puxou para trás do toldo, me abraçando com força e me beijando nos lábios, de repente.

Quando nossas línguas se tocaram, senti a explosão de morango em minha língua e o doce de seu beijo. Davi me beijava lentamente, como eu gostava, sem pressa e eu me deixei envolver por seus carinhos em meus cabelos e em meu rosto, quando nos separamos para respirar.

— O gosto do morango fica muito melhor em sua boca. — Ele disse, voltando a me beijar, então sorri completamente inebriada por seu jeito Davi de ser.

— O que vocês estão fazendo aí atrás? — Ouvi a voz da minha mãe se aproximando e puxei Davi de volta para a perto da mesa de frutas.

— Nos beijando. — Davi respondeu com a sinceridade que lhe cabe e eu fiquei com o rosto em chamas.

Minha mãe sorriu, pegou uma maçã, sentando na esteira e olhando para o mar, como se não tivesse ouvido o que Davi disse e eu não resisti, e sorri.

— Pare de sorrir desse jeito, Eva! Está querendo outro beijo?

— Davi! — O repreendi e ouvi minha mãe dizer:

— Você devia sorrir mais vezes, minha filha.

— Concordo com a senhora, quer dizer, com você, Giovana. — Davi falou, sentando em uma das cadeiras e, depois de colocar os óculos, fixou seu olhar para o mar e ficou em silêncio.

Eu estava apavorada com a hipótese de Gisele ter nos visto. Se Davi e eu íamos ficar nos agarrando pela praia, eu teria que ter uma conversa séria com minha amiga. O problema é que tenho medo da reação dela.

Antes que eu pudesse decidir o que fazer, ela e Elói se aproximaram.

— Eva, a água está uma delícia! Você deveria ir.

— Você provou a água, minha irmã? — Davi abaixou um pouco os óculos, olhando para Gisele.

— Quem diria. Meu irmão sendo irônico! — Falou e, depois mostrou a língua para ele.

— Você não tem mais cinco anos, sua bobona! — Ele retrucou e todos riram.

— Agora sim, esse é Davi, sendo Davi! — disse Gisele, levantando para pegar uma água.

Em poucos minutos, meu pai se aproximou, avisando que faríamos um churrasco a beira da piscina, pois o sol estava muito forte e lá, era cercado de árvores.

— O senhor precisa de ajuda? — Elói se prontificou, seguindo meu pai.

— Se me chamar de senhor novamente, eu jogo você na piscina, rapaz!

— Desculpe, se... Quer dizer, Antônio. — Venha Davi, vamos fazer churrasco.

Davi os acompanhou e eu fiquei preocupada que algo ruim pudesse acontecer com ele. Sei que ele é um homem e viveu sem muito bem sem mim até agora, mas meu instinto protetor sentiu vontade de ir com eles.

— Ele vai ficar bem. — Gisele disse percebendo minha preocupação.

— Eu sei. — Eu disse, ajudando minha mãe a recolher as coisas da mesa.

— Você já contou para sua amiga? — Minha mãe perguntou.

Tudo o que eu queria era cavar um buraco na areia e me esconder lá dentro. Por que minha mãe tocou no assunto do beijo? Eu queria o momento certo para contar para Gisele.

— Contou o quê? — Ela perguntou e eu senti meu rosto em chamas. — Que você e meu irmão estavam se beijando atrás da tenda?

— Santa Madre! Você viu? Co... Como? — Gaguejei.

— Você às vezes é tão ingênua Eva! Por favor, Giovana, pode ficar atrás da tenda para que minha amiga saiba como foi que eu vi? — Gisele cruzou os braços, parecendo brava.

Minha mãe deu três passos e parou atrás da lona branca e eu pude ver a silhueta de seu corpo deixada pelos raios de sol que batiam nela. Como se eu já não estivesse envergonhada o suficiente, ela virou de costas e abraçou o próprio corpo, fazendo movimentos com as mãos, parecendo um casal abraçado, se beijando.

Levei um susto com a gargalhada que Gisele deu e, em resposta, dei um sorriso tenso, enquanto minha mãe e ela riam de mim. Pelo menos, minha amiga estava sorrindo.

— Você não está brava? — Perguntei receosa.

— Claro que estou! Você disse que só dormiu com meu irmão e agora, ficam se esfregando descaradamente na praia! — ela disse em tom de deboche.

— Não confunda as coisas. Nós literalmente ormos naquela noite. Esse foi nosso primeiro beijo. — Menti.

— Não foi o que Davi me disse ontem. — ela piscou para mim, ainda debochando.

— Eu vou matar o Davi! Ele prometeu que seria nosso segredo! — Davi! — Gritei caminhando em direção da piscina, ouvindo a risada das duas ao longe.

Vinte e cinco



Me aproximei da piscina e travei. Meu pai, Elói e Davi estavam nadando, mas foi para Davi que meus olhos seguiram. Ele deslizava pelas águas, em sincronia perfeita entre braços e pernas e ao ver a musculatura de suas costas, e pernas, me faltou o ar. Por que ele tinha que ser tão bonito, por dentro e por fora? Como se sentisse minha presença, ele nadou até a borda da piscina e emergiu feito um Deus grego, respingando água por todos os lados.

— Como diria minha irmã, a água está uma delícia! Quer nadar comigo?

— Quero falar com você. Em particular. — disse colocando as mãos na cintura. Precisava me lembrar, que estava brava.

Nesse momento, meu pai e Elói chegaram à borda e saíram juntos de dentro da piscina.

— O que aconteceu com o churrasco? — perguntei ainda com as mãos na cintura.

— Um homem não pode se divertir antes do trabalho? — Meu pai brincou, balançando a cabeça e respingando água em mim, de propósito.

— Pai! Não quero me molhar! — Resmunguei, passando as mãos nos braços, que ficaram molhados.

— Me ajuda a sair? — Davi estendeu a mão e me olhou com um olhar tão inocente que eu não pensei duas vezes e fiz o que ele pediu. Para minha surpresa, ele me puxou para dentro da piscina, fazendo com que eu gritasse de susto. Quando consegui emergir, soltei todos os palavrões possíveis, enquanto tentava enxugar meu rosto com as mãos.

— Davi, seu... Seu...

Ouvi a risada de Elói e de meu pai, mas Davi parecia preocupado.

— Seu pai me pediu para fazer isso quando você chegasse! — ele falou inocente. — Disse que era sua brincadeira favorita.

— Pai! — falei brava, mas os dois continuavam rindo, como se aquilo tivesse sido muito engraçado.

— Davi, seu fofoqueiro! Vou deixar você sem almoço! — Meu pai disse enxugando as lágrimas, de tanto rir.

— O que é tão engraçado? — Ouvi minha mãe perguntando ao lado da Gisele.

— Davi puxou nossa filha para dentro da piscina.

— Davi! Eva está com cólicas! — Gisele me defendeu.

— Foi um pedido do Antônio, minha irmã. Só agora percebi que ele estava agindo de má fé comigo.

— Pai, você devia se envergonhar por ter se aproveitado da ingenuidade de Davi.

— Ei, eu não sou ingênuo! — ele se defendeu. — Apenas levo mais tempo para entender certas ironias. Me desculpe Eva.

— Tudo bem, Davi. — Falei nadando para fora da piscina e, depois que me enrolei em uma toalha, caminhei para dentro de casa, para me trocar.

Minutos depois, quando voltei, minha mãe e Gisele preparavam algumas saladas, enquanto os homens estavam lá fora, com a churrasqueira acesa.

— Está melhor? O que houve? Você não é assim, minha filha.

— Devem ser os hormônios, mãe. — Falei sentando ao lado da Gisele na bancada e pegando um tomate.

— Não precisa ficar envergonhada por ter beijado meu irmão. Ele gosta muito de você. A única coisa que peço é que não o magoe.

— Amiga, nos beijamos duas vezes e eu juro que ia contar para você hoje, mas o Davi me surpreendeu lá na praia. Não sei o que estou sentindo, penso que ele também não. Ele deve estar confundindo as coisas, pois sou a única mulher mais próxima dele.

— Eva, ele fala de você o tempo todo, chega a ser chato! Eu sei que vocês se conhecem há pouco tempo, por isso peço cautela, mas vou ficar muito feliz se vocês decidirem namorar. O problema é que eu acho que fiz uma coisa, que você não vai gostar.

— O quê? — Perguntei já sabendo a resposta.

— Disse para Bernardo vir até aqui à tarde. Isso foi antes de eu saber que você beijou meu irmão e, ele ficou tão feliz, que eu fiquei com vergonha de desfazer o convite.

— Tudo bem, Gi. Bernardo sabe que eu não gosto dele para namorar. Só que você devia ter me contado e, com Davi ou sem Davi, quero que pare de me empurrar para cima dele, por favor!

— Ai que linda, ela está apaixonada por meu irmão. — Gisele falou com voz de quando falamos com crianças, e me abraçou.

— Não fale bobagens! Foram apenas dois beijos. Davi e eu precisamos ter uma conversa séria. Eu sei que os sentimentos com ele acontecem de forma diferente e você disse que ele está em um site de relacionamentos.

— É só para de distrair, afinal ele é homem!

— Não defenda seu irmão, não! — Fingi estar brava.

— Essa aí é terrível! Puxou a mim, desconfiada e ciumenta demais, quando tinha a idade dela. — Minha mãe disse, enquanto temperava a salada.

— Quando tinha a minha idade? Coitado do meu pai! Parece que foi ela quem trabalhou para a Cia e não ele. — Começamos a rir muito por causa da expressão que minha mãe fez ao ouvir o que eu disse.

De repente, uma mulher de mais ou menos, dezenove anos, cabelos loiros na altura da nuca, usando uma micro-saia e um *body* vermelho, entrou na cozinha e nós, que estávamos rindo, ficamos mudas.

— Oi. — Ela acenou com as mãos, parecendo uma criança, sem falar na voz fina demais. — Eu sou a Bruna, prima do Bernardo.

Naquele momento, dei meu olhar mortal para Gisele, que estava ao meu lado e, minha mãe percebendo uma tensão no ar, saiu de trás da bancada e foi cumprimentar a garota.

— Você não disse que ele viria só à tarde? — sussurrei entredentes, para a Gisele.

— Ele deve ter entendido errado. — Ela também sussurrou próxima a mim.

— E quem é essa ninfeta do inferno que está aqui? — Falei olhando novamente para a garota.

— Você não ouviu, é a prime dele. — Gisele olhou a garota de cima a baixo, e pela cara que ela fez, percebi que também não gostou da Bruna.

— Ela está parecendo outra coisa com aquela roupa. — falei alto demais, minha mãe tossiu, e depois nos chamou, como se fôssemos crianças para cumprimentar a nova amiguinha.

— Oi, eu sou Eva. — disse levantando a mão, sem me aproximar.

— Oi Eva. Eu sou Bruna. Quando Bernardo me disse que seu nome era Eva, eu não acreditei afinal, esse é um nome do século passado, não é mesmo?

Revirei os olhos, voltada para a Gisele, pelo jeito nossa amiga não conhece nada de história e muito menos, história bíblica. Não sou de julgar as pessoas, mas sinceramente, meu santo não bateu com o dela e quando não bate, ah meu amor, não faço questão de ser sorridente. Não sei fingir afeição.

— Depois quando eu falo que meu sexto sentido não falha, você não acredita, não é mesmo? — disse olhando para Gisele.

— Não entendi. — ela disse com cara de sonsa.

— Oi, eu sou a Gisele. — Gi, estendeu a mão para ela e a cumprimentou com três beijinhos.

Diante do ar de deboche por causa do meu nome, eu peguei um prato de salada e levei para a mesa posta na varanda. E, mais tarde descobriria que as provocações estavam apenas começando.

Vinte e seis



Estávamos almoçando e o clima estava um pouco tenso. Bruna, suposta prima do Bernardo, flertou descaradamente com todos os homens que estavam ali e isso causou certo constrangimento tanto neles, quando em nós.

Bernardo estava sentado a meu lado e se desculpava a cada palavra que Bruna dizia.

— Ela é jovem, não tem noção do que é certo ou errado. — ele falou muito próximo a mim.

— Até meu cachorro tem noção do que é certo e errado, Bernardo. — disse sem conseguir me controlar quando a vi flertando mais uma vez com Davi.

Não sei o que ele disse para ela, mas ela deu uma risada tão forte que o assustou e, percebi que ele estava tenso.

— Eu juro que vou afogar ela na sua piscina se ela continuar a se insinuar para meu noivo. — Gisele falou em meu ouvido e depois colocou um garfo cheio de salada na boca.

— Até onde eu sei, piranhas sabem nadar. — disse rindo do ciúme dela.

— Quero ver você rir desse jeito quando ela agarrar meu irmão. — ela cochichou em meu ouvido e, diante do meu olhar, quem riu foi ela.

Bernardo e Bruna monopolizaram a conversa durante todo o almoço, eu já estava com dor de cabeça das risadas estrondosas daquela garota. Não sei como Davi estava aguentando ao lado dela. Vi ele empurrar o protetor de ouvidos várias vezes e fiquei preocupada que pudesse ter uma crise.

— Está tudo bem? — Perguntei olhando para ele.

Ele não respondeu, apenas fez um sinal negativo com a cabeça. Percebi que mal tinha tocado no almoço, então resolvi fazer o que era preciso.

— Venha Davi. — Levantei de onde estava, segurei sua mão e, assim que ele se levantou, pedi licença a todos e nós fomos para dentro de casa.

— Você quase não comeu. Quer que eu sirva você?

— Estou com fome, é verdade, mas minha cabeça está doendo muito. Não vou conseguir comer agora. — ele disse sentando na beira da poltrona e se balançando lentamente para frente e para trás. — Sobrecarga sensorial é muitas vezes confundida com teimosia ou desrespeito, mas na verdade, estamos apenas sentindo dor.

Ele disse isso, sem parar de se balançar e eu senti que devia protegê-lo de tudo e de

todos. Meu coração estava aflito, por ele estar sentindo dor.

— Você precisa de silêncio. — Toquei nele e, ele se esquivou assustado. Tive medo de que ele pudesse ter uma crise ali e se machucar então, com calma, falei:

— Vou segurar sua mão e juntos, vamos até o quarto, para que você possa descansar.

Ele assentiu e eu relaxei um pouco. Estendi minha mão para ele e deixei que ele a segurasse. Ele a apertou com força.

— Está tudo bem. Vamos devagar. — falei com calma e ele pareceu menos tenso, enquanto subia as escadas.

Abri um dos quartos de hóspedes e, sentamos na cama.

— Deite-se, Davi. Você precisa de um remédio para dor de cabeça e confesso que eu também.

Ele se deitou e fechou os olhos. Uma ruga se formou em sua testa e eu fiquei preocupada.

— Vou chamar sua irmã. — disse ainda olhando para ele.

— Fique aqui, por favor. Eu preciso de você! Posso tomar qualquer remédio para dor de cabeça. — ele disse, abrindo os olhos e segurando firme o meu pulso.

— Tem certeza?

— Sim.

Encontrei um analgésico no criado mudo e, como minha mãe preparou os quartos mais cedo, havia um copo e uma jarra com água em cima de uma mesinha, no canto do quarto. Fui até lá e enchi o copo, depois ajudei Davi a se sentar na cama e ele tomou o remédio, voltando a deitar logo em seguida.

Tomei um também e me sentei ao lado dele, na cama. Se ele ficasse mais alguns segundos ao lado daquela tagarela, teria tido uma crise.

— Posso tocar seus cabelos? — Pedi.

— Sim. — ele respondeu. — Me desculpe.

— Você não fez nada, Davi. Aquela garota que não sabe se comportar. — acariciei os cabelos dele, estava preocupada. — Tem certeza de que não quer que eu chame sua irmã?

— Tenho. — ele abriu os olhos e, levou as mãos aos ouvidos, retirando o protetor. — Não preciso mais disso, sua voz me acalma. Pode me abraçar, por favor? — ele pediu, parecendo tão indefeso. — Não se preocupe, não vou beijar você, não conseguiria agora.

Diante de tanta sinceridade, me deitei a seu lado e nos abraçamos. Ele repousou a cabeça em meu peito e me abraçou com força. Naquele momento percebi o que ele precisava enfrentar, sempre que algo fora do seu cotidiano acontecia e me senti culpada por ter pedido a ele para vir até minha casa. Foram muitas informações para ele e seu cérebro não aguentou. Ainda bem que o tirei a tempo de lá.

— Me desculpe por ter feito você vir aqui. Penso que exige demais de você.

— Você foi perfeita. — ele disse baixinho, ainda deitado sobre meu peito, enquanto eu aflagava seus cabelos. — O problema foi a amiga do Bernardo. Já estou melhor, só um pouco de dor de cabeça, mas se eu ficar aqui em silêncio, logo a dor se vai.

— Vou ficar em silêncio agora, mas se precisar de alguma coisa, me fale. — dei um beijo em sua testa e ele sorriu, mesmo com expressão de dor.

Me apoiei nos travesseiros e fechei os olhos também. Percebi que me esqueci de fechar a porta, pois ouvi um barulho vindo das escadas e abri os olhos. Era Gisele. Ela não disse nada, apenas me olhou e eu fiz um sinal de que estava tudo bem, então ela saiu, fechando a porta e eu voltei a fechar meus olhos, suspirando aliviada por tudo ter terminado bem, afinal.

Eu li vários artigos sobre crises em crianças e adolescentes, mas não sei nada sobre crises em adultos e me preocupei com o que poderia acontecer, pois não tenho a menor ideia do que Davi poderia fazer caso tivesse uma. Ele era um homem muito especial e eu temia não poder ajudá-lo quando precisasse. Não sei se ele estava disposto a ter um relacionamento comigo e, confesso que não me sinto preparada para ter um com ele, por outro lado, estou cada dia mais próxima dele, ousou dizer que estou me apaixonando e isso me apavora, porque tenho medo de não corresponder às suas expectativas e não quero magoá-lo.

Senti meus olhos pesados e também estava com dor de cabeça, deixei o sono me levar e, em poucos minutos, adormeci.

Vinte e sete



Acordei e senti um ar fresco na pele, pensei que estivesse na beira da praia, então abri os olhos e percebi que alguém havia ligado o ar condicionado. Olhei para o lado e Davi ainda dormia, seu semblante estava tranquilo e eu acariciei seus cabelos. Mesmo sendo um grau leve de Autismo, ele sofre muito com tudo o que sai da sua rotina, eu fico imaginando como seria se ele tivesse um grau mais elevado e pensei em muitas famílias que passam por isso, e como o assunto ainda é pouco discutido. Decididamente, precisamos de mais profissionais nessa área, para que todos com Autismo possam ter uma vida com mais aceitação e dignidade.

Acariciei seus cabelos, pensando no homem incrível que ele se tornou, praticamente sozinho. Li uma reportagem de um jovem que conseguiu se formar em medicina e fiquei emocionada com a força de vontade do rapaz. Se todos tivessem um diagnóstico precoce, talvez mais meninos pudessem ser como Davi. Falo mais meninos, porque o símbolo azul do Autismo, não é por acaso, a incidência é maior em meninos do que em meninas, uma média de quatro meninos, para uma menina. Estima-se que há mais de dois milhões de Autistas no Brasil. A estimativa da ONU é de setenta Milhões de Autistas no mundo. Davi tem um grau leve, que é chamado de Asperger, geralmente são pessoas com inteligência superior aos demais e são apegadas em um tipo de assunto, mas se não for diagnosticada precocemente, na fase adulta poderá sofrer de depressão, ansiedade e se isolar. Já a forma grave, precisa de acompanhamento e tratamento durante toda a vida. Respeitar e entender o que uma família passa durante todo o processo, desde o diagnóstico, até o tratamento para uma qualidade de vida melhor para a criança, é um dever de todos nós.

Levantei da cama lentamente para não acordar Davi, desci as escadas em silêncio e, para minha surpresa, Bruna e Bernardo, ainda se encontravam lá fora, a beira da piscina. Gisele veio até mim.

— Como ele está?

— Está melhor, continua dormindo. O que essa garota faz aqui ainda?

— Não posso manda-la embora. — Gisele falava baixo. — Não sou dona da casa.

— Mas eu sim! — disse olhando para ela, totalmente relaxada dentro da piscina.

Antes que eu pudesse chegar até eles, Bernardo veio até mim.

— Como está Davi?

— Surdo. — Falei brava. — Sua prima o deixou com dor de cabeça.

— Me desculpe Eva. Se quiser eu a levo embora.

— Eu agradeceria Bernardo, porque sua prima não sabe se comportar.

— Eva! — Minha mãe, que estava ao lado na espreguiçadeira, se levantou e parecia brava. — Você não pode expulsar uma pessoa assim.

— Não estou expulsando ninguém, ainda! Mãe, você tem noção do que poderia ter acontecido com Davi se eu não o tivesse levado para dentro de casa?

— Mas ela não tem culpa. Ela não sabia.

— Você não contou para ela? — perguntei olhando para Bernardo.

— Não. Sinto muito, Eva. Agora ela já sabe.

— Me desculpe Bernardo. — disse me arrependendo por ser agressiva com ele.

— Está tudo bem. Combinamos de ir nadar um pouco no mar depois e Bruna quer se desculpar com Davi.

— Ele está dormindo e não sei se vai querer voltar à praia.

Mal terminei a frase e Davi apareceu do lado de fora. Parecia relaxado e isso me deixou mais tranquila. Gisele foi até ele e os dois conversaram um pouco, para depois chegar até nós.

— Como você está? — perguntei.

— Estou bem, a dor de cabeça se foi, obrigado.

Nesse momento Bruna saiu da piscina e caminhou em nossa direção.

— Davi, quero pedir desculpas a você. Eu estou acostumada a falar alto por causa do meu trabalho e não sabia que você é um *Aspie*. Prometo que agora, vou falar baixinho. — ela disse em tom baixo e suave.

— Não precisa se desculpar Bruna. Não é culpa sua. Meu cérebro que funciona diferente dos demais aqui.

— Você quer nadar comigo? — ela convidou. — Me disseram que você nada muito bem.

— Isso é verdade. — ele disse a acompanhando.

Revirei os olhos e fui pegar uma bebida. Era só o que me faltava, de vilã a santa, em menos de duas horas. Isso era demais para mim. Bernardo me acompanhou e sentou ao meu lado na borda da piscina. Gisele e Elói também estavam nadando e Bernardo não parava de falar sobre os lugares que queria me levar para jantar.

— Vou pegar outra bebida. — disse levantando e indo até a mesa, abri o cooler e peguei uma bebida de vodca com morango, me lembrando do que Davi disse sobre gostar de morangos e o gosto deles em minha boca.

Quando me virei, vi Davi e Bruna se beijando e meu estômago se revirou. Fiquei imóvel e minhas mãos tremiam, lembranças da cena em que vi meu namorado com sua noiva, no salão, voltaram a minha mente e eu não consegui respirar. Minha mãe não estava mais ali, Gisele e Elói estavam sentados do outro lado da borda da piscina, olhando para Davi e Bruna, como se estivessem vendo um fantasma. Mordi a bochecha diversas vezes

para não ter uma crise de choro ali mesmo. Davi não era diferente de nenhum homem, como eu pensei e isso acabou com meu dia, estava decepcionada e não podia cobrar nada dele, porque até então, éramos apenas amigos que se beijaram algumas vezes.

Caminhei até a piscina, tentando manter minha dignidade. Sentei ao lado de Bernardo, continuei tomando minha bebida e olhando para o novo casal, que agora conversava. Eu não conseguia ver a expressão de Davi, pois Bruna estava de frente para ele. Gisele me olhou várias vezes, mas não se aproximou. Bernardo continuou seu monólogo e eu só pensava em como deixei meus sentimentos por Davi chegarem a esse ponto. Estava à beira das lágrimas e, Bernardo percebendo isso, tocou meu rosto, se aproximando aos poucos e me beijou nos lábios. Não senti absolutamente nada, apesar de ter sido um beijo breve nos lábios.

— Vai ficar tudo bem. — ele disse acariciando meu rosto. — Ele não é homem para você.

— E quem seria, você? — perguntei tentando sorrir e, ao mesmo tempo brava por ele ter se aproveitado da situação para me beijar.

— Por que não? Você sabe que gosto de você. Só preciso de uma chance.

O clima estava tenso então, Elói sugeriu que fôssemos para a praia, ele convidou Bernardo para jogar bola, Davi e Bruna sentaram próximos um do outro e agora, Davi explicava para ela algo sobre o universo e as constelações e, pasmem! Bruna estava muito interessada, sorrindo, falando baixo e tocando em Davi sempre que podia. Às vezes ele se assustava, mas depois, percebi que ele a deixou tocar em seu braço e em sua perna. Ele me olhou algumas vezes e, eu fingi que estava olhando para o mar, pois estava de óculos escuros.

Gisele sentou ao meu lado e tomou um longo gole de sua bebida.

— Não sei o que dizer. — ela começou.

— E você preocupada que eu fosse magoar seu irmão, não é mesmo?

— Estou tão chocada quanto você. — ela disse tentando desviar o olhar do casal ali perto. — Por que beijou Bernardo?

— Não fui eu quem beijou ele, foi ele que me beijou. — falei sem emoção.

— Tenso isso, viu. — Gisele disse e olhou para seu irmão e a mais nova amiga.

— Foi bom isso ter acontecido, Gi. Serviu para eu perceber que estava confundindo os sentimentos. Davi e eu somos apenas amigos. — Dizendo isso, terminei minha bebida e fui nadar no mar para tentar arrancar aquele sentimento de frustração por ter sido tão ingênua, a ponto de acreditar que Davi estava apaixonado por mim.

Vinte e oito



Nadei até não sentir mais meus braços e minhas pernas. Ouvi Gisele me chamando várias vezes, mas estava tão frustrada, que tudo o que consegui fazer, foi chorar. Eu estava longe o suficiente para que ninguém presenciasse aquela cena patética. O tempo começou a se fechar e, uma chuva estava a caminho.

Saí da água e voltei lentamente para onde todos estavam. Davi estava em pé, ao lado da mesa com frutas, que alguém arrumou ali enquanto eu nadava. Peguei uma garrafa de água no *cooler*, sem olhar para Davi, depois segurando uma maçã, a mordi, com raiva, me afastando. Mal dei dois passos, senti a mão de Davi, segurando meu braço, depois sua voz, que parecia aflita, me chamou:

— Eva, olhe para mim.

— Me solta, Davi. — Pedi tentando controlar minha raiva.

— Sei que está brava comigo. Por favor, olhe para mim. — ele suplicou.

Eu puxei meu braço com força e olhei para ele. Não consegui decifrar o que ele estava sentindo, mas percebi que estava desconfortável. Eu não queria fazer uma cena, então resolvi amenizar a situação, dizendo:

— Está tudo bem, Davi. Não somos namorados. Você pode beijar quantas mulheres quiser. Só que, seja lá o que tivemos, acabou hoje.

Caminhei em direção à praia, não queria discutir com ele. Eu não sabia como lidar com uma situação dessas, ele era um homem diferente dos outros, mas meus sentimentos não sabiam lidar com o que acabei de ver, por isso me afastei.

No meio do caminho, senti pingos de chuva batendo em meu rosto e agradei, pois a qualquer momento eu começaria a chorar novamente, feito uma bobona.

— Eva! — ouvi Davi me chamando e andei mais rápido.

Senti as mãos dele em mim novamente, dessa vez, ele me segurou pela cintura e me prendeu em seus braços.

— Me solta, Davi! — O empurrei e ele me soltou.

— Por que você está brava comigo? É por causa daquela garota?

— Não! É porque você me enganou, Davi! Disse que gostava de mim e beijou a Bruna, na minha frente e em minha casa! — gritei frustrada.

— Eva, eu não beijei ela. Foi ela que me beijou! — ele disse e tentou chegar perto de mim, novamente, mas eu comecei a caminhar para longe dele enquanto a chuva caía mais forte, agora.

— Davi, eu estou com muita raiva de você e não quero ouvir suas explicações! Eu sei o que vi!

— Eu gosto de você! — ele continuava atrás de mim, a passos largos, e eu estava quase correndo.

— Não! Você gosta de ficar perto de mim, é diferente! Não confunda as coisas, como eu confundi!

— Eu não confundi nada, eu am...

— Pare! — pedi brava e ele parou, com as mãos ao longo do corpo, parecendo um menino, que acabou de obedecer a mãe. — Não diga nada que possa se arrepender depois então, fique aí onde está e não venha atrás de mim! Nunca mais, entendeu?

— Sim. — ele disse, parecendo triste e abaixando a cabeça.

Caminhei em direção a minha casa e cheguei à varanda, completamente exausta e triste. Quando olhei para ver se ele havia me seguido, Davi estava parado no mesmo lugar, na chuva.

— Droga! — resmunguei, pois sabia que, se ninguém fosse buscá-lo, ele ficaria lá, até segunda ordem.

Olhei em volta e todos haviam sumido, como que por encanto. Chamei por meus pais e por Gisele, mas ninguém respondeu. Olhei mais uma vez e quase não enxerguei Davi, pois a chuva caía torrencialmente agora, então fiz o que meu coração mandou, corri de volta até a praia para buscá-lo. Quando cheguei perto dele, vi que ele estava tremendo.

— Por que ainda está aqui, Davi? — perguntei alto para que ele pudesse me ouvir acima do barulho da chuva e do mar.

— Por que foi isso o que você pediu. Que eu ficasse onde estava e não fosse atrás de você. Nunca mais! Eva, nunca mais é tempo demais e eu não vou conseguir ficar tanto tempo assim longe de você!

— Vá, Davi. Volte para minha casa e tome um banho quente. — Pedi, deixando as lágrimas rolares por meu rosto.

— Você não vem? — ele perguntou confuso.

— Não. Eu não vou. Agora vá, ou vai ficar resfriado.

— Não vou a lugar nenhum sem você, Eva!

Eu queria me jogar em seus braços e dizer que tudo ia ficar bem e que seríamos felizes juntos, mas percebi que ele podia ser feliz com qualquer outra pessoa também. O peguei pela mão e voltamos correndo para minha casa. Entrei e olhei para ele, sabendo que seria difícil, mas era hora de dar tempo ao tempo para deixar Davi encontrar outras Evas e, se no final, ele retornasse, é porque era comigo que ele realmente queria ficar.

— Vá tomar um banho, Davi.

— Eu não quero tomar banho, Eva! Quero conversar com você!

— Não temos nada para conversar. Você se enganou com seus sentimentos e eu me

enganei com os meus. — disse tremendo, frustrada.

— Isso significa que não vamos mais nos beijar?

Antes que eu pudesse responder, todos apareceram de uma vez, na sala e eu tive a certeza de que estavam ouvindo nossa conversa. Gisele chamou por Davi, Bernardo me abraçou, falando algo sobre como um homem deve cuidar de uma mulher, meu pai queria explicações sobre eu ter beijado Davi, Bruna falava sem parar e puxava Davi para fora dali e, de repente, ele gritou, alto e forte, assustando a todos, depois pedindo para todos calarem a boca e, naquele exato momento eu soube que ele teria uma crise.

Davi empurrou Bruna, que caiu sentada no sofá, Bernardo tentando bancar o herói, foi em sua direção, querendo briga e eu o segurei. Gisele chamou por Davi, mas ele veio em minha direção e, meu pai pensando que ele fosse me agredir, o seguiu e eu empurrei Bernardo, para que Davi pudesse passar, pois percebi que ele estava caminhando para fora, para não ter uma crise ali diante de nós. Foi então, que Bernardo gritou:

— Deixe esse louco ir embora!

Eu esbofetei Bernardo e Davi se voltou, com os olhos fulminando de ódio, fechou os punhos e, parecia que ia agredir Bernardo, mas de repente, ele olhou para o lado e se aproximou do aparador de madeira e vidro, que estava ao lado da porta de entrada, passou a mão derrubando tudo o que estava em cima, fazendo barulho de vidros quebrando no chão e eu lamentei por não ter conversado com ele da forma correta. A seguir, gritando, ele jogou o móvel longe, com tanta força, que atravessou a sala, quebrando tudo o que encontrou pelo caminho, por fim, se ajoelhou no chão chorando e gritando: — Eu não sou louco! — Enquanto se balançava para frente e para trás.

Tentei correr até ele, mas meu pai me segurou pela cintura, me arrastando dali, enquanto eu chamava por ele, desesperada e arrependida por ter sido tão idiota e ser a responsável por ele estar naquele estado. A última coisa que vi, antes de meu pai entrar comigo em seu quarto e se trancar lá, foi Gisele abraçando o irmão, enquanto ele repetia várias vezes a mesma frase, e eu jamais vou esquecer aquela cena.

— Eu não sou louco! Eu não sou louco! Eu não sou louco!

Vinte e nove



Uma semana se passou depois daquele dia fatídico. Tentei de todas as formas encontrar Davi, mas ele não atendeu ao telefone, não leu minhas mensagens e quando fui até a casa de Gisele, todos os dias, eles não estavam lá.

Três semanas depois, descobri quando voltei ao trabalho, que Gisele saiu de férias ela, assim como eu, estava com suas férias vencidas, por isso não a encontrei em casa, provavelmente viajaram, mas para onde?

Depois de uma discussão com meu chefe por não querer sair de férias também, ele me expulsou por tempo indeterminado e aquilo só me fez ter mais tempo para me sentir culpada por tudo o que aconteceu.

Liguei todos os dias para Gisele e deixei várias mensagens em sua caixa postal e no aplicativo de mensagens, mas ela sequer as leu. Eu não sabia que podia sentir tanto a falta de Davi. Reconheço agora que não confundi meus sentimentos, eu me apaixonei por ele, mas agora é tarde demais, pois nem ao menos sei onde ele está.

Como estou de férias forçadas, não saio do quarto, sempre com o celular na mão a procura de algum vestígio de Davi ou Gisele nas redes sociais, mas eles simplesmente desapareceram. Perdi minha amiga e também sinto muito a falta dela.

Eu pretendia passar as férias no meu quarto, deitada na cama, mas meus avós estavam comemorando bodas de ouro e a cerimônia de renovação dos votos, seria na praia. Sempre fui apaixonada por meus avós, mas eu não sentia a menor vontade de me envolver com a preparação e muito menos com a festa, que também seria ao ar livre.

Olhei para o celular e resolvi enviar uma última mensagem para Davi, apesar de ele ter ainda não ter lido nenhuma até agora.



Chorei por horas olhando a tela do celular, finalmente ele as leu, mas não me respondeu. Percebi que realmente o havia perdido.

Era o dia da renovação de votos dos meus avós e todos estavam ajudando na decoração, lá na praia. Depois de ter uma conversa com minha avó, ela me fez perceber que, tudo o que é para ser nosso, retornará um dia.

— O amor não gosta de amarras, meu bem. Ele precisa se sentir livre para poder escolher onde quer finalmente repousar.

Cheguei à conclusão de que, não importa onde está o amor, ele não foi feito para mim, ou eu não fui feita para ele.

Depois de tudo preparado, fomos nos aprontar para a cerimônia.

Trinta



Estávamos na praia para comemorar as Bodas de ouro dos meus avós. Havia um arco de flores de frente para o mar. O cenário parecia ter saído de um filme de romance. Minha mãe sabia como organizar uma festa. Eu usava um vestido azul claro, com flores bordadas da mesma cor e usava uma tiara de flores do campo na cabeça, assim como as outras duas netas de meus avós. Depois das últimas semanas de tristeza, o mínimo que eu poderia fazer era tentar expressar alegria, enquanto andava pelo tapete vermelho até o lado de meu avô, que já se encontrava sobre o arco de flores, aguardando minha avó, juntamente de um homem, amigo da família que faria a renovação dos votos do matrimônio.

Saber que Davi se foi acabou comigo. Nunca mais o veria e o pior de tudo é que essas palavras foram proferidas por mim, quando disse para ele nunca mais me seguir.

Segurei firme o pequeno buquê de flores do campo, enquanto tentava sorrir, caminhando pelo tapete vermelho. Olhei para meu avô, que esperava sorridente e isso me deu forças para continuar. Sorria Eva! Sorria!

Estava a dois passos de meu avô, quando ouvi um murmurinho entre os convidados e, antes que pudesse me virar para ver o que estava acontecendo, ouvi uma voz grave dizendo:

— Parem esse casamento!

Virei-me lentamente, enquanto ouvia risos abafados, e olhei para o homem que estava na outra ponta do tapete vermelho. Minhas pernas fraquejaram e meu coração disparou ao encontrar aquele olhar que eu tanto amava.

Sorri nervosa, mas ele não esboçou nenhuma reação, deu mais dois passos e, apontando o dedo para mim, disse:

— Você não pode se casar com esse homem, Eva! É a mim que você ama!

Ouvi mais risos abafados, olhei para meus pais que estavam sentados na primeira fila de cadeiras e minha mãe estava com uma mão no peito e outra na boca, esboçando um leve sorriso. Eu queria rir, pois estava nervosa demais ao vê-lo, mas não queria que ele ficasse bravo comigo, já que estava ali para impedir meu suposto casamento.

— E por que não posso me casar com ele, Davi? — perguntei ansiosa por sua resposta. — Foi você que me abandonou e não atendeu nenhuma de minhas ligações, nem respondeu minhas mensagens.

— E você foi bem rápida, pelo o que estou vendo, mas me recuso a acreditar tem sentimentos por ele, porque eu sei que você me ama, Eva! Você escreveu isso nas

mensagens que me enviou.

Senti todas as emoções aflorarem em meu peito, apesar de alguns convidados estarem rindo e outros, sem entender nada, eu só conseguia pensar em me jogar nos braços de Davi.

— Eu perguntei por que não devo me casar com ele, Davi?

Ele deu mais um passo e parou, olhou para meu avô e depois, me olhando, disse:

— Primeiro, porque sei que você me ama e... Por todos os anjos, Eva! Ele tem idade para ser seu avô! — ele apontou para meu avô que fez um sinal positivo com a cabeça, concordando.

As pessoas se olhavam sorrindo, ainda sem entender o que estava acontecendo.

— Segundo porque preciso de você para me beijar com gosto de morango e para segurar minha mão quando fico nervoso. Você sabe que é a única pessoa nesse mundo que consegue me abraçar e me acalmar com sua voz suave, porque você é a minha garota com voz de anjo, lembra? — ele disse, com as mãos nos bolsos, me olhando com aqueles olhos sinceros, me fazendo dar o primeiro soluço de choro, então continuou: — Preciso de você para me mostrar o quanto é bom sentir as tatuíras na praia, afundando meus pés na areia, enquanto sinto as ondas do mar e o sol me trazendo de volta a vida. Uma vida que eu quero viver todos os dias com você, Eva.

Dessa vez, o que ouvi foram gemidos de choro e não mais risos, olhei para o lado e todas as mulheres da família estavam emocionadas, voltei meu olhar para Davi, com lágrimas nos olhos, sentindo meu coração se encher de amor por ele, e ele prosseguiu:

— Eu sei que você vai dizer que eu estou confundindo amor com amizade, mas eu fiz todos os cálculos, respondi a todas as perguntas de todos esses testes bobos para obter as respostas que me levaram a perceber o que meu coração já sabia, que eu amo você Eva e preciso que você entenda, que o meu cérebro quer a minha amiga para diminuir minha ansiedade, para tomar um sorvete comigo, ou deitar na grama e olhar as estrelas, mas meu coração quer você para dormir abraçada comigo, para acordar ao meu lado todos os dias, e me beijar com gosto de todas as frutas que eu gosto, como minha namorada, ou esposa, o que você quiser, mas acima de tudo, como meu amor!

Depois de ouvir tudo isso foi impossível conter as lágrimas e eu chorei, ali diante do homem mais incrível que eu conheci em toda minha vida.

— Tem chovido desde que você me deixou, agora estou me afogando no dilúvio. Você sabe que sempre fui um lutador, mas sem você, eu desisto.

— Isso é Always, Davi! — disse sorrindo em meio às lágrimas.

— Eu sei Eva! Sei que são apenas metáforas, mas essa é nossa música. A música que nos uniu. Que me fez ficar apaixonado por você! Preciso de você, meu amor! Por favor, me diga que sente o mesmo por mim!

Eu estava tão emocionada que, só consegui rir e chorar, sem me mover de onde estava, então, com a voz inocente e preocupada, ele torceu os dedos, entrelaçados, nervosamente e disse baixinho:

— Essa é a parte que você vem até mim correndo e me beija.

Diante de risos, sussurros e lágrimas de todos que estavam ali e, finalmente com um sorriso nos lábios, corri em direção a Davi e o abracei, dizendo:

— Eu amo você, Davi!

Ele me abraçou apertado, dizendo:

— Senti tanto a sua falta! — Seus lábios beijaram lentamente o meu rosto, minhas pálpebras e finalmente, meus lábios, em um beijo breve. Me senti segura e amada em seus braços e, quando finalmente, nos olhamos seu rosto estava banhado em lágrimas. Se havia alguma dúvida de seu amor por mim, ele se desfez naquele exato momento. As lágrimas de Davi eram a personificação do quanto ele me amava e, vê-lo demonstrar isso, me fez sentir que finalmente sou amada de verdade. Fechei meus olhos quando senti seus lábios sobre os meus, novamente, sob os aplausos de todos. Preocupada, levei minhas mãos aos seus ouvidos, para abafar o som que, para ele era desconfortável, então parando de me beijar, ele disse:

— Não se preocupe, coloquei protetores potentes, caso você fosse gritar comigo. — E sem me deixar falar, continuou: — Passei tanto tempo procurando o amor e não percebi que ele estava bem a meu lado. Eva, você quer que eu seja seu amor? Porque você já é o meu.

Olhei para ele e meu peito se encheu de felicidade, ter um homem como ele a meu lado é saber que serei amada todos os dias de minha vida.

— Caso esteja na dúvida, você sabe, quando um *Aspie* ama, é de verdade, não mentimos sobre esse sentimento. — ele disse nervoso.

— Sim, Davi! Eu quero que você seja meu amor! — beijei seus lábios com ternura sabendo que finalmente seria feliz! — Eu te amarei, para sempre!

— Eva... — ele falou me abraçando.

— Hum? — Perguntei já sabendo a resposta.

— Isso também é Always! — ele me repreendeu.

Joguei a cabeça para trás e ri muito, acompanhada de Davi, que sorriu como eu nunca o vi sorrir antes. Eu sabia que, a partir desse dia, cada segundo com ele seria um aprendizado ainda maior e eu estava ansiosa para viver esse amor.

— Tem uma coisa que você precisa saber Davi.

— O que é? — ele perguntou, enquanto acariciava meus cabelos.

— Eu não estava me casando. Ele é meu avô e nós estamos atrapalhando a comemoração das bodas de ouro deles.

Ele me olhou, depois pendeu a cabeça para o lado e olhou para meu avô, que acenou para Davi sorrindo e, ele acenou de volta, se voltou para mim e disse sério:

— Ainda bem porque ele é muito velho para você!

Todos riram, inclusive meu avô, e nós andamos abraçados pelo tapete, para

encontrar Gisele e Elói. Eu a abracei, ainda com lágrimas nos olhos e ela me disse emocionada:

— Bem vinda à família, minha amiga!

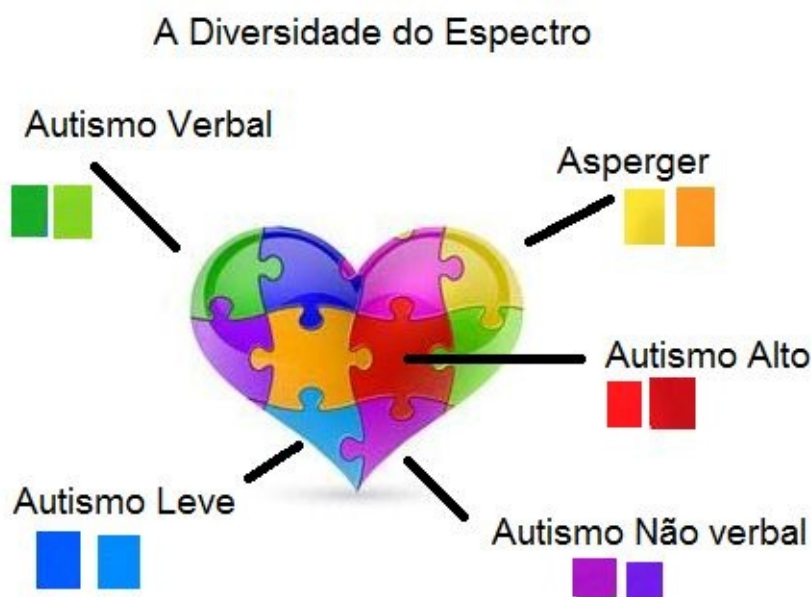
Sobre TEA: Transtorno do Espectro Autista

Estima-se que mais de 2 Milhões de Brasileiros tenham Autismo.

A ONU estima que há 70 Milhões de pessoas com Autismo no mundo.

As cores conseguem ultrapassar as barreiras da mente, levando um pouco de equilíbrio emocional ao Autista.

O símbolo do Autismo é um quebra cabeças, que representa a complexidade do Autismo e seus diferentes espectros, encaixando-se e formando o TEA.



Quero agradecer às leitoras e amigas que participaram de uma enquete com as seguintes perguntas:

O que é Amor e onde ele se encontra?

“Pra mim amor é o que vivi com meu marido até dias atrás. Vivemos juntos 46 anos, lado a lado. O amor se encontra nas atitudes de cada um com o outro. Na presença sempre lado a lado, no companheirismo, cumplicidade, união e harmonia entre os dois. É um sentimento no coração, mas se não tiver tido o que falei dos dois lados, não é amor. Amor de um lado só não vale. Tem que ser recíproco. Amor é querer o bem da outra pessoa, querer estar junto, ter prazer em estar ao lado da pessoa. Eu amei e ainda amo meu marido”.

(Sueli Antonio)



“É um pouco complexo, às vezes acho que o Amor é aquilo que, de repente, nos aproxima de alguém sem explicação. Às vezes temos a impressão de conhecer uma pessoa há muitos anos, quando só conhecemos há dois dias. Há também o Amor puro de almas, que se reconhecem em qualquer lugar onde estiverem, o amor pelos animais e o amor fraterno. Amo minha mãe, foi ela quem me salvou e me deu um lar, uma vida. Ela me adotou com cinco dias de vida, mesmo já tendo uma filha. Amo minha família!”

(Somara Sol Pereira)



“Amor, uma palavra tão pequena, com uma imensidão de significado, mas, para mim, o amor é o mais puro dos sentimentos, onde somente a pessoa pura de coração pode senti-la. Amor pode ser encontrado em qualquer lugar, basta prestar atenção ao seu

coração.”

(Angelina Martins)



“O amor é tudo. Tem de filho, neto, pai, mãe e irmãos, mas tem amor de boy magia, que faz a barriga ficar ansiosa, querendo abraçar e beijar”.

(Nilce Rodrigues)



“O Amor é um sentimento que não se explica. Se sente. Há vários tipos de amor, você o encontra em um casal, seja qual for o gênero, encontra no cuidar de uma mãe para um filho. Tratar a pessoa bem, cuidar de alguém, seja humano ou animal, dar atenção, servir, doar, o amor está nas pequenas coisas do dia a dia, vem junto com respeito e admiração”.

(Marilene Vasconcelos)



“O amor é aquele sentimento onde duas pessoas se amam independente das situações e problemas que possam viver, onde nada pode desmoronar e resiste com as dificuldades, fazendo com que estas pessoas fiquem unidas nos momentos ruins e celebrem intensamente os momentos de alegria. Encontraremos o amor em todas as coisas que olhamos com os olhos do coração e na simplicidade de cada gesto”.

(Terezinha Clepf)



Onde está o Amor?

A resposta é simples, dentro de você!



Obrigada por sua leitura, agradeço, de coração se puder deixar sua avaliação na Amazon.

Conheça meus Romances:

<http://twixar.me/4PT1>

Curta a Página no facebook:

<https://www.facebook.com/luhcardosoautora>

Siga-me no Instagram:

<https://www.instagram.com/luhcardosoescritora>